
REVISTA
DA SEMANA
N. 4
23-1-54
o Brasil
EXTRA
HELIO FERNANDES
APONTA OS 10 HOMENS
MAIS ELEGANTES
DO BRASIL


★ MEDICINA ★ MECÂNICA ★ AVIAÇÃO ★ ARQUITETURA ★ TESTES ★
ROMANCES ★ TEATRO ★ CINEMA ★ CURIOSIDADES ★ CONTOS ★ NOVIDADES ★
AVENTURAS ★ EX-LIBRIS ★ QUEBRA-CABEÇAS ★ ESTATÍSTICAS ★
HISTÓRIA ★ LITERATURA ★ POLÍTICA ★ RELIGIÃO ★ CIÊNCIA ★ ASTROLOGIA ★
O MAIS COMPLETO
E EXATO
RETRATO do MUNDO
ALMANAQUE
34.º ANO
1954
Eu Sei Tudo
e empolgante

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 4 ★ 23-1-1954

SUMÁRIO

O meu melhor flagrante	8/11
Os dez homens mais elegantes	14/18
Pingue-Pongue	20/22
Michèle entrando aos 17 anos	28/29
Reportagem de verão	30/31
Fugiu a pomba de Picasso	40/42
Só faltava radar na quadrilha dos piratas do «whisky»	44/46
Os políticos são assim	52/53
O cêrco	3
Por êsse mundo de Deus	4/6
O Brasil fora da barra	7
Semana literária	24/25
Varanda a 1º de janeiro	26/27
Nove pequenas para um rapaz	32/33
Week-end na cozinha	34/35
Um pouco de beleza	38
Lingerie de verão	39
Semana em revista	54/55
Semana política	56/57
Último flash	58

Capa: CHRISTINE HALSCH (do cinema sueco — Foto Asmann)

- Redator-Chefe: **Joel Silveira**
- Assistente: **Hélio Abreu**
- Paginação: **Victor Tapajós**
- Desenhos: **Alberto Lima**
- Publicidade: **J. M. Costa Júnior**

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da **CIA. EDITÔRA AMERICANA.**

- Diretor: **Gratuliano Brito**
- Assistente: **Renato de Alencar**

ENDEREÇOS E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Tel.: 34-1569
Publicidade: M. Gonçalves da Silva — Rua 15 de Novembro, 228, 5º andar, sala 517 — Tel.: 33-4811.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 250,00
Seis meses	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 400,00
Seis meses	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 76 páginas.

O Cêrco

JOEL SILVEIRA

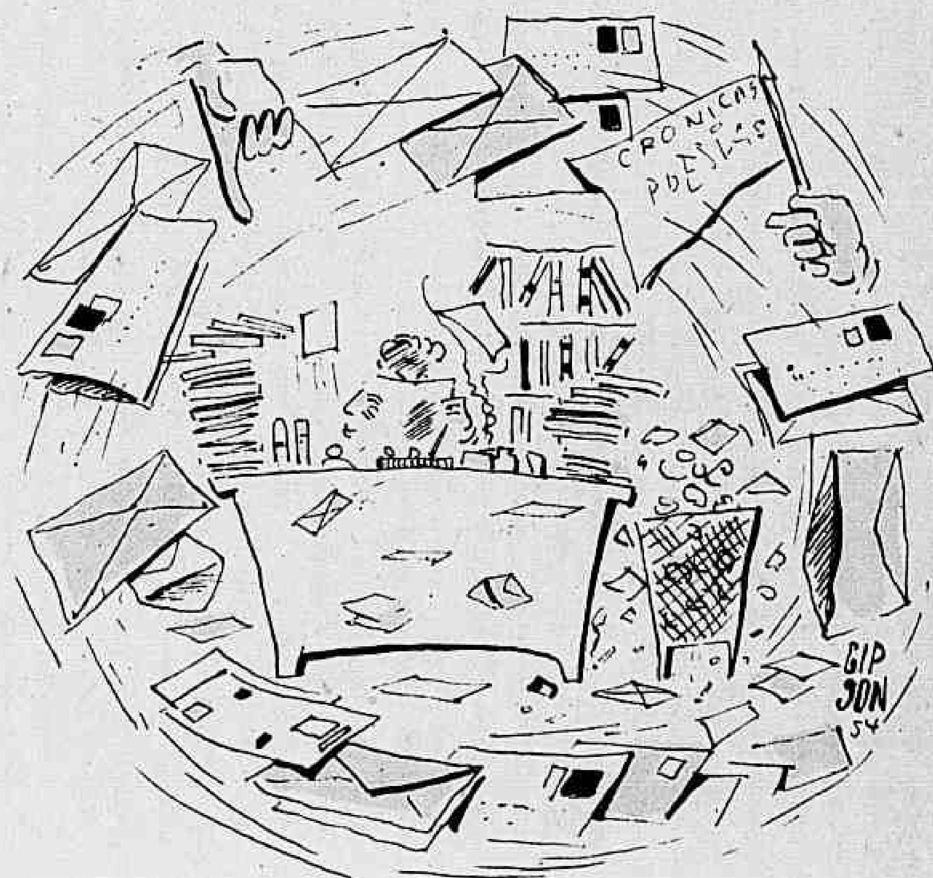
SECRETARIAR jornal ou revista é viver numa cidade sitiada; e diàriamente a gente se vê atraído para uma guerra que não vale — a guerra das môscas. Trazemos para dentro dos muros os nossos amigos, convencionamos que êles, isolados ou em bloco, consubstanciam o que de mais completo e perfeito possa existir no jornalismo moderno, e tentamos ignorar as môscas. Mas as môscas não nos ignoram: voltam sempre e, valendo-se da insidiosa invenção do correio, conseguem subtrair-se à violência dos nossos infantes, postados de mão no coldre da primeira à última página da revista.

Ah! o correio. Demora, é verdade, mas é diabólico: chega sempre. Vem de Mogi e do Cotalé, de Pelotas e de Manaus, vem do Recife também. Um calo literário aperta em cada dedo da Nação, fermenta em cada víscera a ânsia expulsiva daqueles, milhões, que se atormentam e sofrem e morrem com o enjôo que o anonimato dá.

Chega um instante em que a geladeira, empanturrada, ameaça explodir num violento delírio de hortaliças em prosa e verso. Tentamos salvar o móvel aliviando o seu conteúdo, e nos decidimos, numa tarde vazia de sábado, a um inclemente expurgo. Vamos ao pogrom! Atiramo-nos, então, ferozmente hunos, à obra de destruição. Rasgamos, amassamos, mordemos, estripamos, seccionamos a carótida de poetas e asfixiamos batalhões de prosadores — numa guerra dura que vai até o começo da noite, quando o último lampejo do sol nos surpreende arfantes e saciados entre os destroços datilografados ou em manuscrito da brutal chacina.

Desagregadores sortilégios do crepúsculo! O branco e morno fim do dia nos envolve, passa os seus imponderáveis dedos pelos nossos cabelos, nos abraça com um jeito derreado de amor depois da janta. Navegamos agora numa região que se estira, fácil e dúctil, entre o limbo e o Largo da Lapa. Vamos morrer, sonhar, quem sabe? E é exatamente nesse instante, em que nos advinham a vontade frouxa e o ímpeto amortecido, que as môscas, resurrectas, se recuperam, atacam e nos derrotam. A papelada rôta se recompõe silenciosamente, como num "puzzle" de fantasmas, e os originais amassados se distendem e se esticam, sòzinhos, como passados a ferro pela mão de Belbezu, notório protetor de tôdas as môscas.

Inútil qualquer gesto de reação; inútil investir, rasgar, morder e amassar novamente. O limbo é de borracha, e vem do Largo da Lapa (ou do céu) uma musicazinha de anjo aprendendo breque.





Por êsse Mundo de Deus

O SÁBADO DE JOAN VISTO POR JOAN

Promete largo sucesso o filme «Our girl Friday», recém-produzido pelos estúdios britânicos. A película é estrelada pela jovem, bela e exótica Joan Collins, que já conta com o seu nome entre os primeiros do time feminino do cinema inglês. O flagrante acima, mostra Joan Collins, vestindo vistosa «toillete», (encimada por um sorriso), quando dava entrada no Leicester Square Theatre, para assistir a «première» do «Our girl Friday».

TAL PAI, TAL FILHA — Uma fotografia do campeão mundial de box, Rocky Marciano, com sua filhinha Anna Maria e espôsa.





O TRÁFEGO EM LONDRES — Fotografia de uma tarde em Piccadily Circus

O POETA MALDITO

Dylan Thomas, o poeta inglês de 39 anos, falecido no ano passado, vítima de hemorragia cerebral, foi sempre bastante poeta prodígio e poeta maldito. Precoce, desde seu primeiro livro, «18 Poems», tôdas as suas obras, em prosa e em verso fizeram sucesso. Dylan Thomas era casado e tinha três filhos. Responsabilidade que não o impediu de tomar pileques homéricos, causa real de seu fim prematuro.



Nos Estados Unidos, o poeta era popularíssimo. Aí, para não deixarmos de contar pelo menos um de seus «casos», durante uma recepção em sua homenagem, Dylan Thomas interrompeu um discurso, definindo-se a si mesmo: «Não, a coisa não é bem assim... Antes de tudo, sou um galês. Em segundo lugar, sou um bêbado; e em terceiro lugar, um amante da espécie humana, sobretudo das mulheres.»

A CARICATURA DA SEMANA

— Ei, velhinho, vai fornecer o cigarro?





Fotografia que ganhou recentemente o concurso de a mais bela imagem da coroação da Rainha Elizabeth II, de H.P. Andrews, da United Press.

DISSERAM...

Monsenhor **Geoffrey Fischer**, arcebispo de Cantuária, e primaz da Igreja Anglicana: «Imploro humildemente ao Senhor de não permitir que um partido clerical ou cristão penetre no Parlamento. Mas se minha oração não fôr ouvida, estou decidido de chefiar a oposição contra tal partido».

★

A atriz **Mona Freeman**, explicando suas relações sentimentais com o viúvo e católico Bing Crosby: «Falando de modo geral, e sem referir-me particularmente a Crosby, certamente agradar-me-ia casar-me de novo. Mas sou católica e estou divorciada. Não poderei obter uma anulação de meu primeiro matrimônio (com Pat Nerney) porque não tenho nenhum fundamento para isso. Se me casasse de novo, mera hipótese, deveria renunciar à minha religião. Eu e Bing Crosby somos bons amigos e espero que sempre o sejamos».

INSTANTÂNEOS

O GÁS EXTERMINADOR

A revista americana **Colliers** revela que a U.R.S.S. está de posse de um gás capaz de paralisar e aniquilar a população de uma cidade em poucos minutos. Êsse gás mata o homem atacando seus centros nervosos. Uma única fortaleza - voadora poderia transportar uma quantidade dêle suficiente para aniquilar a população de um território de 200 km quadrados.

●

FILHO DE HITLER

Joseph Gross, cidadão austríaco de trinta anos, pretende ser filho natural de Hitler. Como prova, mostra um testamento manuscrito no qual o Chanceler do III Reich o reconhece como seu próprio filho e o aconselha a prosseguir em suas atividades.

●

AOS TÍMIDOS

Um inventor canadense acaba de criar uma máquina falante, destinada a dar aos tímidos a confiança em si mesmos. A máquina exclama de meia em meia hora: "Velhinho, tudo que você faz está muito bem feito..."

●

PRÊSA LILA LEEDS

A atriz Lila Leeds foi prêsa durante a visita que fêz a uma amiga na prisão de Joliet, no Estado de Illinois. Os policiais, notando que a atriz procurava tirar alguma coisa de dentro do "soutien", acercaram-se dela e encontraram em seu poder uma seringa hipodérmica e algumas ampolas de estupefacientes. Lila pretendia passar o "contrabando" à amiga viciada. A própria Lila Leeds estêve metida, há algum tempo, em um "caso" de maconha com o ator Robert Mitchum.

●

O PROFETA VICTOR HUGO

Nos "Carnets Intimes" de Victor Hugo, para os anos de 1870-1871, só agora publicados, há a seguinte anotação, datada de 17 de julho de 1870:

"Há três dias, a 14 de julho, enquanto eu plantava em meu jardim de Hauteville-House os carvalhos dos Estados Unidos da Europa, no mesmo momento a guerra estourava na Europa e a infabilidade do Papa estourava em Roma. Em cem anos, não haverá mais guerra, não haverá mais papa, e o carvalho estará grande".



O BRASIL *fora da barra*

ПИСМО ИЗ БРАЗИЛИЈЕ

БОРБА ЗА ПЕТРОЛЕЈ

Неслагање политичких странака око експлоатације бразилског петролеја



«Michael Pat O'Brien, o «cidadão errante», teve finalmente terminada sua peregrinação. Como se sabe, êle partiu há um ano, de navio, diretamente de Hong Kong para Macau. Quando chegou, porém, as autoridades impediram seu desembarque; O'Brien, assim, continuou sua viagem forçada, de um país para o outro, de um continente para o outro, sempre tido como «indesejável». Agora, finalmente, êle é acolhido no Brasil. Aqui O'Brien (ao centro) é fotografado enquanto desembarca no Rio». Esta é a legenda da revista italiana «Settimo Giorno».



Рио де Жанеиро

(Специјално за Политику)

Рио де Жанеиро, маја

(авионом)

Мала „Палата Монрое", зграда бразилијанског Сената, и по своме изгледу и по читавој атмосфери око ње, одбија сваку помисао на законске предлоге, амандмане, озбиљне сенаторе и њихове одлуке. Та љупка грађевина саграђена је почетком овог века у Сан Луису, у САД, где је служила као бразилијански павиљон на тамошњем сајму. После сајма скинули су с ње пажљиво циглу по циглу, пренели је у Рио де Женеиро и поново саградили на самом улазу у пословни део града. Иза ње, тамо у авенији Рио Бранко, куљају хиљаде аутомобила и пешака, стиснутих међу облакодерима, у тешкој запари и бензинском смраду. Испред ње пак пружа се најшири и најцветнији трг Рија, „Праса Парис" и блештави залив Гванараба, за који кажу да је најлепши залив на свету. И зато, због тога вечито сунчаног и цветног трга и мора испред њега, улазећи у Сенат, мисли су вам далеко од сенаторских дебата, мада су оне ових дана жучније него икад досад. Ломе се копља око судбоносног питања — ко ће, када ће се и како ће се експлоатисати богата лежишта бразилског петролеја.

Засад их уствари не експлоатише готово нико, а петролеја је потребно све више. Бразилијанци за себе понекипут у шали кажу да се деле на два дела: на оне који имају аутомобиле и на оне — који их желе. Бразилијанци прате сваку вест о аутомобилима и авионима. Увоз петролеја стално расте, и прошле године достигао је десетину целокупног увоза пошто домаћа производња покрива тек нешто испод три отсто потреба. Ако потребе за петролејом и даље буду тако расле, а сви су изгледи да ће расти, и он се не буде довољно производио у земљи, или се Бразилија никада неће извући из спољних дугова или ће транспорт бити тешко погођен.

О проблему петролеја Конгрес дискутује већ више од годину дана. Раније би то можда ишло једноставније: биле би дате концесије „Стандард ојлу". Али данас већина овде има пред очима пример Персије, коју су приклештили странци који су тешком муком били избачени с њених петролејских поља, и пример Венецуеле, која је свој петролеј дала на коришћење „Стандард ојлу", тако да је данас сведена на положај земље која само производи петролеј, а увози из САД чак и пржене кромпириће у целофанским кесицама.

Esta notícia foi publicada no jornal «Politika», da Iugoslávia. Tudo que sabemos a respeito dela é que se refere ao Brasil. Quem souber mais do que isto pode lê-la aqui.

A VOLTA DOS EMIGRANTES DESILUDIDOS

NUM jornal espanhol lemos uma reportagem intitulada «No Todo Son Sambas Folklóricas En El Brasil», na qual um certo senhor Juan Nadie (João Ninguém) conta as peripécias de uns poucos operários espanhóis que tendo sido atacados de uma «verdadeira psicose aventureira», resolveram embarcar para o Brasil. O primeiro que aqui chegou, escreveu para os outros cartas otimistas, onde no Brasil, segundo o velho ditado, «se amarravam cachorros com lingüiça». Seus companheiros pensando numa economia para a velhice e até na possibilidade de um operário especializado ter o seu próprio automóvel, como na América do Norte, não exitaram e embarcaram também.



O repórter demonstra maior surprêsa quando um tal Manuel Abraira — um madrileno (!) — «também se deixa seduzir pelas sereias que lhe cantam ao ouvido a canção do progresso e das riquezas ao alcance das mãos». Êste moço parece que sofreu muito, porque depois contou ao repórter espanhol que aqui lhe cobravam, numa pensão, a mensalidade de mil e quinhentos cruzeiros «para dormir na mesma habitação com quatro ou cinco negros do país».

Finalmente, depois de quatorze meses de sofrimentos no Brasil, Abraira que levara consigo todos companheiros, «num belo dia de primavera, põe o pé em terra espanhola» e respondendo a uma entrevista, declara, a respeito do carnaval brasileiro.

— «Sim. São uns dias verdadeiramente desconcertantes para um europeu. E' o império das paixões desenfreadas. O critério é o de que nestes dias não existe outra lei além das frívolas e caprichosas decisões de «Momo». Durante três dias se diz «vale tudo». O samba invade a rua e tudo mais».

De nossa parte, lastimamos profundamente que um operário tão especializado, tão madrileno, tão perspicaz, tão observador, tão ponderado, tão inteligente, tão culto, tão esperto, tão empreendedor, tão bem intencionado, tão correto, tão viajado, tão exigente, tão espanhol, OLE!, não tenha se adaptado bem por aqui.



O semanário italiano «L'Europeo» apresenta uma longa crítica ao filme «Le Salaire de la Peur», recentemente exibido em Milão. Entre o desempenho dos diversos intérpretes também menciona o de Vera Clouzot, a espôsa do diretor. Aliás, é dela a única fotografia que ilustra a crônica. A assim, contemplamos novamente o perfil de Vera Amado, como se chamava em solteira a brasileiríssima espôsa de Clouzot.



CUSTOU SUOR, PACIÊNCIA, SOFRIMENTO E AGILIDADE

O MEU MELHOR FLAGRANTE

HÁ SEMPRE UM GRANDE DIA NA VIDA DOS FOTÓGRAFOS DOS JORNAIS, QUANDO OPORTUNIDADE INESPERADA PODE SURGIR DE UMA HORA PARA OUTRA, EMERGINDO VIOLENTA E SENSACIONAL DOS PROSAICOS ACONTECIMENTOS DO DIA

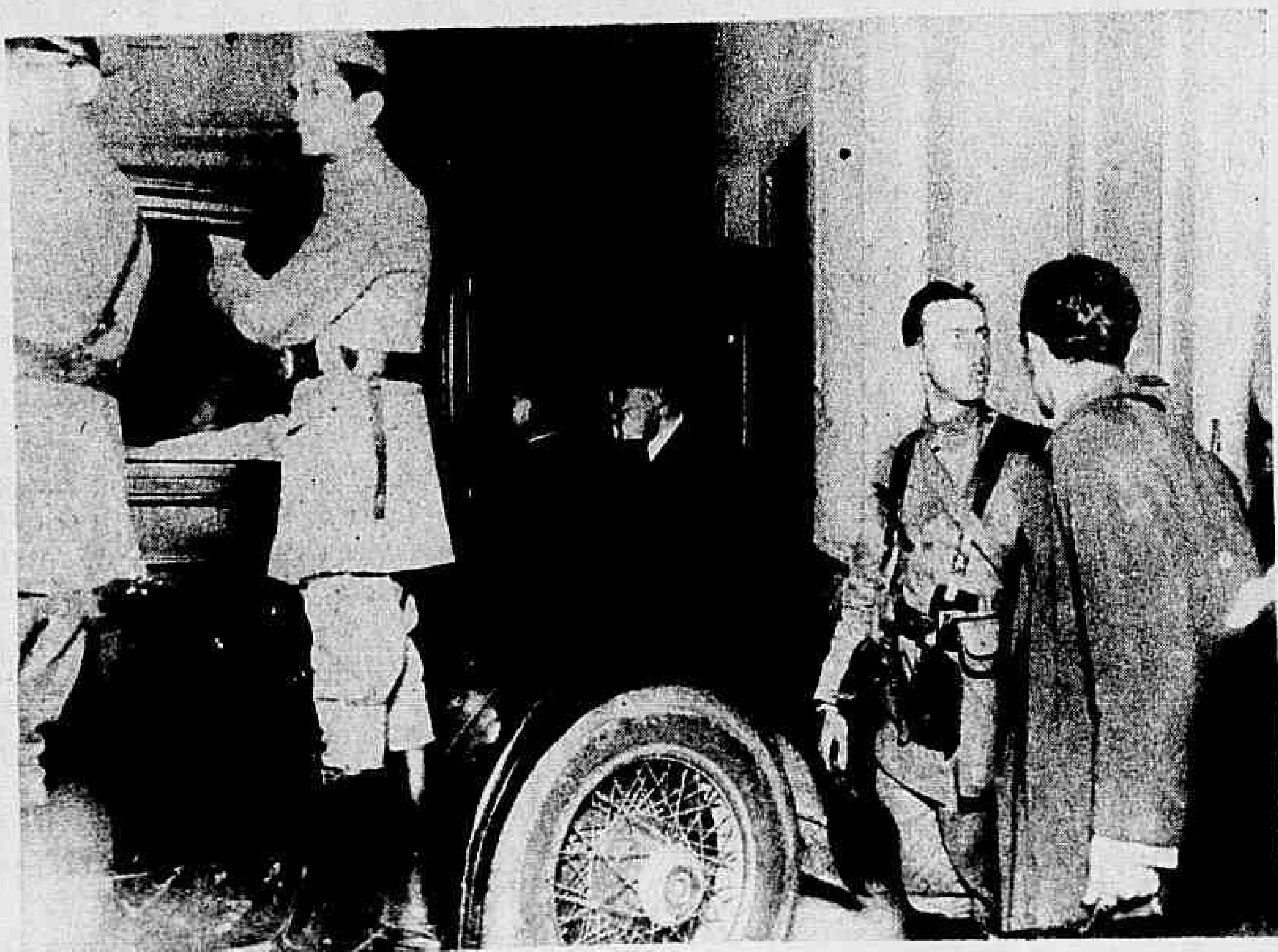
Reportagem de EVANDRO MENDONÇA

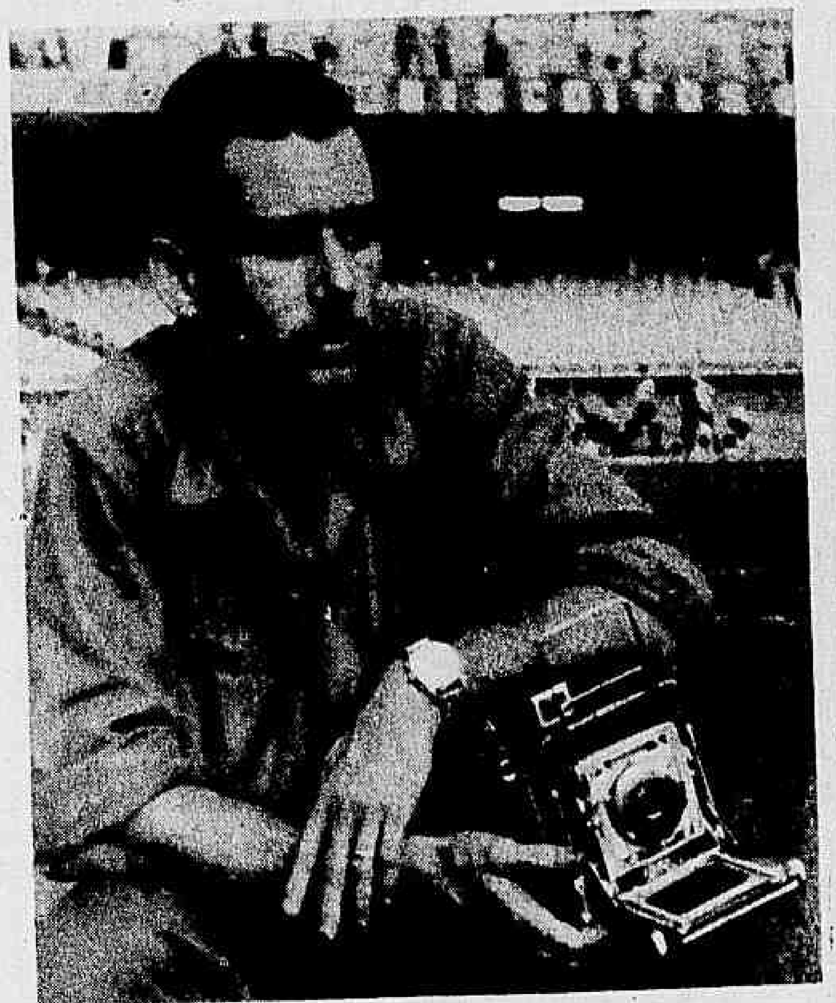
YLLEN Kerr, Indaiassu Leite, Arnaldo e Adir Vieira, Orlando Machado, Antônio Monteiro, Nestor Leite, Alberto Ferreira Lima, José Santos e Alexandre Miranda, representam, nesta reportagem, os fotógrafos da imprensa brasileira, com seus melhores flagrantes. Ao contrário dos repórteres que se perdem em palavras para dar sentido às frases e aos assuntos, que usam têrmos ríspidos e líricos, demagógicos e sonoros para transmitir aos leitores suas impressões de fatos e pessoas os fotógrafos usam apenas uma máquina. Essa máquina pode ser uma pesadona Speed, uma elegante Rolei ou uma cômoda Leica, não importa. Pode também ser um aparelho simples, apenas com sua lente e seu filme. Mas às vêzes é complicado com «flashs», teleobjetivas, grandes angulares, filtros, rebatedores e extensões. Depende do assunto. Mas a linguagem dos fotógrafos é simples e exata, dizendo tudo num retângulo de papel. Êles fazem, com seus flagrantes, a história dos esportes, da polícia e da vida do país, de maneira movimentada e inapagável. Êles apreendem em seus negativos o riso das mulheres, os gestos das crianças, a raiva e a subserviência dos políticos. Tudo pode mudar, mas as fotografias são eternamente comprometedoras. Nesses flagrantes que publicamos nas páginas que seguem há muita história. E como são fotos, não é necessário escrever muito: elas fazem por si mesmo.



ARNALDO VIEIRA:
Fotografou Washington Luís deixando o Govêrno

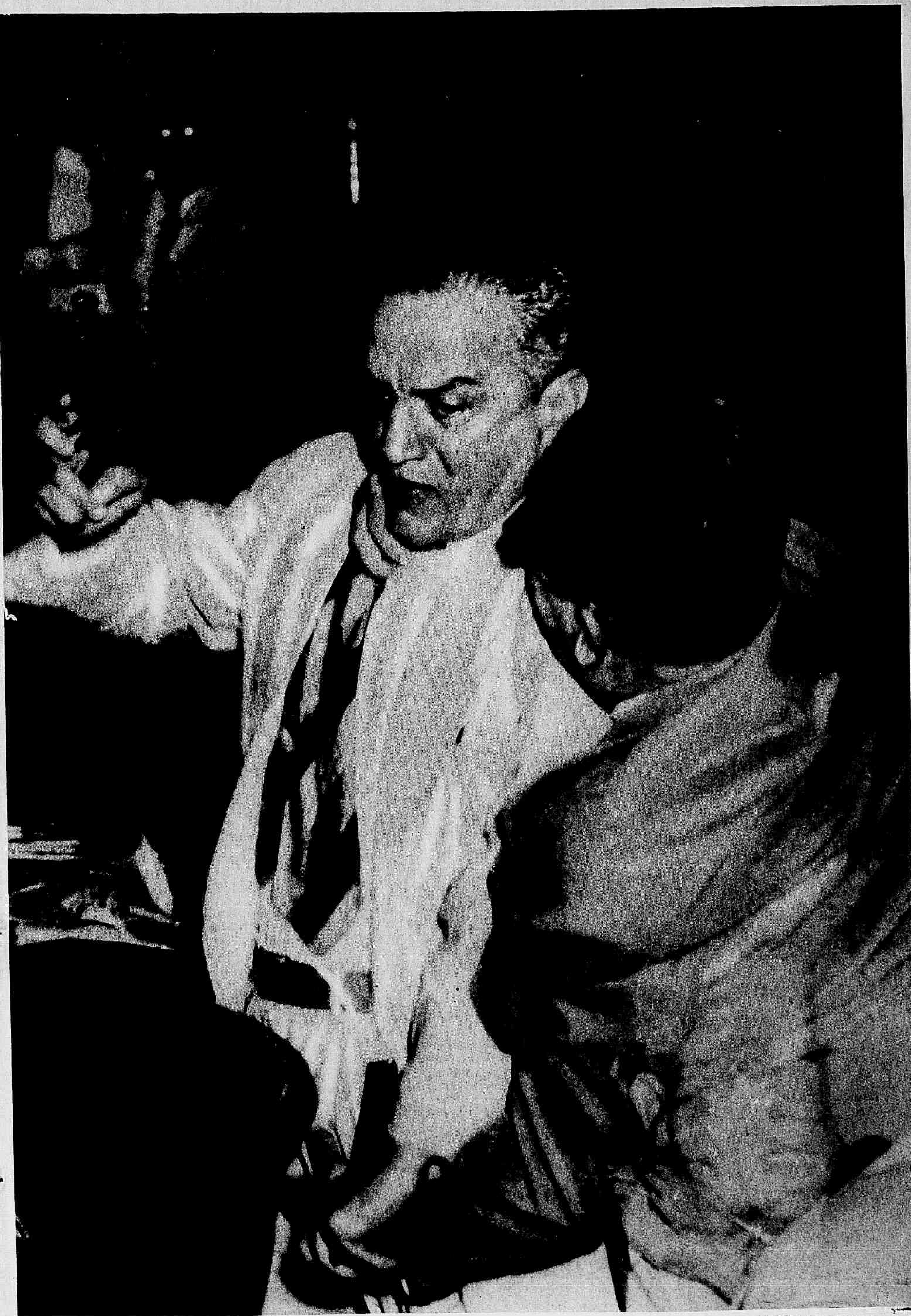
Entrando para a «Revista da Semana» pelas mãos de seu pai, o fotógrafo Joaquim Alberto Vieira (falecido), Arnaldo Vieira desde 1918 vem fotografando até hoje para a nossa revista todos os grandes acontecimentos jornalísticos do Rio. No mesmo 1918, no dia do armistício, Arnaldo estava na Avenida com uma máquina 13x18 quando viu a multidão na avenida gritar e pular de contentamento. Preparou sua máquina e pegou suas primeiras grandes fotografias. Em 1921 armado de uma máquina de tripé e usando o magnésio acompanhou a visita do Rei Alberto ao Brasil, fotografando, com muita fumaça as cenas de recepções, bailes e inaugurações. Seu melhor flagrante continua sendo ainda o da deposição de Washington Luís, tendo como nota curiosa na foto o aparecimento nela do então repórter de polícia de «A Noite», Edmundo Barreto Pinto (de capa à direita). Em matéria de deposições Arnaldo tem sido feliz porque em 1945 também fotografou Getúlio Vargas deixando o Palácio Guanabara. Já fêz cêrca de 150.000 fotografias e iniciou na profissão seus dois filhos, Arnaldo e Adir.

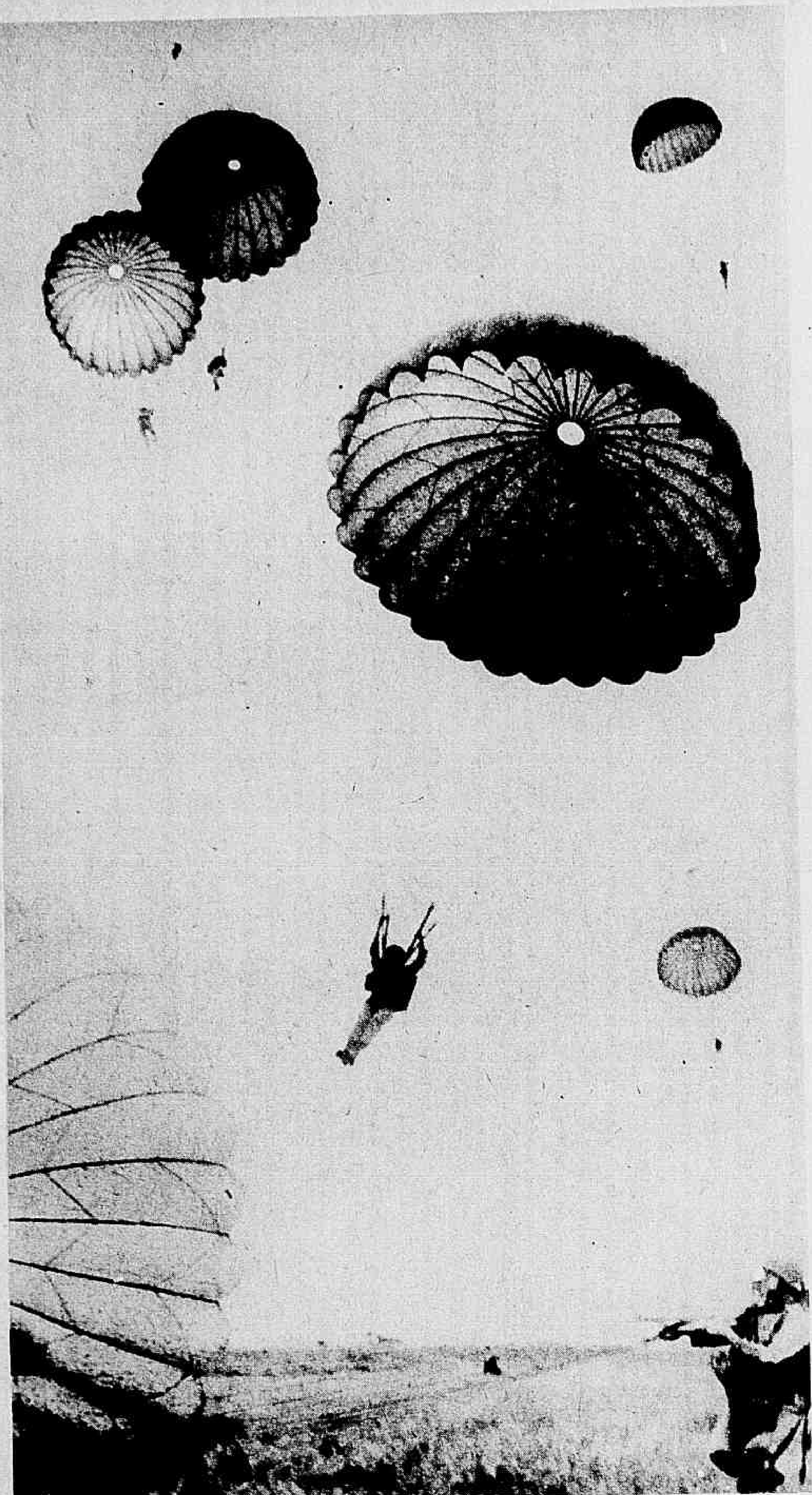


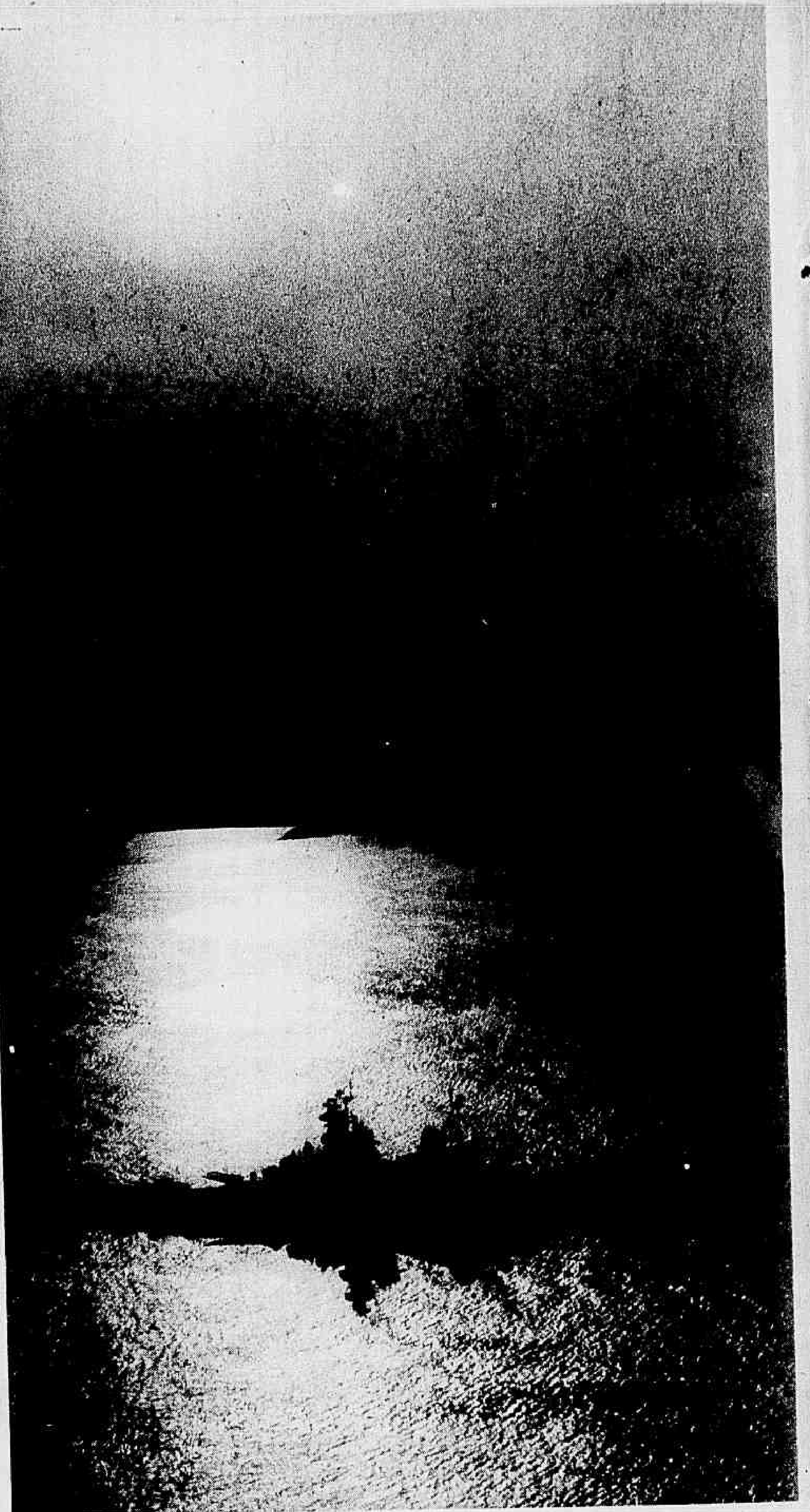


JOSÉ SANTOS:
O tiro não saiu pela culatra

José Santos é dos mais conhecidos profissionais da fotografia que trabalham na imprensa do Rio. Trabalhou em vários jornais cariocas, estando há alguns anos no vespertino «O Globo», agindo indistintamente nos setores esportivos, policiais e políticos, fotogràficamente falando. Ùltimamente, onde tem-se destacado mesmo é na parte dos esportes, onde vem colecionando e publicando uma longa série de ótimos flagrantes. Entretanto, o seu maior flagrante, o preferido do Zé Santos é ainda aquêle apanhado em princípios do ano passado durante o famoso reboliço ocorrido no interior da «Gaiola de Ouro». Aí está o flagrante: durante uma discussão o vereador (e atual Secretário de Agricultura) João Luís de Carvalho saca violentamente de um revólver mas é contido em tempo por um colega.







ADIR VIEIRA:
Começou aqui em casa

Desde os 15 anos que Adir (filho de Arnaldo, neto de Joaquim) Vieira começou a mexer com coisas de fotografias, primeiramente ajudando o pai, hoje trabalhando por conta própria. E' jovem, bem falante, elegante e considerado um profissional de primeira. Seu primeiro serviço sério foi feito para a «Revista da Semana» (onde êle trabalhou por muito tempo seguindo o xemplo do pai e do avô) por ocasião do embarque do primeiro escalão da F.E.B. Trabalhou na «Última Hora» (no Rio e São Paulo), hoje colabora para «Manchete». Tem mania de viagem e durante a expedição de João Alberto a Ilha da Trindade quase perde a máquina (e a vida), quando a «balsa» em que viajava bateu nos rochedos da praia. Seu melhor flagrante foi conseguido durante as manobras do Grupo de Pára-quedistas do Exército. Prevendo um acidente na descida correu pelo campo de Gramacho (totalmente alagado) a tempo de colhêr o flagrante do choque de dois pára-quedas em pleno ar, obtendo a excelente foto que publicamos, onde aparecem 4 planos de ação. Não faz boêmia, não bebe, é homem sossegado e doméstico.



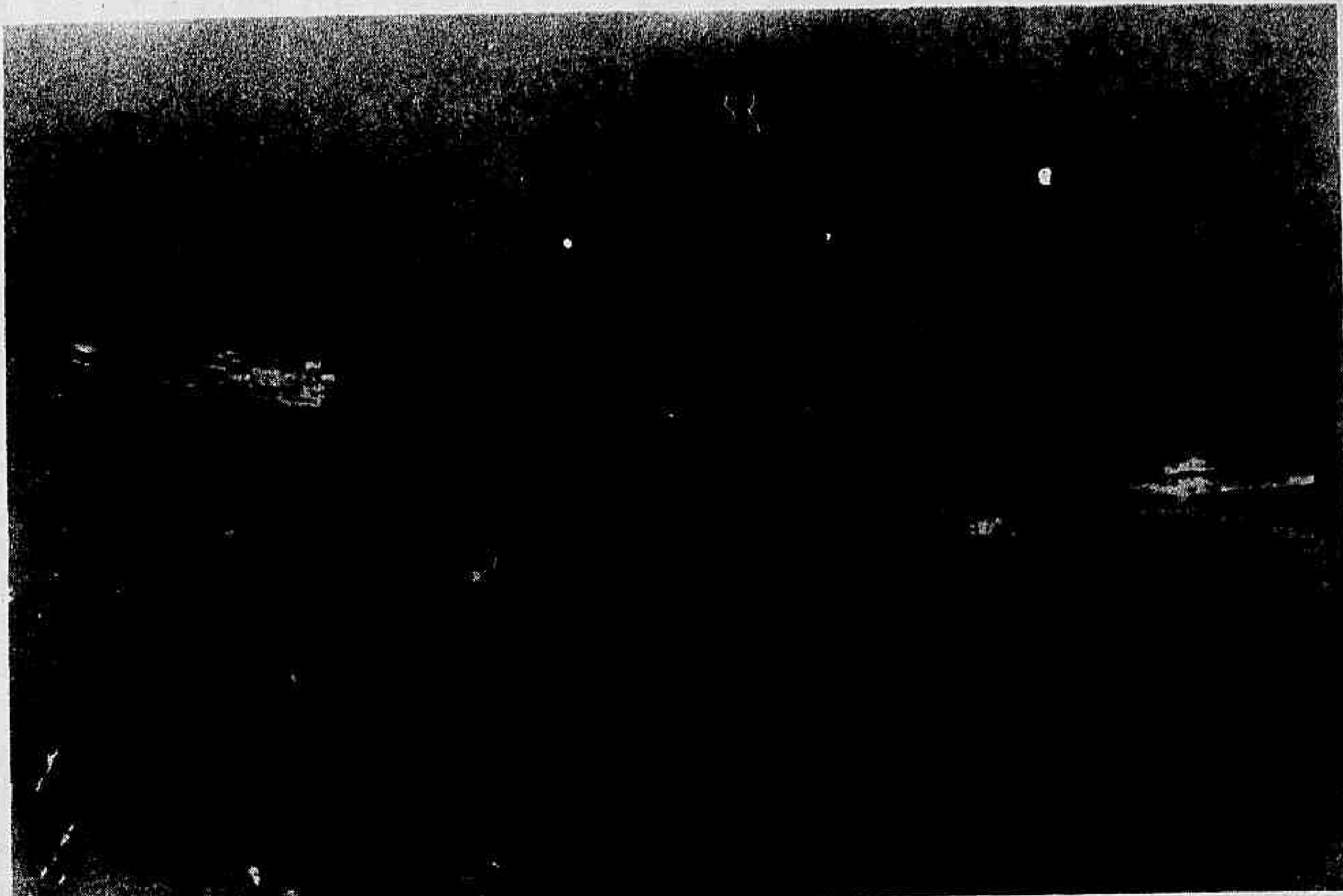
Gosta de ajudar os colegas.

ANTÔNIO MONTEIRO
Conhece todo mundo

Antes de ser fotógrafo, Monteiro foi vendedor num balcão de charutaria. Depois um freguês quis fazer dêle telegrafista e arranjou-lhe um emprêgo na Itacable. Antônio Monteiro não passou de mensageiro. Desistiu da colocação e foi ser fiscal de bancas de jornais. Indo procurar um seu irmão na redação de «A Batalha», um cidadão chamado Francisco Sales perguntou se êle queria trabalhar em fotografia. Monteiro nunca tinha visto uma câmara mas aceitou. Durante muitos anos foi auxiliar do Sales, carregando-lhe a máquina, o tripé e o magnésio. Sales porém nunca deixou Monteiro pegar na máquina para aprender. Com o aprendizado teórico Monteiro comprou uma câmara, conseguiu um emprêgo na «Voz de Portugal». Já com mais experiência foi trabalhar com Geraldo Rocha em «A Nota». Passou ainda pelo «Correio da Noite», «O Globo» (durante 10 anos) e finalmente no «Diário Carioca», onde seus méritos de profissional apareceram mais brilhantemente. Sua especialidade é o esporte. Conhece todo o Brasil e vários países sul-americanos. E' o chefe do Laboratório Fotográfico da Agência Nacional e fotógrafo que tem as melhores relações em todos os setores de atividades.







NESTOR LEITE:
Um flagrante entre duas doses

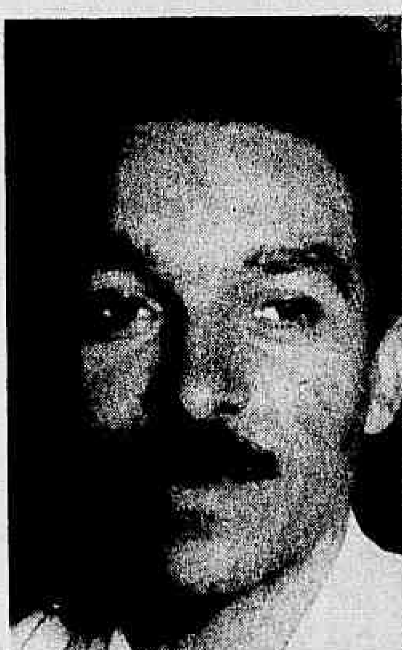
E' o único boêmio da família mas faz boemia por todos: pode ser encontrado tôdas as tardes no Vilarino. Trabalha em «O Globo» e na Agência Nacional. Foi, durante a Ditadura, tofógrafo do Dip. Mas não servia a Getúlio, servia ao seu amigo Amilcar Dutra de Menezes. Suas grandes reportagens: O «suicídio» do polícia Ernâni, no interior da Polícia Central; o tento de Valido, em 1944, que deu o tricampeonato ao Flamengo; a cobertura do desastre do «President» que lhe assegurou o prêmio da melhor reportagem de 1952; o tiroteio de São Luís do Maranhão durante a posse do governador Eugênio de Barros; foi o único que fotografou o Cardeal Pacelli benzendo o Cristo do Corcovado. Foi o único fotógrafo também que conseguiu um flagrante de Luís Carlos Prestes na cadeia.



INDAIASSU LEITE:
Fotografa mango e certo

O chefe do Departamento Fotográfico de «O Globo» é amazonense, mas faz trinta e quatro anos que não visita Manaus. Tem um irmão também fotógrafo, o Nestor Leite. E' chefe do irmão mas se diferem muitíssimo, inclusive nos hábitos. Nestor é um dos bons boêmios desta praça; Indaiassu só bebe água.

Começou trabalhando no «Fon-Fon», passou para «O Jornal» e há vinte anos está em «O Globo». Conhece todo o Brasil, as Américas e a Europa. E' um dos homens mais viajados da imprensa carioca. Entre outras coisas já fotografou três reis: o da Dinamarca, o da Suécia e o da Inglaterra (que morreu). O sueco ficou tão seu amigo que lhe dava palmadinhas nas costas e chegou a convidá-lo para seu fotógrafo oficial. E' um dos camaradas mais importantes na engrenagem de «O Globo» e entrou no jornal na mesma época de Alves Pinheiro e Lucilo de Castro, também dois «bigs» do diário dos Marinho. Está com 44 anos, mas parece um rapaz de 30 sem pintar os cabelos. Veterano, gosta de ajudar os «focas» da fotografia ou da redação e, entre os grandes jornalistas atuais, há vários discípulos seus. No jornal é obrigado a fotografar tudo. Mas sua especialidade é o esporte. Seu melhor flagrante fixa um fato inédito no futebol mundial: um zagueiro dando um pontapé (sem bola) no trazeiro do arqueiro do próprio quadro. O atacante é Oscar Sastre, o arqueiro é Fioli e o desapartante é o zagueiro Charini. Todos pertencem ao Deportivo de Cali (Colômbia) e a foto foi feita no Maracanã.





ALEXANDRE MIRANDA:
O «goal» do Flamengo também foi seu

Miranda veio de Belém do Pará num Ita como centenas de outros seus conterrâneos. Trabalhava como fotógrafo do «Deip», mas com a queda de Getúlio, ficou no desvio. Arrumou a mala, juntou à bagagem uma velha máquina e se largou para o Rio. Ficou perambulando de jornal em jornal. A vida foi difícil para êle mas agora, na «Revista da Semana» teve sua grande oportunidade. E' especializado em esportes e seu melhor flagrante, lògicamente, é esportivo: mostra o tento de Índio, no jôgo do Flamengo contra o América no segundo turno do campeonato carioca de futebol. Sem dúvida um dos grandes flagrantes do futebol brasileiro, porque marcou o «goal» da vitória do Flamengo, quando (ao fundo) o «placard» marcava 2x2.

ALBERTO FERREIRA LIMA:
Flamengo! Flamengo!

Paraibano de Alagoa Grande, deixou um dia a cidadezinha do interior para estudar em João Pessoa. Na capital abandonou os estudos pelo futebol. Foi goleiro do Botafogo (paraibano) e recebia dinheiro por debaixo do pano já que, legalmente, o clube era inteiramente amador. Resolveu vir tentar no Rio, como craque da pelota e não como fotógrafo. Pensou primeiro ser um Ademir antes de ser um Mazon. Treinou no Flamengo, mas foi dispensado: engoliu, de saída, cinco formidáveis «frangos». Fracassado como goleiro, tentou a fotografia. Pegou uma máquina e como seu irmão fôra fotógrafo, Alberto resolveu que também seria. Bateu o primeiro flagrante, vendeu, conseguiu empregos em jornais e revistas e hoje é um dos bons profissionais da imprensa carioca. E' rubro-negro doente e quando seu clube joga seus flagrantes saem sempre tremidos. Dá pulos no meio do campo, chora, esbraveja e dá um «show» completo. Além de torcedor do Flamengo tem mania pelas coisas norte-americanas: usa camisas de colorido berrante com coqueirinhos e moças de «bikini». Seu melhor flagrante é uma curiosa cena esportiva: Gilson, goleiro do Botafogo, saltando para tirar dos pés de Pinga uma bola perigosa.



ORLANDO MACHADO:
Filho de peixe

Outro grande profissional que aprendeu a profissão com o pai. Foi o velho Raul Machado que ensinou ao menino Orlando os segredos da fotografia. Hoje o rapaz tem 31 anos de idade e 15 de profissão. Trabalhou na «Gazeta de Notícias», na «Fôlha Carioca», no «Diário da Noite» e atualmente está em «Manchete». Fala o inglês correntemente, tem mania de automobilista e no seu carrinho Peugeot tem feito misérias nas ruas do Rio, assustando os amigos (caronas), os pedestres e principalmente os guardas de trânsito. Já participou de algumas provas e pretende brevemente abandonar a profissão para ser chofer de caminhão-tanque no interior. Durante a revolta do Maranhão se assustou com o tiroteio, desarmou a máquina e voltou correndo para o Rio, ficando antes refugiado no quartel do gal. Edgardino.





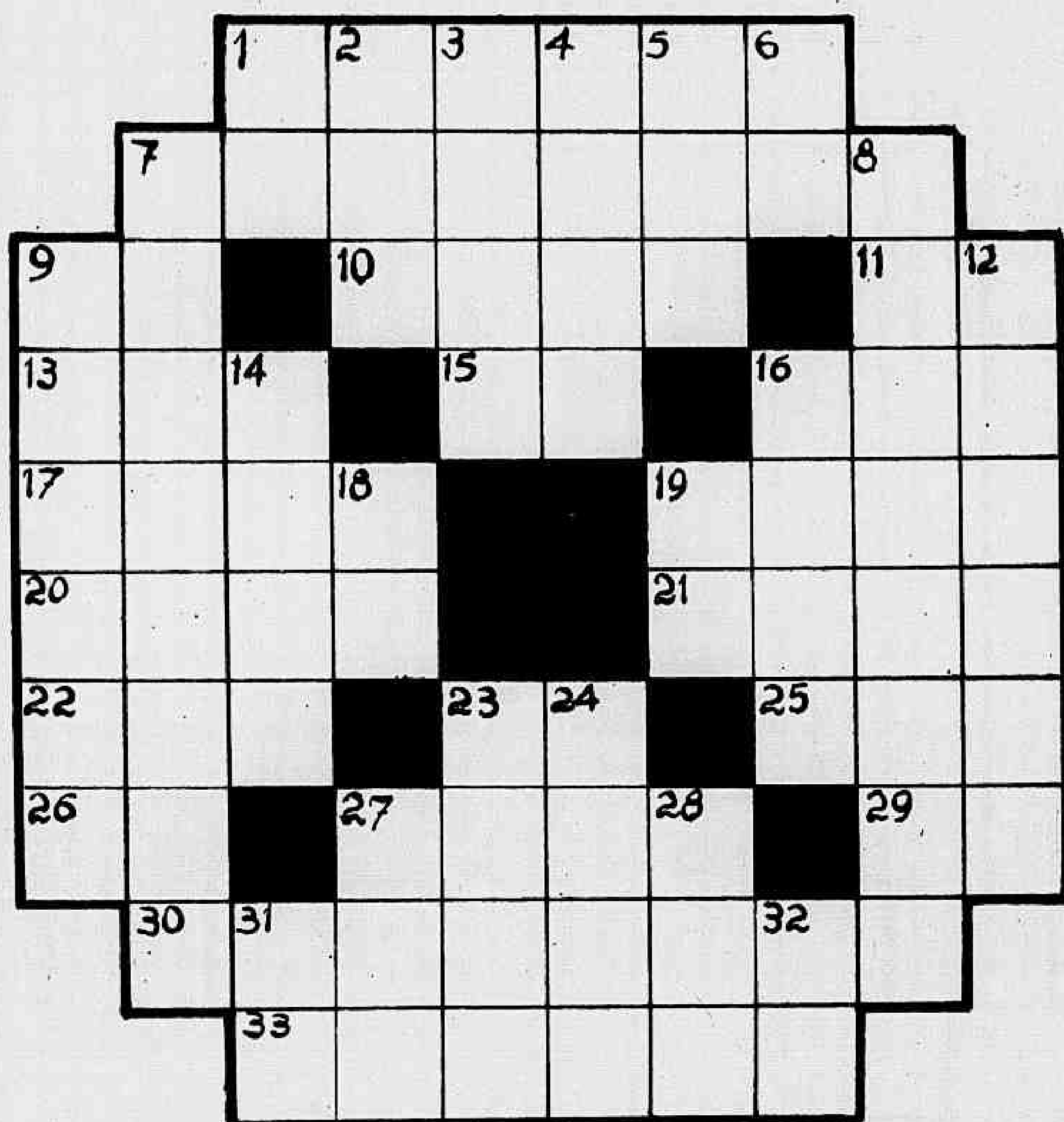
Sua foto mais sensacional foi o afundamento do Madalena. Saiu com Fred Chateaubriand numa lanchinha. A máquina tinha apenas oito chapas e na sexta foto Orlando conseguiu fixar exatamente o momento em que o navio se partia em dois, afundando. Fotografa bem em prêto e branco e em côr (algumas das melhores capas de «Manchete» são de sua autoria) e não pode publicar aqui seu melhor flagrante porque «O Cruzeiro» comprou o negativo e Orlando ficou sem nenhuma cópia. Mas tem êste que aí vai, feito com uma Speed (com teleobjetiva) no momento em que, num páreo, o jóquei Irigoyen passava por um adversário na chegada de um páreo, na Gávea.

YLLEN KERR:
Pinta, ilustra e fotografa

Antes de ser fotógrafo Yllen foi pintor e ilustrador de prestígio nacional. Ilustrou (xilogravura) vários livros brasileiros e trabalhou para uma dezena de revistas e jornais. Depois ganhou um prêmio de viagem (gravura), andou pela Europa inteira e quando voltou não quis mais saber da pintura. Aderiu definitivamente a fotografia. Hoje está em «Manchete» e não pretende fazer outra coisa na vida que não seja reportagem fotográfica. Considera Cartier Bresson, Isiz, Brassai e McCombe os maiores fotógrafos do mundo. E' carioca, estudou arte aqui mesmo no Distrito Federal e já foi professor do Museu de Arte Moderna de São Paulo. Por muitos anos (quando pintor) usou cavanhaque que assustava meninos e senhoras. Hoje está menos louco e mais velho naturalmente. Gaba-se de ser um homem de bom gôsto no vestir e suas roupas coloridas têm um toque britânico que o fotógrafo gosta de espalhar. Seu melhor flagrante é uma cena da sêca no Rio Grande do Norte: em pleno sertão duas crianças inteiramente despidas e desabrigadas, comem carne podre e dormem sôbre as próprias fezes.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA Nº 1 — PARA VETERANOS

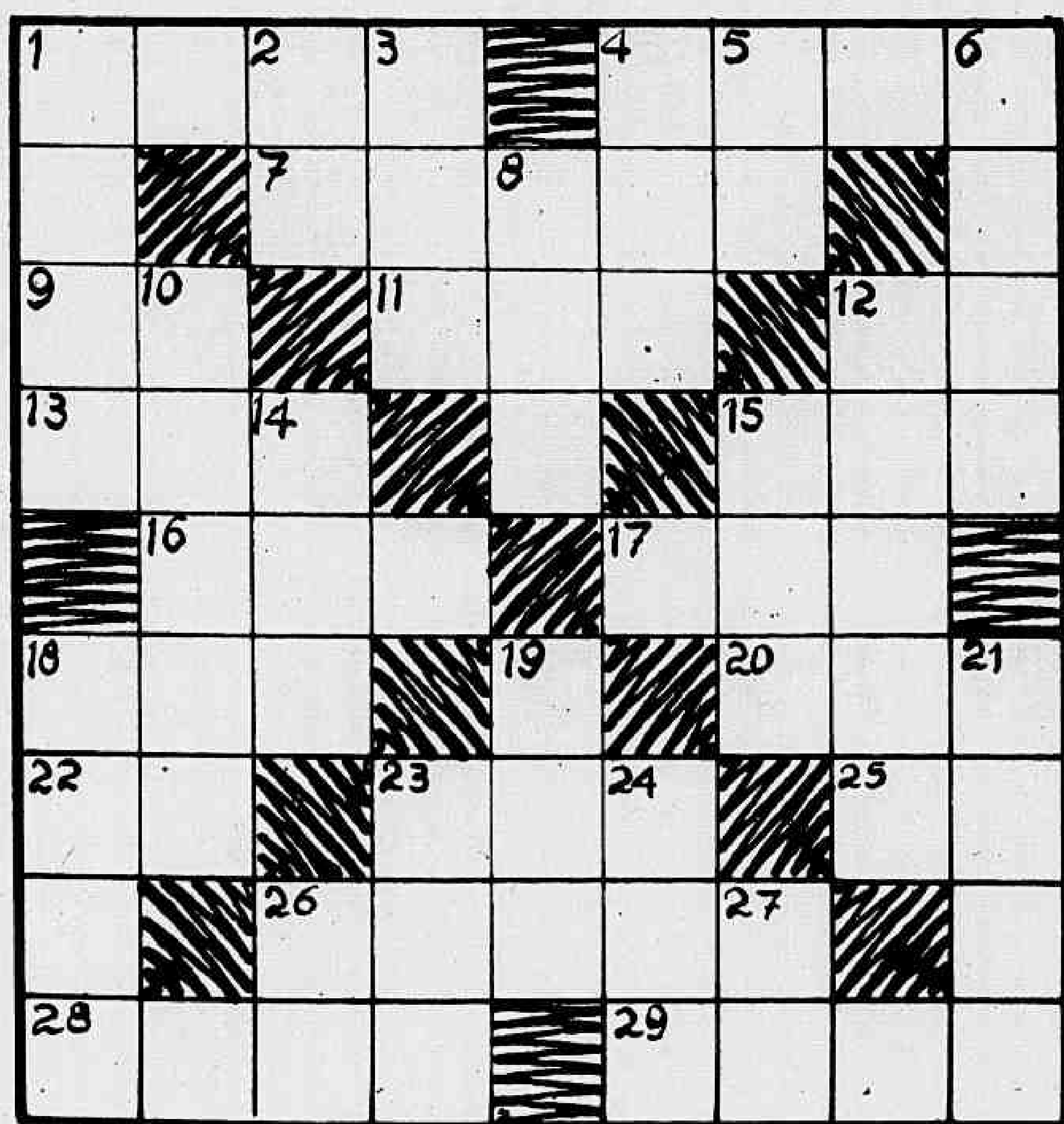


Otaner - Rio

HORIZONTAIS: — 1. Ajustai casamento — 7. Provocante — 9. Rei do país dos bem-aventurados, na mitologia egípcia — 10. Poeta — 11. 13ª letra do alfabeto grego — 13. O ser por excelência — 15. Multidão — 16. O sol que se põe, na mitologia egípcia — 17. Escrava egípcia de Abraão — 19. Rei de Israel (918 a 917 A.A.) — 20. Grande carapuça, usada no Oriente — 21. Cidade das Filipinas, na ilha de Luçon — 22. Altar dos sacrifícios — 23. Designação do irmão mais velho pelos mais moços — 25. Planta labiada, espécie de jenipi — 26. Sobrenome — 27. Recifes circulares — 29. Pai de Hupim e Supim — 30. Espécie de gato-bravo — 33. Árvore da família das Leguminosas.

VERTICAIS: — 1. Vínculo — 2. Medida grega de comprimento — 3. Da mesma forma — 4. Tapume, cêrca — 5. Espaço de tempo — 6. Distinção — 7. Fizeram caçoada — 8. Pressentia — 9. Contínuas — 12. Falsificar — 14. Lenda escandinava — 16. Desejai — 18. Nota musical — 19. Prefixo que denota proximidade — 23. Perfume indiano — 24. Acriançado — 27. Anel — 28. A pátria — 31. Prefixo que designa posição em derredor — 32. Homem de paciência excepcional.

PROBLEMA Nº 1 — PARA NOVATOS



Otaner - Rio

HORIZONTAIS: — 1. Querem bem — 4. Concederá — 7. Extraordinárias; pouco comuns — 9. Artigo feminino plural — 11. Conheço — 12. Instrumento agrícola — 13. Condimento — 15. Oceano — 16. Bondoso — 17. Casal — 18. Gostosa — 20. A casa — 22. Sufixo designativo de autor — 23. Grande porção — 25. Escarnece — 26. Enrubecer — 28. Ligai — 29. Cura.

VERTICAIS: — 11. Lavras — 2. Brisa — 3. Contudo, todavia — 4. Entregai — 5. Pessoa exímia — 6. Unir — 8. Monarca — 10. Gôsto — 12. Não andar — 14. Apologia — 15. Moléstia — 18. Esfera — 19. Colocar — 21. Opulenta — 23. Corrói — 24. Título abissínio — 26. Aqui — 27. Símbolo do rádio.

Bolos, Biscoutos e Mingaus de

CREME DE MILHO LUX



Em pacotes de celofane de um e meio quilo

Produto muito imitado, mas nunca igualado. Alimento ideal para adultos e crianças, em mingaus, bolos e biscoutos.

NO PRÓXIMO NÚMERO:

FLAMENGO, O ABSOLUTO!

O "team" rubro-negro, campeão invicto, em duas páginas em côres.

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Visc. Maranguape, 15 — Lapa — Rio — para remessa do programa e bases do Curso.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. . . . . . .

NOME. . . . .

RUA. . . . . Nº. . . . .

CIDADE. . . . .

ESTADO. . . . .

Preço para todo o Brasil: Cr$ 30,00



HÉLIO FERNANDES APONTA OS 10 HOMENS

NOTA DA REDAÇÃO — Hélio Fernandes (31 anos) é o que se pode chamar de «jornalista pingue-pongue»: vive sempre saltando de um lado para outro. Mas dificilmente bate na rêde. Seu dinamismo e seu orrôjo são realmente impressionantes e lhe deram hoje o prestígio que êle leva para todo canto. Foi assistente do «Cruzeiro», diretor esportivo do «Diário Carioca» e diretor-responsável de «Manchete». Hoje é editor-geral de «Tribuna da Imprensa». Mas sua mania é ainda escrever, com aquêle seu estilo injusto, ferino, objetivo. Lançou, o ano passado, numa reportagem, a idéia de escolher os 10 homens mais elegantes do Brasil, cuja repercussão foi violenta quanto a da bomba atômica de Hiroshima. E cujo eco, encontrou, êste ano, imitadores de tôda sorte. Mas Hélio Fernandes aponta, agora, 10 novos nomes, como os mais elegantes de 53. E sabe perfeitamente como fazê-lo e por que.

O homem é mais vaidoso que a mulher ★ E muito mais preocupado com a própria elegância ★ Ricardinho Fasanelo e Carlos Eduardo de Souza Campos, figurinos que aprenderam a se movimentar ★ O homem e a roupa ★ O verdadeiro elegante não tem tempo para perder com essa coisa boba que se chama trabalho ★ «Quero cabelo fofinho em cima e do lado, à George Raft» ★ Paris, Londres e Rio de Janeiro, centros de elegância masculina ★ Elegantes em prêto e branco e em tecnicolor ★ Opinião de camiseiros e alfaiates famosos.

NO trabalho de seleção dos 10 homens mais elegantes, o repórter não encontra muita dificuldade. O principal trabalho é fixar o que é elegância masculina. Para começo de conversa pode-se dizer que a elegância masculina é mais complicada que a elegância feminina e que o homem (em muitos casos) vive mais preocupado com a elegância do que a própria mulher.

Há os que se eprocupam 24 horas por dia: têm cabeleireiro, massagista, manicure, alfaiate, camiseiro, e mais uma porção de coisas. Não podem nem trabalhar, pois o restinho de tempo que sobre é dedicado à exibição. Famoso cabeleireiro de Copacabana contou-nos que um conhecidíssimo grãfino entrou pela primeira vez na sua casa e pediu com a maior seriedade:

— Quero que você corte o meu cabelo bem devagar. Em cima tem que ficar bem fofinho e do lado à George Raft. Sabe como é?

E' claro que o cabeleireiro disse que sabia e tratou de prová-lo. Mas o freguês não gostou da exibição e não voltou mais.

CAPITULO ROUPA

O capítulo roupa é dos mais importantes para o elegante que se preza, que é sempre um sujeito fútil, vazio e não trabalha. (Geralmente tem herança). Há os que possuem mais de 100 (e até mais) ternos e não param de freqüentar o alfaiate. Gastam fortunas por mês, e estão sempre dizendo que estão sem roupa. O falecido Samuel Ribeiro (Presidente da Caixa Econômica) chegou a ter 620 ternos, mais de 600 camisas e 300 sapatos. Há outros que compram a fazenda, deixam guardada no armário durante muito tempo e só então mandam fazer roupa, para que ela não pareça nova.

OS ELEGANTES AUTÊNTICOS

Mas há também os que são elegantes autênticos, homens de negócios, políticos, jornalistas, que não se preocupam em absoluto com êsses detalhes femininos da elegância mas esvalorizam qualquer roupa que usem.

OPINIÃO DOS

COSENTINO (alfaiate)

Horácio de Carvalho Je.
Aluízio Sales
Silvério Céglia
Pedro Brando
Rodolfo Marques da Cunha
João Cleofas
Filinto Muller
Genaro e Abelardo Acetta
Alencastro Guimarães
Santiago Dantas

J. BRUM (alfaiate)

Humberto Ramos
Marcelo Castelo Branco
H. Lopes da Cunha
João Pessoas de Melo
Hugo Napoleão
Eduardo Ramos
Leônio Ramos de Carvalho
Orlando Leite Ribeiro
Augusto de Gregório
Mário Rabello de Oliveira

MAIS ELEGANTES DO BRASIL

OS FALSOS ELEGANTES

Outro capítulo importante é o dos falsos elegantes. Os que pensam que são elegantes. Nesse capítulo pode ser incluído um conhecido repórter que se julga o máximo em matéria de elegância. Conversando um dia com Vão Gogo, o conhecido humorista perguntou-lhe: «Quem é que faz as suas roupas — é você mesmo ou o seu barbeiro?» E' claro que o repórter ficou ofendido para o resto da vida.

CAPITULO ESPECIAL

Carlos Eduardo de Souza Campos e Ricardinho Fasanelo merecem um capítulo especial. São «play-boys», com pinta de «play - boys», vivem exclusivamente para isso e não saberiam fazer outra coisa. Mas são mestres no assunto. Sabem que a meia, a camisa e a gravata não podem brigar muito entre si. Que o terno de côr tal só pode ser usado até tantas horas. Que camisa riscada é para ser usada com tal terno e com tal meia e por aí em diante. Sabem tôdas as combinações de côres que se podem fazer e não erram nunca. Não aparecem nunca com o cabelo despenteado, é impossível encontrá-los um milímetro fora da linha. Jamais. Seja de manhã, de tarde ou de noite. Sabem como se deve sentar, cruzam as pernas com uma elegância impecável.

Êsses dois seriam «play-boys» em qualquer parte do mundo e se destacariam imediatamente. Pena que a sociedade do futuro não reserve um lugar para êles.

OUTROS

RAUL (camiseiro)

Augusto de Gregório
Mário de Oliveira
A. Castelo Branco
F. Castro e Silva
Guilherme da Silveira Filho
Gilberto Marinho
Hugo Ramos
José Manoel d'Orey
Gilberto da Rocha Faria
Roberto Marinho



OTÁVIO GUINLE

PERTENCE a uma espécie infelizmente extinta. Dos homens construtores de grandeza, criadores da realidade econômica, mas que também gostam (ou gostavam) de se apresentar bem vestidos, elegantemente trajados (o que é diferente dos Carlos Eduardos de Souzas Campos e Ricardinhos Fasanelos, que conquistaram a fortuna na «dura batalha da herança» e hoje vivem esbanjando o que outros acumularam em anos de trabalho). Otávio Guinle é o representante (quase único hoje) de uma época inesquecível de galanteria, cavalheirismo e elegância.

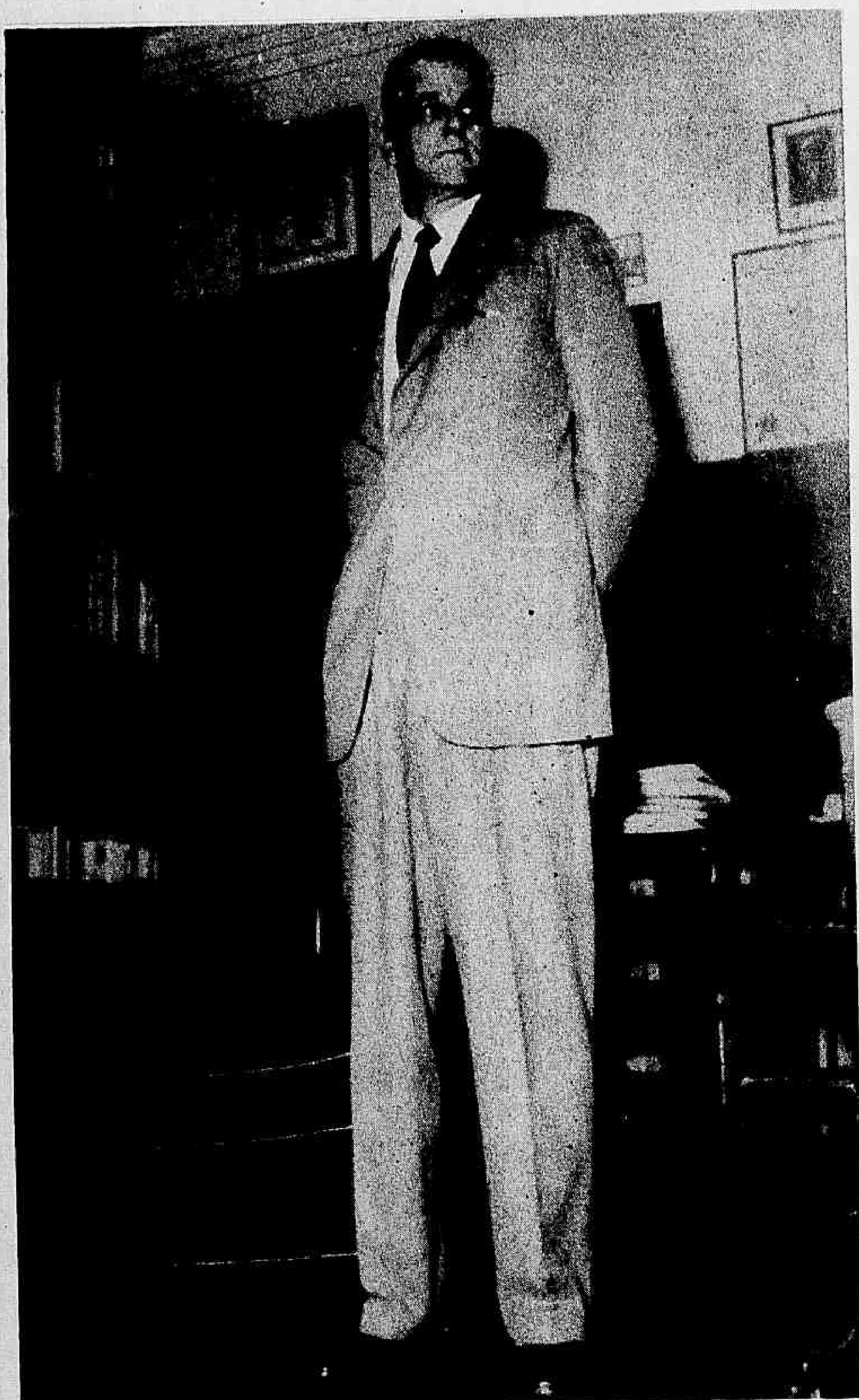
É um velho forte que sabe usar maravilhosamente uma casaca ou um «smocking», mas que não tem nada de «snob». Homem de grande energia e de excelente coração, que conquistou amizades em número impressionante, mesmo entre a classe pobre. Sua mania: o «Copacabana». Já várias vêzes tentaram comprar o seu «Copa», mas, apesar de algumas vêzes as ofertas terem atingido a casa dos milhões, Otávio Guinle não quis se desfazer dêle. Bebe raramente, não fuma; e nunca jogou. Mas já viajou o mundo todo. Tem casa, aqui, apartamento e casa em Petrópolis, Teresópolis e não sei mais aonde.



CARLOS EDUARDO DE SOUZA CAMPOS

FAZ um páreo duro com a própria espôsa, que sempre figura na famosa lista das mulheres mais elegantes, organizada por Jacintho de Thormes. Pertence à espécie Natalie Kalmus (technicolor). É elegante 24 horas por dia e às vêzes mais. Suas roupas são sempre bem cuidadas e é o inventor dos famosos pijamas de sêda para noites especiais. Seu mundo tem fronteiras certas e seguras, poucas vêzes ultrapassando o «Vogue» ou o «Bife de Ouro». Pertence à uma geração difícil de classificar, que se deixa fotografar em poses ridículas, só porque o fotógrafo lhe diz «que assim está ótimo». A sua última foto, publicada pela revista «O Cruzeiro», em que aparece lânguidamente recostado num sofá com as pernas magnìficamente cruzadas, é um instantâneo da sua própria futilidade. Na sociedade do futuro (se viver até lá) vai ser difícil encontrar um lugar para êle. Pois não sabe fazer nada. A não ser (e com que habilidade) coisas inúteis, como jogar polo, beber uísque, fumar cachimbo e conhecer tôdas as combinações de côres que podem ser feitas entre meias, camisas, ternos e gravatas. Mas na sociedade inútil e «snob» em que gravita, tem um lugar marcado e pontifica como cartaz.

OS 10 HOMENS MAIS





ALENCASTRO GUIMARÃES

Pertence à uma espécie difícil de classificar. Pode ser negligente-estudado ou displicente-por-conveniência. Numa das duas estará fatalmente enquadrado. Faz muita roupa, mas 80% dos seus ternos são cinzas. Está com os cabelos bastante prateados, é simpático, e exerce poderosa atração sôbre as mulheres. Já deve ter mais de 50 anos, mas em matéria de conquistas está em plena forma. Foi revolucionário (de 30) e um dos mais ardorosos «tenentes». Coronel, sem quase ter freqüentado a caserna. Já foi diretor do Lóide, dos Correios e Telégrafos, chefe de gabinete do ministro da Viação (Mendonça Lima) e diretor da Central do Brasil, cargo que o impopularizou enormemente. Mas agora (principalmente depois que passou para a oposição), está readquirindo o antigo prestígio. Como quase todo mundo neste país, de repente virou jornalista e começou a assinar artigos diários em jornais. Mas é um mistério como conseguia arranjar tempo para escrevê-los. Muito generoso e desprendido, costuma dar de presente «cadillacs» e apartamentos com preços de Plano Aranha.

VÁLTER QUADROS

O diretor da revista «Sombra» é difícil de classificar. Pode figurar na espécie **displicente**, na dos **preocupados** ou mesmo dos **«technicolor»**. Mas de qualquer maneira é um elegante autêntico, embora um pouco exagerado. Gosta muito de camisa riscada, com côres berrantes, mas que nêle, por mais incrível que pareça, não chocam o espectador. Bebe com mais rapidez do que a própria cabeça pode suportar, é um homem agitadíssimo, embora trabalhe pouco. Usa sapatos rigorosamente engraxados. Dá sempre a impressão de que acabou de sair do engraxate. Muda de roupas várias vêzes por dia, tem dezenas (ou centenas) de ternos, um apartamento magnífico e sempre um caso para resolver. Que às vêzes não resolve e lhe dá enorme dor de cabeça. É amigo de Bing Crosby, temido, respeitado e até admirado. A revista «Sombra» é uma fôrça dentro da sociedade sofisticada em que se move. E como seu diretor proprietário, Válter Quadros pode o equivalente ao pavor que uma sociedade em decomposição sente pelos seus próprios membros.

ELEGANTES DO BRASIL





HORÁCIO DE CARVALHO JR.

Pela segunda vez figura nesta lista. E vai figurar ainda em muitas, apesar dos cabelos irem rareando, da cintura ir se alongando um pouco, etc. Pertence à espécie sóbrio-diletante. Tem muita roupa, mas, como detesta exibição, manda fazer vários ternos da mesma côr, para não parecer que está sempre mudando de roupa. 44 anos, rico, poderoso (diretor proprietário do «Diário Carioca»), um bom sujeito. Não joga nada, gosta de uísque, não fuma, conversa pouco e, se quisesse, teria feito carreira na política. Mas não quis. Segundo seus amigos mais íntimos, sua paixão (e vocação) é ser fazendeiro. Elegante mais por fatalidade, por formação, do que pròpriamente por preocupação. Tem um excelente gênio, não gosta de discutir, mas enfezado é capaz até de brigar. Mas raramente se enfeza. É um «gentleman» perfeito, com passagens por quase todos os portos do mundo. Tem um filho (Horacinho) que vai ser famoso aí por volta de 1970.

GILBERTO MARINHO

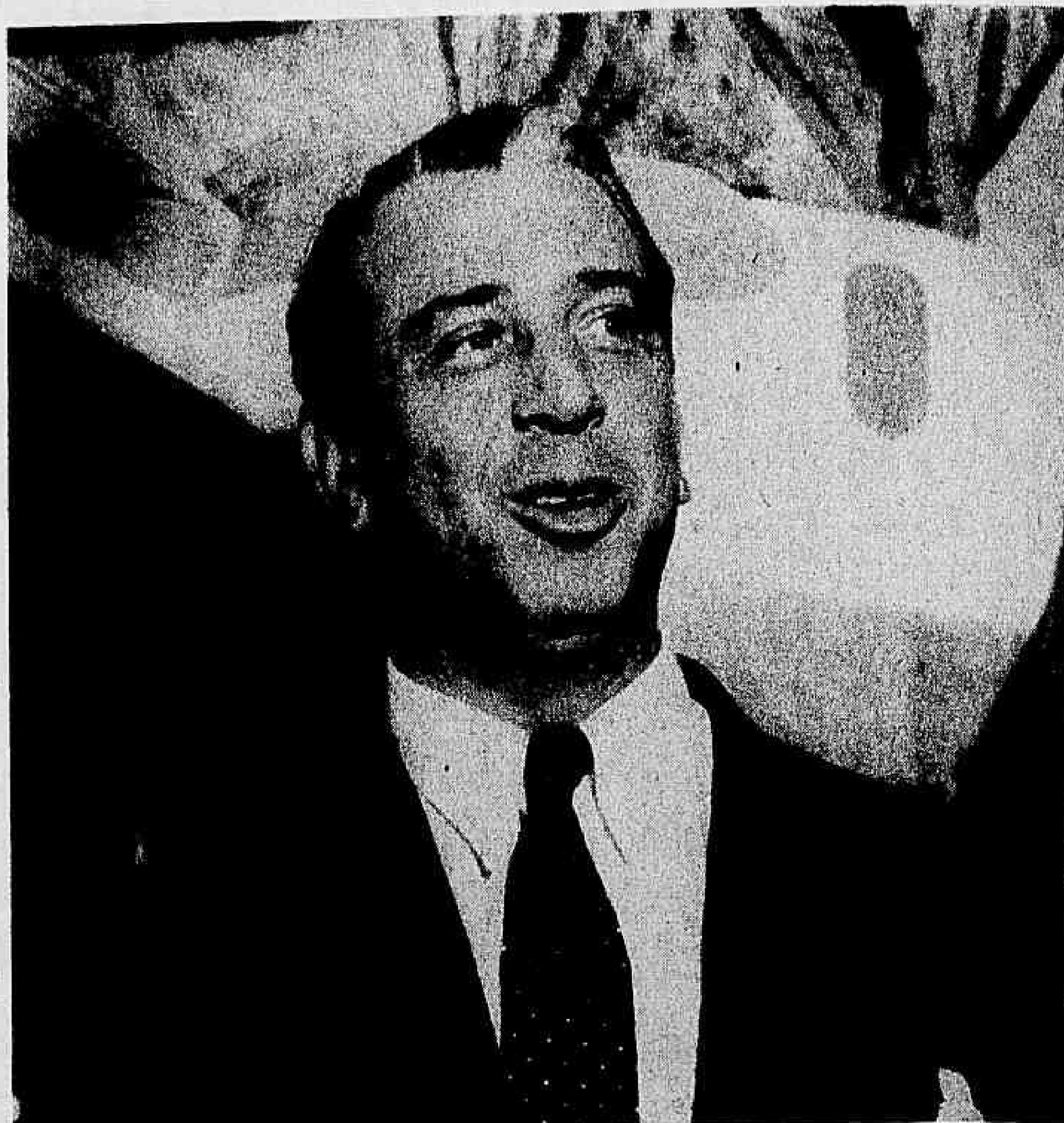
Pertence à espécie sóbrio-elegante-sem-ostentação. Famoso pelas suas camisas elegantíssimas (Casa Raul). Gaúcho, mas radicado no Rio. Casado, na esfera matrimonial pertence ao tipo semi-interno, uma classificação curiosa que êle mesmo inventou. Mas nos dias de folga (2ª, 3ª, 4ª, 5ª e 6ª feiras até 5 horas da tarde) atende o expediente na caixa e fora dela. Tem uma boa «pinta», com um ar pálido romântico que as mulheres adoram. Coronel, professor, administrador, político, tem brilhado em tudo que se mete. É visto freqüentemente em reuniões sociais, mas vai pouco a «boites» e bares noturnos. Tem uma memória extraordinária, e é capaz de citar de um jato nomes de times inteiros de 20 anos passados. Vai sempre a futebol, diz que é doente pelo Fluminense, mas, como todo tricolor que se preza, exagera 80%. E às vêzes mais. Vai ser candidato a senador, tem a melhor imprensa do Rio e seus inimigos podem ser contados a dedo. Mas seus amigos formam legiões. Conversador, dêsses que varam madrugadas contando casos, mas pode-se ouvi-lo dias sem cansar. Bebe pouco e não joga nada. Nem buraco.

OS 10 HOMENS MAIS ELEGANTES DO BRASIL



CECIL HIME

Pertence à espécie dos elegantes-pela-própria-natureza. Herdeiro de um grande nome e de uma enorme fortuna, conservou o primeiro e tratou de gozar a segunda. Não tem maiores preocupações. Veste-se bem em roupas comuns. Mas seu forte são as roupas de cerimônia. De casaca, é pràticamente insuperável. Fuma (de piteira), bebe com velocidade (só uísque de boa marca), não joga (nem bridge). Tem 36 anos, já viajou muito, seus casos femininos são conhecidíssimos, e, em matéria de romances, faz inveja a muita gente boa. Usa cabelo quase raspado e displicentemente caído. Mas essa displicência custa-lhe horas de trabalho. Faz roupa todo mês. Embora não seja precisamente um preocupado com a própria elegância. Freqüenta o Country e o Jóquei e surpreendentemente trabalha. O que na sociedade reacionária do Brasil é uma coisa abjeta e inteiramente ultrapassada. Vai muito a festas, dirige seu próprio automóvel e é esportivo.



FRANCISCO NEGRÃO DE LIMA

Elegante autêntico. Despreocupado. Mas consciente das suas responsabilidades. 52 anos. Dono de uma espantosa habilidade e do que se convencionou chamar de «malícia mineira». Capaz de emprestar dignidade a qualquer cargo, apesar de amigo de Vargas. Em 37 foi o «Correio do Czar». Em missão de Getúlio, correu todos os Estados brasileiros para saber quais os governadores (na época interventores) que apoiariam o golpe. Conseguiu convencer 19. Só não dobrou Juraci (Bahia) e Flores da Cunha (Rio Grande do Sul). Pode-se dizer que é o único sujeito que consegue ficar elegante de costeletas. Usa casaca e «smocking» com a mesma naturalidade com que um burguês suburbano usa pijama e chinelas. Já foi tudo neste país e ainda vai ser muito mais. Foi o melhor ministro da Justiça dos últimos tempos e ainda teve a sorte de ser substituído por Tancredo Neves, que projeta qualquer antecessor. Tem uma mecha de cabelos brancos, que conserva carinhosamente.



ALUÍZIO DE SALES

Da espécie elegante-desde-garotinho. Internacional do sucesso. Numa pista de dança é um espetáculo. Já foi classificado por Ginger Rogers como o terceiro bailarino do mundo. Apesar dos 40 anos, conserva tôda a elegância. Que pratica e exerce com sobriedade. Casado e com 4 filhos. Diretor de muitas companhias, simpaticíssimo. Tem poucos ternos e não se preocupa em aumentar o seu guarda-roupa. Só usa meia preta, depois das 8 da noite. Não aparenta mais de 30 anos. Adora um uísque, freqüenta «boites» e é das mais compenetradas «cigarras» da sociedade brasileira. Não joga buraco, mas se julga um excelente jogador de «bridge». Freqüenta o Jóquei Clube (sede), as Vogue e Casablanca. Quase não vai à praia. O ano passado depôs na Comissão de inquérito que investigou os negócios da «Última Hora» e surpreendeu pela calma e segurança com que falou. Detesta exibição e é um execelente amigo. Vai figurar na lista dos elegantes brasileiros até o ano 2000.



RICARDINHO FASANELO

Pertence à espécie dos lânguidos-sofisticados. Ainda não tem 30 anos e sua única e exclusiva preocupação é aparecer «bem». O que realmente consegue. É do tipo que as mulheres gostam à primeira vista, e não suportam mais depois do segundo encontro. Capaz de provocar desmaios em jovens de 17 anos e alergia em senhoras de mais de 30. Suas roupas são alinhadíssimas, e levam mais tempo a serem planejadas que executadas. Tem mais de 100 ternos, uma infinidade de sapatos e um sem número de camisas. Mas seria elegante com um terno só, descalço e sem camisa. Pois nasceu para isso. Seu mal, porém, é o exagêro. Mais sofisticado que a própria Terezinha Solbiati com quem (dizem) vai casar. Adora publicidade, bebe bastante razoàvelmente (uísque), freqüenta o Vogue, o 36, o Copacabana e o Country. Fora disso não conhece mais nada. Perdão. Conhece a Europa (onde vai quase todos os meses) e o Maracanã, que freqüenta quando está com «spleen».

PÁGINA 19

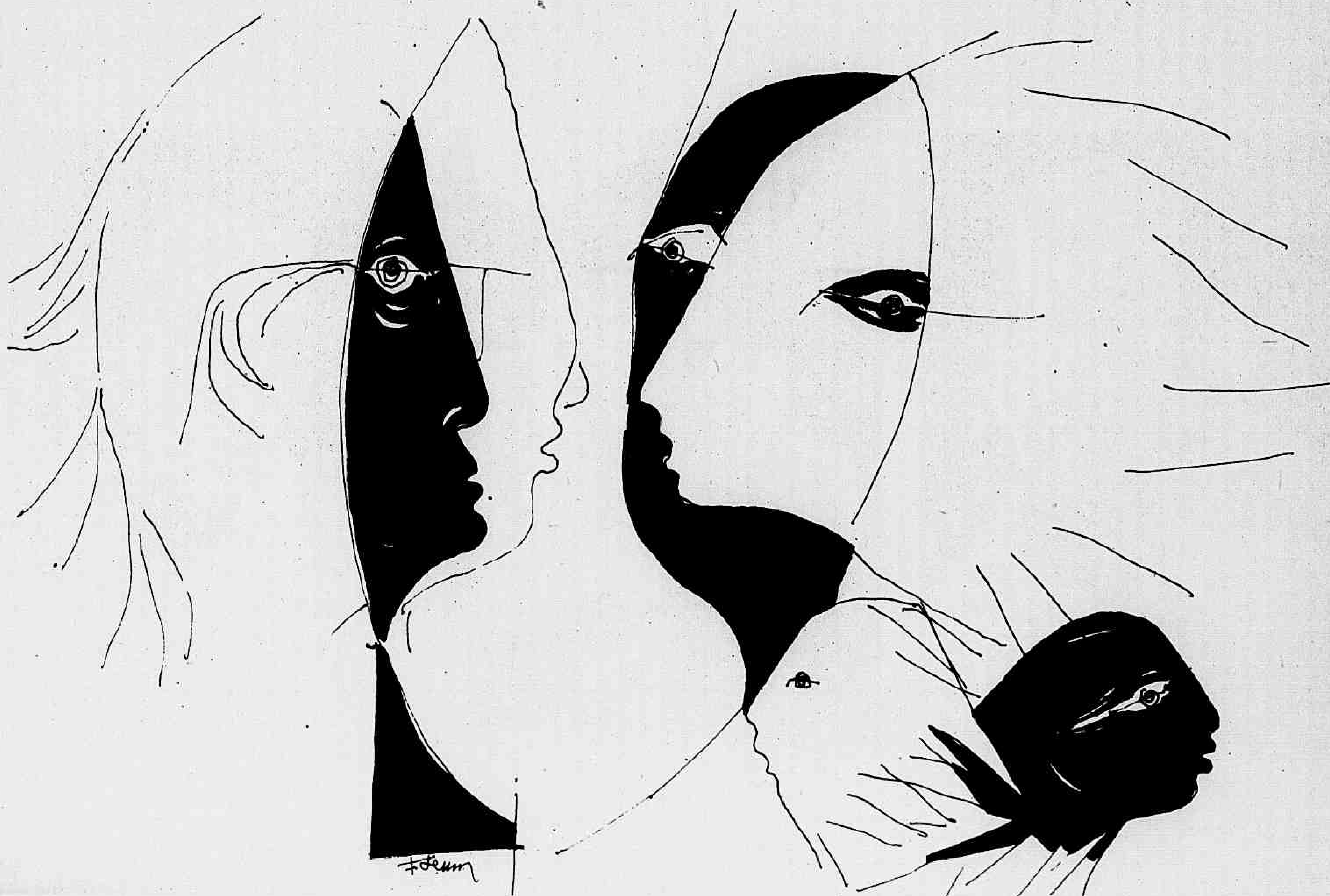
AS PEQUENINAS COISAS...

RAYMUNDO SOUZA DANTAS

(ilustração de FERNANDO LEMOS)

EMBORA certo de que teria a resposta na ponta da língua, se alguém, levado por um movimento de curiosidade, chegasse a indagar sôbre a minha concepção de vida e as convicções que adoto, senti a terra fugir-me aos pés quando, numa conversa entre amigos, foi-me feita a indagação que julgava até então de resposta fácil. Falávamos sôbre a nenhuma relação, em certos casos, do clima em que vivem alguns escritores brasileiros, com aquêle que imprimem aos seus trabalhos. Muitos dos poetas, principalmente entre os jovens, e dos ficcionistas mais recentes, deixam a impressão, através de seus escritos, aparecidos isoladamente ou em livro, de que a intranqüilidade que revelam e a angústia que deixam transparecer não significam senão o produto de um diletantismo. Nasceu então a idéia de, ali mesmo, verificar-se até que ponto as nossas convicções, visão da vida e do mundo, correspondem à literatura que fazemos. Era o problema da sinceridade que passávamos a focalizar. As exigências com que nos colocáramos diante de terceiros, aplicávamos agora a nós mesmos. Algo então passou a soar falso, não pelo que dizíamos, mas pelo que começamos a evitar. Os comentários se prenderam àquilo sôbre o que não havia dúvidas. Mais uma vez as costumeiras afirmativas sôbre o que seja a literatura, o seu papel, foram repetidas, cada qual defendendo estar a sua concepção de vida estreitamente ligada à concepção de arte que adota. Chegada a minha vez, senti a inutilidade de qualquer coisa que dissesse. O que, em vêzes anteriores, pareceu-me fácil responder, naquele instante nem sequer poderia dar uma idéia. Tinha, porém, uma noção bastante clara da desimportância, por exemplo, de afirmar que posso me alinhar numa certa família de católicos cuja fé é mais de caráter emocional. Enquanto isso, a vida corria lá fora, com os seus dramas, ordinários ou não, numa corrente contínua, desrespeitando convicções, fazendo de todos nós o que bem quer e entende.

★ A vida continuava lá fora, e em tôrno de nós também, sob a influência das pequeninas coisas, que têm a fôrça de alterar o curso de uma existência, ou de alterar os sentimentos de uma criatura por outra. Exemplo: uma simples palavra, um olhar ou um gesto, podem nos incompatibilizar para sempre, com a pessoa que julgávamos possuidora de tôdas as virtudes. Na verdade, numa fração de segundo, tempo necessário para alguém piscar, uma amizade de anos e o amor que julgávamos eterno, podem se desfazer, sem no entanto haver motivo aparente. Tudo dependerá de um nada, uma contradição de somenos importância, um dito em falso, a fugidia expressão de um olhar que não pode ser controlado. Às vêzes ocorre que, no fundo, as duas criaturas súbito separadas por um abismo sem têrmo, já andavam cansadas do amor ou da amizade, e por não conseguir cortar até então os liames que os uniam, são tomados de um ódio que os vai envenenando pouco a pouco, a ponto de os tornar inimigos mortais. Tudo isso faz parte da aventura, na qual cada um de nós perde em certo momento o domínio de seus pensamentos, ação e vida, para tornar-se simples joguete.



UM HOMEM ATRÁS DA CÂMARA

JORGE ILELI EM "LONG-SHOT": 28 ANOS, 85 QUILOS, 1,70 DE ALTURA ★ "CLOSE-UP": UM OLHAR PENSATIVO E UMA CALMA EXTRAORDINÁRIA ★ ROTEIRO: DE CRÍTICO CINEMATOGRÁFICO A PRODUTOR DE FILMES, COM ESCALAS.

Texto de LUIZ SODRÉ

Fotos de ALBERTO FERREIRA

Jorge Ileli é um rapaz moço por fora e maduro por dentro. Nasceu na rua Santo Cristo, mora na Santa Sofia e tem filmado (exteriores) em tôdas as ruas da cidade. Foi crítico («A Cigarra», «Diretrizes»), assistente de direção («Aglaiá», «Sonho de Outono», não concluídos), argumentista («Amei um Bicheiro», «Carnaval em Caxias», «Vidas em Jôgo»), diretor («Amei um Bicheiro», premiado). Atualmente é produtor de «Carnaval em Caxias», em conclusão. Solteiro, ganha em média de 25 mil cruzeiros por mês (quando trabalha). Lê muito (raramente sôbre cinema), escreve bastante, tem planos suficientes para realizar. Faz a barba uma vez por dia, freqüenta cinema outro tanto, traja esporte, raramente fica irritado. Debaixo daquela sua calma e aparente lentidão, esconde um dinamismo surpreendente. Detesta telefonar, gente interesseira, gravata, intriga, andar de bonde. Não fuma, não bebe e não joga. Tem um agudo espírito de observação e apurado senso de humor. Como se vê:

P — Com quantos metros se faz um filme?

R — Há filmes brasileiros que não vão além dos três Metros.

P — O que é preciso para se chegar ao estrelato?

R — Chance, insistência, esfôrço, talento. Ou pistolão.

P — E no Brasil?

R — Mas eu me refiro ao Brasil.

P — O cinema brasileiro é uma nova escola de cinema?

R — E'. Só tem aprendizes.

P — Se você tivesse que tirar férias do cinema, de que viveria?

R — Iria vender filme virgem, no mercado negro. Dá muito mais...

P — Se lhe incumbissem um filme em terceira dimensão, que artistas escolheria?

R — Os que não fôssem quadrados.

P — Quem você mais admira: Carlitos, Verdoux ou Calvero?

R — Três pessoas distintas numa só verdadeira: Charles Chaplin.

P — O que é mais importante numa fita de faroeste: o mocinho ou o bandido?

R — O «saloon».

P — Você acredita no «happy-end»?

R — Acredito, como elemento de bilheteria. Artisticamente aprecio os filmes que abrem uma perspectiva para uma nova vida, sem concessões baratas.

P — Quando uma candidata se submete a um teste, você acha que ela vai bem das pernas?

R — Quando o talento está na cara.

P — Qual o segrêdo do êxito dos filmes de mistério?

R — Mistério.

P — O amor é como nos mostra o cinema?

R — O amor dispensa «abat-jours» e desvios de câmara...

P — Que é um «close-up»?

R — Não acha melhor exemplificar com a minha fotografia?

P — Você crê, realmente, que o crime não compensa?

R — Para o cinema compensa.

P — E daí?

R — Fazendo «Amei um bicheiro» acertei, pela primeira vez, no jôgo do bicho.

P — Você ficou mascarado depois que recebeu o prêmio de melhor diretor de 53?

R — Meio mascarado. Só me coube a metade do prêmio.

P — Porque você se tornou produtor?

R — Para ganhar dinheiro em cinema brasileiro a gente aceita primeiro. Depois é que vai saber qual é o cargo.

P — Como você explica o fenômeno Marilyn Monroe?

R — A fôrça da publicidade e... §£&!+%£Cr

P — Quantos extras seriam necessários para um filme sôbre a Sêca do Nordeste?

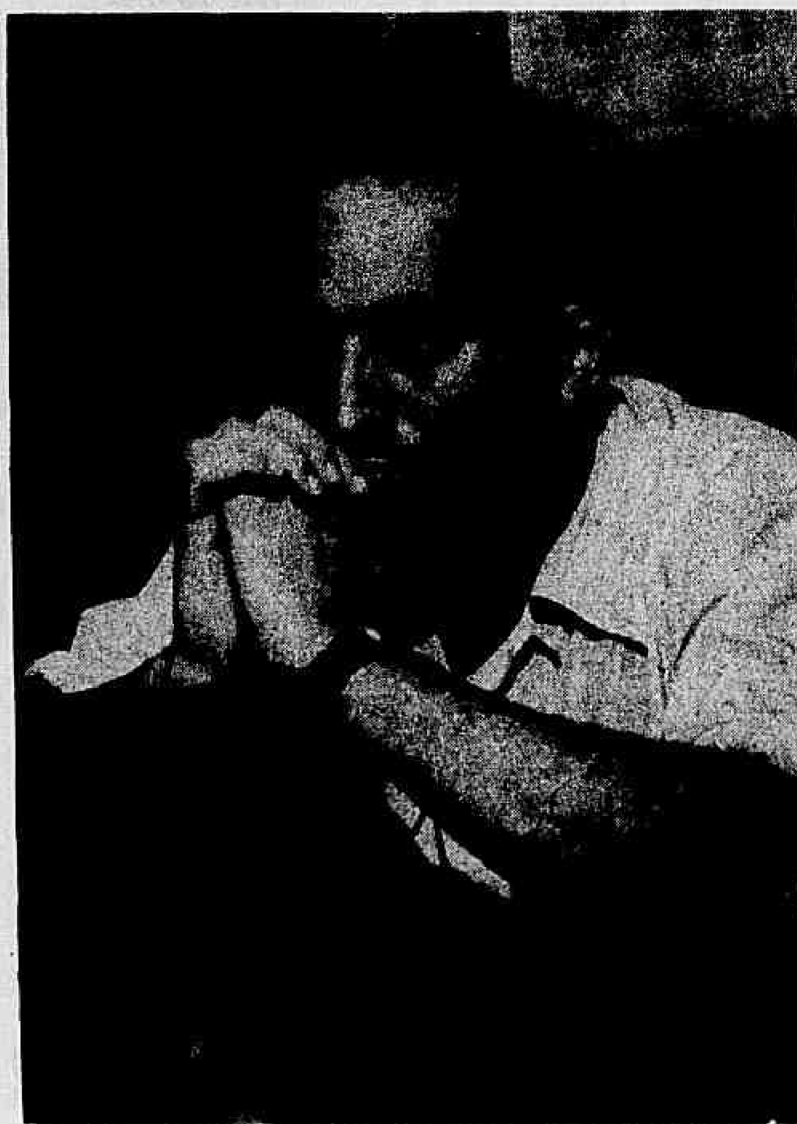
R — Um cineasta inteligente dispensaria os extras. Criaria «atmosfera» com esqueletos.

P — Como fazer amigos (no cinema) e influenciar pessoas (na platéia)?

R — Fazer amigos: interiorizando a vida exterior. Influenciar pessoas: exteriorizando a vida interior.



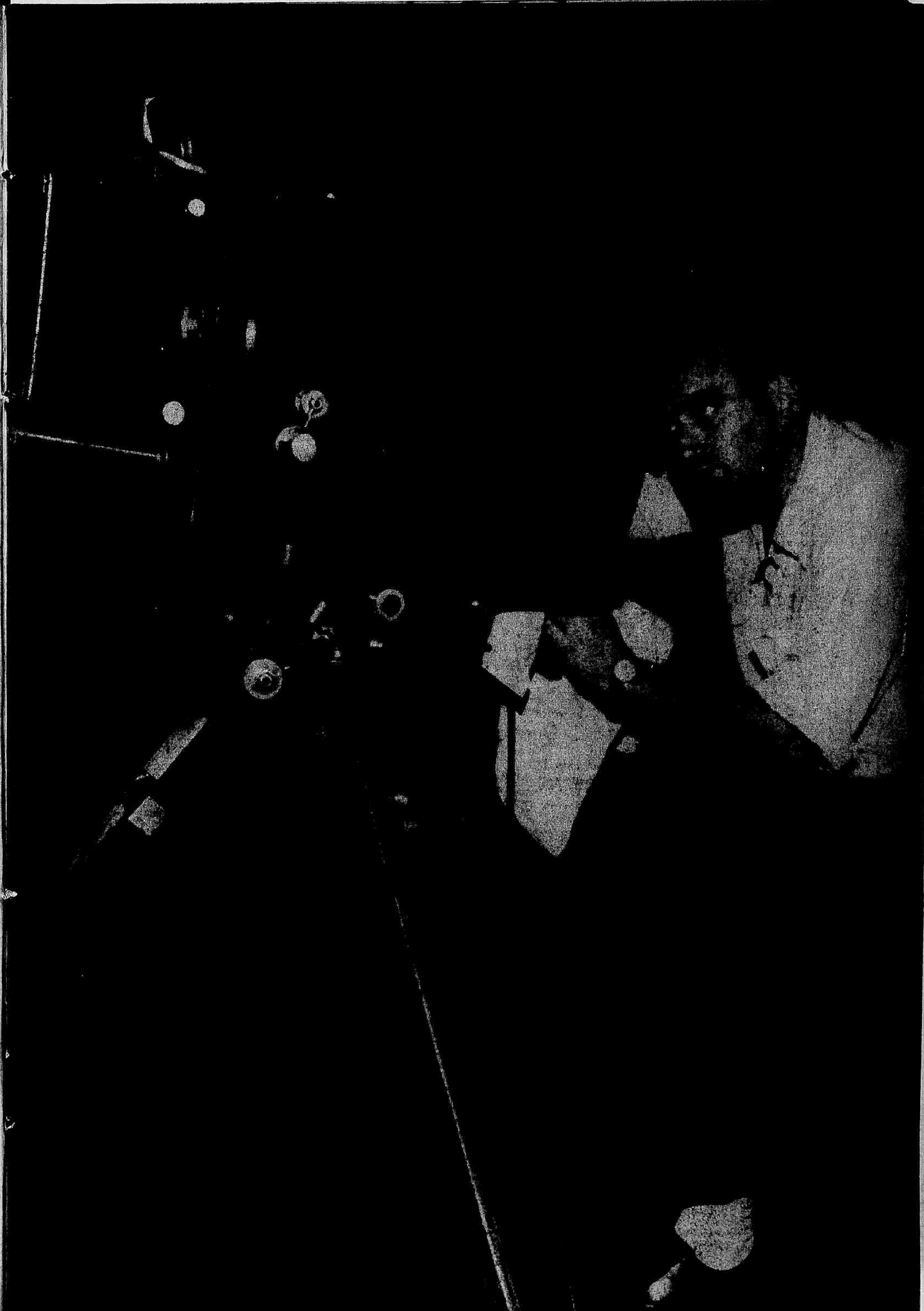
Ileli, o diretor.



Ileli, o argumentista.



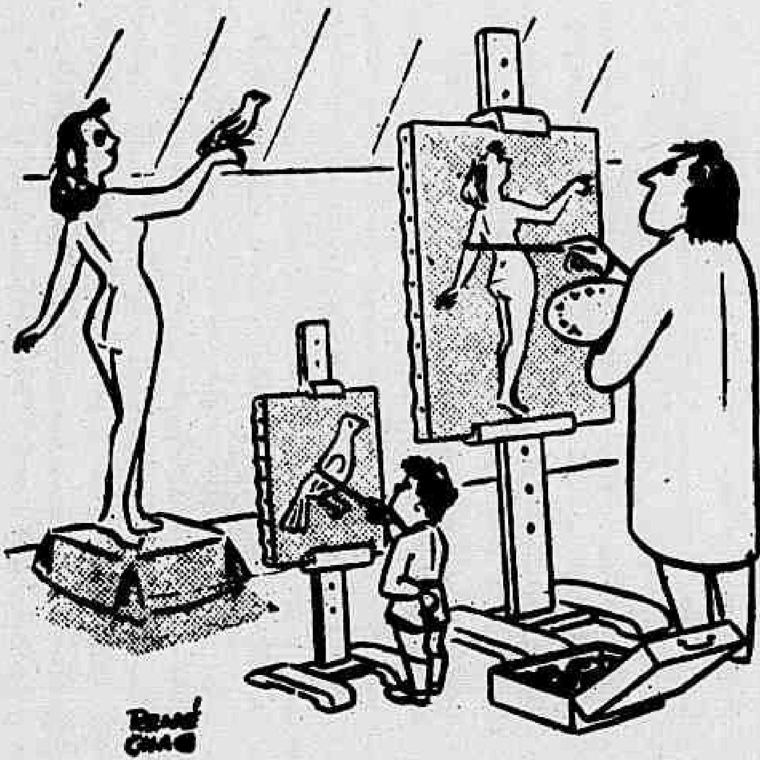
Ileli, o produtor.













— A cigana lhe havia dito, quando menino: «Ao menor gesto da mão, você será obedecido».



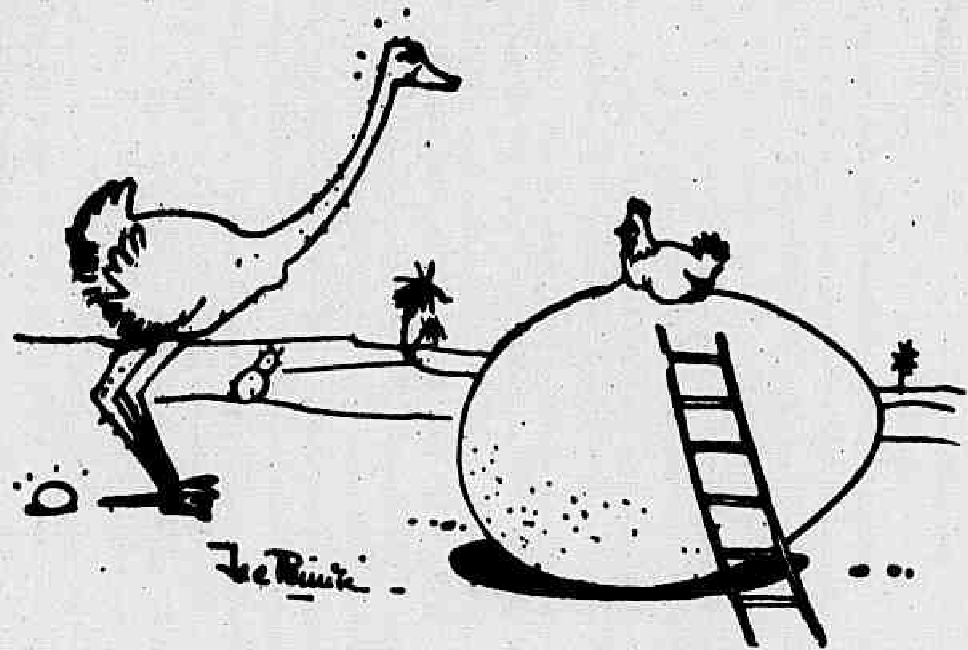
— Claro, que ela escreve 60 palavras por minuto. Mas assim: ricpvit sud cabty de sinçi du corenty...

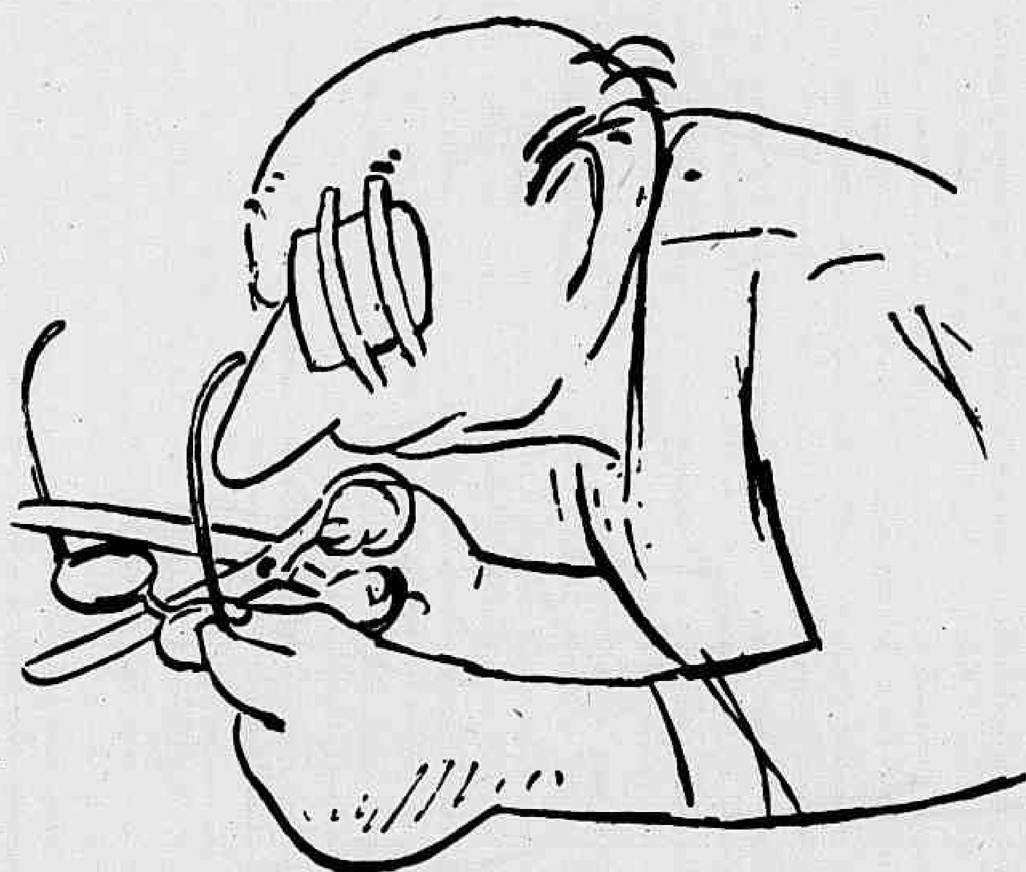


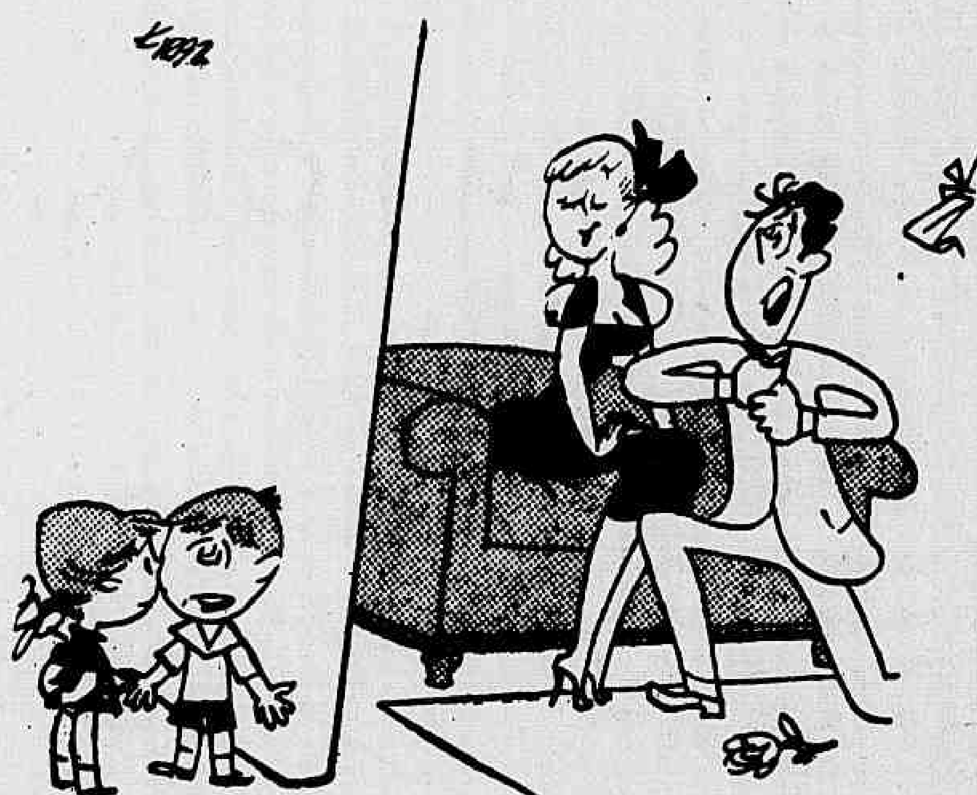
— Não, não creio que estejamos enganados: é a nós mesmos que êle quer.



— Por favor, poderia telefonar para minha casa? Não quero que minha mulher pense que me aconteceu alguma coisa.







— Quando eu penso que um dia nós faremos como êles, morro de vergonha!





— Não me interessa saber que você aprendeu música na China!



— Meu rapaz, minha filha já foi operada de apendicite e das amidalas Além disso, já terminou o seu tratamento dentário



— E isto, lhe serve?

UM POEMA POR SEMANA

ISMÁLIA

Quando Ismália enlouqueceu,
Pôs-se na tôrre a sonhar...
Viu uma lua no céu,
Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu,
Banhou-se tôda em luar ..
Queria subir ao céu,
Queria descer ao mar...



E, no desvario seu,
Na tôrre pôs-se a cantar ..
Estava perto do céu,
Estava longe do mar...

E como um lírio pendeu
As asas para voar...
Queria a lua do céu,
Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu
Ruflaram de par em par...
Sua alma subiu ao céu,
Seu corpo desceu ao mar...

ALPHONSUS DE GUIMARAENS



★ ★

ESPELHO DOS ESCRITORES



MURILO RUBIÃO — Nome de família e de notário: Murilo Eugênio Rubião. Nasceu na cidade mineira de Silvestre Ferraz, a 1º de junto de 1916. Recentemente, houve chôro e ranger de dentes em tôrno do nome dessa cidade: queriam chamá-la Carmo de Minas, apareceram os resistentes, os vigilantes, a polêmica se traduziu em oratória e agitação cívica. Rubião, à semelhança de seu homônimo machadiano, limitou-se a olhar a enseada, isto é: entre Silvestre Ferraz e Carmo de Minas, preferiu Belo Horizonte, onde espera viver e — num dia remoto — morrer. Estudou as primeiras letras do alfabeto em Conceição do Rio Verde; as outras, acabou de aprendê-las em Passa Quatro e Belo Horizonte, para onde se transferiu ainda criança. Fêz curso secundário no Colégio Arnaldo, dirigido por padres, e aí, entre outras coisas, deixou de ser católico, embora tenha profunda vocação religiosa. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais, no ano de 1942, e sua formatura foi comemorada com um pileque que fêz época na capital mineira. Apesar do pileque, no entanto, e dos brindes ao futuro lidador forense, não retirou da escola o seu diploma de bacharel (mêdo de que o nomeassem promotor, sem mais aquelas, e apertura financeira: não tinha os duzentos cruzeiros para os emolumentos da praxe). Pertence a uma família de escritores, e considera que a tradição doméstica influiu poderosamente sôbre sua vocação literária: o pai, professor Eugênio Rubião, já falecido, foi uma das mais sólidas culturas humanísticas de sua geração, tendo deixado poesias e obras didáticas; sobrinho de Álvares Rubião, contista casmurro e escorreito na linguagem: o avô paterno, flor dos Rubiões, e uma das grandes admirações de seu neto, legou à posteridade dois romances completos e um volume de memórias, que se perderam numa inundação. Começou a escrever aos 16 anos, sob o signo das musas. Seus primeiros dois livros (de poesia) foram dedicados a uma namorada. Acabou perdendo a namorada, como sói acontecer nessa idade, e rasgou os livros (sem que desta ação guarde o menor remorso). Aos 21 anos, encontrou a ficção, passando a considerá-la desde esta época como o seu único instrumento expressivo. Autor que mais contribuiu para a sua formação literária: Machado de Assis (chegou a ler vinte vêzes as «Memórias Póstumas de Braz Cubas», numa descoberta permanente de valores sintáticos e estilísticos). Deve muito a Guy de Maupassant e o considera como o fundador do conto moderno. Acontecimento mais importante de sua vida: a revelação que teve da Bíblia, lendo o Eclesiastes. Aí, com o correr dos tempos, pôde compreender o seu próprio destino e o destino humano. Homens que mais o ajudaram em suas pesquisas interiores: Carlos Drummond de Andrade, através da poesia, e seu avô paterno, através da presença e do carinho. Respeita muito as manchetes dos jornais, e acha que os rumos do mundo dependem daqueles que as freqüentam, desde Ademir a Eisenhower e Malenkov. Virtude que mais preza no homem: a mansidão. Na mulher, a bondade (nos dois sentidos). Embora não seja ainda católico, erigiu os dez mandamentos como tábua de valores éticos, e tem grande fé em Nossa Senhora. Em matéria política, chegou a Chefe de Gabinete do governador Juscelino Kubitscheck. Não se considera, no entanto, homem público, e sempre foi levado ao terreno da controvérsia cívica por razões sentimentais: amigos, gratidão, vontade de servir. Publicou dois livros de contos, ambos da maior importância: «O ex-Mágico» e «Estrêla Vermelha». Espera completar, até o fim de sua vida, mais três livros: «Os Dragões», contos; «O Esgôto» e «A Viagem», novelas. Coisas de que mais gosta: sossêgo, bate-papo com amigos (poucos), cuidar de plantas. Tem horror aos cacetes, ao canto da araponga e aos elogios convencionais. E' celibatário convicto, embora ache ótimo o casamento dos outros. Admira muito as mulheres que trabalham no cinema, pois são as que menos lhe dão cuidado: Marilyn Monroe (é fanático), Greta Garbo (no passado), e tôdas as Pampanini da equipe italiana. Tendo vivido 38 anos, não se considera apto a resumir numa frase a síntese de quem o mistério ainda é a realidade por excelência. Tem mêdo de morrer e, à sua experiência vital: declara-se um perplexo, um admirado permanente, para semelhança de Tolstoi, acha que a morte é o grande problema da vida. Considera Franz Kafka seu irmão «na carne como nos domingos». Tem várias pequenas manias, entre as quais avulta o seu hábito de colecionar cartas, mesmo as mais insignificantes, e tudo o que se relacione à sua pessoa. Se não fôsse escritor, gostaria de ser tratador de animais ou jardineiro. Comprou casa na Serra, em Belo Horizonte, mora sòzinho, bebe por prazer e sabe oferecer aos amigos os melhores almoços mineiros da província. Acabará católico, praticante e comungante. — H.P.

Cineac Literário

É bem verdade o dito popular que afirma que literatura não dá camisa a ninguém. A Livraria Globo, por exemplo, ilustra excelentemente essa tese, através de sua resolução de restringir ao máximo quaisquer lançamentos literários, nacionais ou estrangeiros. Érico Veríssimo, dos nacionais, parece que é o único a escapar à medida. A editôra gaúcha limitar-se-á a colocar no mercado livros didáticos, de consumo obrigatório.

★

Há espíritos acadêmicos, como há espíritos de porco e outras espécies de categorias espirituais. Veja-se o número de candidatos à vaga aberta, na Academia Brasileira de Letras, com o falecimento do cientista Miguel Ozório de Almeida: Leonídio Ribeiro, Magalhães Júnior, Nilo Bruzzi, Luís Viana Filho, Silva Melo, Jubileu de Almeida, Angione Costa, Maurício de Medeiros e Olavo Dantas, por enquanto, disputam as preferências eleitorais dos acadêmicos, e o páreo, segundo tudo indica, vai ser duro e pleno de incidentes pitorescos.



ÉRICO VERÍSSIMO

★

Acaba de sair a segunda edição, melhorada e revista, do ensaio de Olívio Montenegro sôbre o romance brasileiro. O livro, construído com objetividade e insenção crítica, representa um dos nossos melhores trabalhos no gênero, e sua reedição foi acolhida com entusiasmo.

★

Para o corrente ano, já se acham programados os seguintes acontecimentos literários: reedição das obras completas de Marques Rabelo, pela editôra Martins; lançamento de uma segunda peça de Raquel de Queiroz, «D. Barbara», pela Livraria José Olímpio; reedição de tôda a obra poética de Carlos Drummond de Andrade, também pela José Olímpio; nova edição da biografia de Machado de Assis, de Lúcia Miguel Pereira, e lançamento de um romance da mesma escritora, «Cabra Cega»; obras completas de Otávio Tarquínio de Souza, em dez volumes.

★

A «Revista Branca», em seu último número, presta homenagem ao poeta Jorge de Lima, dedicando-lhe tôdas as páginas. Há ensaios, estudos e depoimentos sôbre a personalidade humana e literária do criador de «Invenção de Orfeu», e um poema de Tasso da Silveira, também sôbre o grande poeta morto.

★

Por iniciativa do govêrno alagoano, será inaugurado numa das praças de Maceió o busto do escritor Graciliano Ramos.



MAGALHÃES JÚNIOR

Henriqueta Lisboa, poetisa mineira do melhor estôfo, está escrevendo um livro sôbre a vida do Aleijadinho, sob forma de poesia dramática.

★

No concurso literário promovido pela Prefeitura de Belo Horizonte, foram premiados os seguintes autores: ficção (15 mil cruzeiros) — Gilberto Alencar, com o romance «Misael e Maria Rita»; poesia (10 mil cruzeiros) — Alphonsus de Guimaraens Filho, com «O Mito e o Criador»; erudição (15 mil cruzeiros) — padre Orlando Vilela, com «Alma Criadora de Símbolos».

★

Amando Fontes, deputado e escritor, cujo romance «Os Corumbas» é uma das melhores coisas de nossa moderna ficção, pretende terminar até março o seu novo livro, «Deputado Santos Lima».

ESTUDOS E DEPOIMENTOS DE DANIEL DE CARVALHO

A propósito da saída de seu livro ESTUDOS E DEPOIMENTOS, o deputado Daniel de Carvalho, que ao gôsto da política alia a vocação pelo estudo da história, reuniu em sua residência, em um «cock-tail», escritores, jornalistas e figuras da sociedade. Entre os presentes encontravam-se os srs. Alceu Amoroso Lima, José Lins do Rêgo e senhora, Otávio Tarquínio de Souza e senhora, a escritora Lúcia Miguel Pereira, Raul Lima, Valdemar Cavalcânti, José Honório Rodrigues, Marcos Mendonça e senhora, Magalhães Júnior, Austregésilo de Athayde e senhora, Gratuliano Brito e senhora, Medeiros Lima, Osvaldo Souza e Silva, José Olympio, João Condé, Amando Fontes, Valdemar Lopes e senhora.

A senhora Daniel de Carvalho palestra com a escritora Lúcia Miguel Pereira, vendo-se ainda na fotografia a senhora Gratuliano Brito, Waldemar Lopes e Alberto de Carvalho.



O autor de «Estudos e Depoimentos, deputado Daniel de Carvalho, entre os srs. Alceu Amoroso Lima, José Olympio e Otávio Tarquínio de Souza.



ROUPA DE DOMINGO

ESTA coluna, cujo nome se deve à bossa jornalística de Joel Silveira, pretende acompanhar, de ora em diante, com suscinta malícia e algum tédio, a atividade dominical de nossos escritores, através dos suplementos literários. Não se vá dizer que os trabalhos jornalísticos dos poetas e prosadores patrícios sejam insuficientes para dar o pulso de nossa vitalidade (ou pauperismo) literários. Estamos com Koestler na convicção de que o homem é responsável por tudo o que lhe pertence, inclusive por seu inconsciente. A literatura brasileira é isto que a gente vê: artigos pífios, em sua maioria, poemas pobres, tristezas vãs. O que não tem importância, em última análise, já que o importante é viver.

——//——

O excelente José Auto, marxista de sete fôlegos, abre o suplemento do «Diário Carioca» com uma análise do processo Beria. Após enumerar as acusações que levaram ao túmulo o ex-chefe da M.V.D., chega José Auto à conclusão de que a Rússia continua sendo o que foi, sob o tacão stalinista: um país totalitário, policial e burocrático, onde o tiro à nuca constitui esporte inevitável. No verso da página, o enxundioso Osvaldo Orico, garantido por suas imunidades parlamentares, a mil léguas de qualquer expurgo, prossegue em seu desarranjo memorialístico, contando de que maneira conseguiu decair da forja até à academia (brasileira de letras). Em compensação, há um ótimo poema de Thiago de Mello, «O Testemunho», no qual o bardo amazonense faz a seguinte e grave afirmação: «dor sofrida é salário». O dr. Alceu, cujos sessenta anos vêm sendo responsáveis por muita literatura, boa e má, comparece através de um artigo do sr. Sílvio Elias, do qual extraímos êste pensamento profundo: «os juízos humanos são por natureza parciais e nada possuem de absoluto».

——//——

No FLAN, cada vez pior, salva-se a esforçada página literária do não menos esforçado Francisco de Assis Barbosa (cujo livro sôbre Lima Barreto, diga-se de passagem, é uma obra-prima dentro do gênero biográfico). Pois é na seção do ilustre biógrafo que temos notícia de uma «obra monumental», em três volumes e trezentas ilustrações, «História e Tradições da Cidade de S. Paulo», de Ernani da Silva Bruno. E temos ainda notícia de M. Cavalcânti Proença, misterioso autor de «Uniforme de Gala», livro de contos que Otto Lara Resende considera como um dos belos acontecimentos literários dos últimos tempos. E ficamos sabendo que o novo contista tem quase cinqüenta anos, é professor catedrático de português do Colégio Militar, formou-se na Escola Veterinária do Exército, possui trabalhos científicos de valia e tem dois livros já prontos: um ensaio sôbre «Macunaíma», de Mário de Andrade, e um estudo sôbre a estrutura rítmica da metrificação tradicional: «Ritmo e Poesia».

——//——

No suplemento dominical do «Correio da Manhã, litero-fotográfico-sentimental, aconteceu mais uma vez o inefável sr. Guima, para dizer, entre suspiros, «que o ano novo veio vindo. Na marcha lenta e uniforme. Meio sorridente, meio preocupado. A acenar, obrigatòriamente, com um punhado de esperanças e promessas». E o sr. Luís Edmundo, provecto, provectíssimo, vai lá tendo a sua bronquite literária, e expectora mais um capítulo de suas «Memórias», para confôrto de todos e edificação nacional.

——//——

No «Diário de Notícias» há Cecília Meireles, em grande forma, com mais um capítulo de suas reminiscências orientais. A poetisa do «Romanceiro da Inconfidência» é escritora de fato, sem os líricos arroubos e os pálidos delíquios que costumam caracterizar a falsa prosa de muito poeta federal. Cecília tem estilo terso, vigoroso, e conhece como poucos o ritmo da prosa. Odilo da Costa, filho, comparece em alto nível, dirigindo-se ao enternecido coração do prefeito, para narrar-lhe, em carta, o caso de Mário, jornaleiro em Santa Tereza. E Tristão de Ataíde, em seu rodapé tradicional, após examinar as perspectivas do ano de 1954, termina com esta bela frase: «Não há tarefas humildes. Não há vidas malogradas. Não há solidão».

VARANDA A 1.º DE JANEIRO

Desenho de DAREL

BOM dia à parede branca do hotel suspeito (defronte), bom dia ao silêncio dessas primeiras horas, ao primeiro homem que passa de pasta e chapéu, ao primeiro chofer de táxi que arreia a bandeira, à freira de chapelão branco (feito de massa de fazer colarinho) que vai pedir esmolas, às mulheres grávidas há meia hora, bom dia, enfim, ao dia, que me ignora tanto, quando eu o amo, pelo cheiro, pela brancura e pelas coisas que, sem dizer, me promete, para faltar, para faltar.

A véspera foi tôda de "reveillons", de "whisky", de "champagne" (beber e depois morrer), de "rhum", de "cognac" (depressão), de vinho do pôrto (ingenuidade, lembrança), de "gin" (suores frios), de vinho Telefone, "reiveillon" de sulfanilamida (também tem).

Súbita lembrança de pessoas louras e esguias: Zatopek, Danuza Leão, o filho de Alencastro Guimarães. Súbita lembrança de pessoas cearenses: Orlando Mota, Glorinha Pestana, Otacílio Colares. Súbita e emocionante lembrança dessa mulher por quem iria à manicure e usaria, sem constrangimento, um cravo na lapela: Marian Anderson.

Saudades que eu não queria mais sentir, saudades que me seguram pela gola e me puxam para trás: não é a rua Duque de Caxias (São Paulo) que, lá embaixo, forra um trecho de chão. É o Capibaribe, passando, sem me ouvir, em sua caminhada pretendida. Depois, é uma procissão dos Passos, passando, sem me ver, em sua lenta caminhada de avenida. Depois, virá a noite e vai passar, sem sentir, que a quero prender em meu relógio. Não perturbes o rio, a procissão e a noite. Saudades que eu não queria mais sentir. Das pessoas, nem conto.

Raiva fora de hora da fôrca dos inglêses, da guilhotina francesa, da cadeira elétrica e da câmara de gás letal dos Estados Unidos. Asco tirado do fundo da alma para a insensibilidade dos carrascos, que só serão considerados assassinos se matarem nos dias de folga prevista pela Consolidação das Leis Trabalhistas.

Desgôsto de certas coisas que não foram feitas por preguiça: aos 10 anos, 4 horas da madrugada, por não ter ido voar de Graff Zeppelin; aos 14 anos, seis horas da manhã, por não ter ido tomar café com a dona Elza, que estava só e mandou chamar com uma insistência tão de desconfiar; em abril de 52, por não ter ido a Paris; desgôsto, enfim, de nunca ter conseguido amar a Deus sôbre tôdas as coisas.

Longe daqui, existe um homem, com um copo de "whisky" na mão ("whisky" irlandês, pálido, com um certo gôsto de madeira verde e de ressaca aprazada para o dia seguinte), numa janela, olhando o mar. De vez em quando, fala e diz uma definição ou uma profecia. Chama-se Jaime Ovalle, estado civil: católico; nacionalidade: pijama; idade: a verificar; profissão: modinha.

Súbita lembrança de pessoas de prêto (voltaram, paciência) os irmãos maristas, grandes responsáveis pela minha timidez; minha tia viúva, que comia sanduíche de fiambre, nos enterros dos cunhados, enquanto as irmãs enviuvavam; o homem que não dormia há 10 anos, com os olhos mais convexos e mais parados que já vi, mas que foi pegado dormindo, um dia, em Campina Grande, na beira de um açude e, pelo desafôro, foi jogado nágua, onde morreu direto. Súbita lembrança, enfim, da pessoa mais de prêto que existe: Ricardo Fasanelo — estado civil: palidez; nacionalidade: anfitrião; profissão: Fasanelo e nada mais.

Mágoas: dos cavalos, de cujo dorso caí em menino; dos bois, que me olharam atravessado, sem que eu nunca houvesse dito nada de seus chifres; do carneiro, que me deu uma marrada na bôca do estômago; do cachorro, que rasgou minhas calças, na festa do aniversário; dos macacos, que se portaram inconvenientemente tôdas as vêzes que levei moças para vê-los; do leão, que comeu o braço de um menino, em 1950; das zebras, em geral, pelo mau gôsto do terno; de alguns amigos, enfim, que viviam em volta, davam tôdas as promessas possíveis de lealdade, mas que, de repente, foram saindo de mansinho, um por um e foram ser amigos de alguma outra novidade em matéria de pessoa.

Perdão e venturas mil, para todos, numa frase que, infelizmente, não é minha: "amai-vos e odiai-me".

ANTÔNIO MARIA





MICHÈLE ESTREOU AOS 17 ANOS

A aluna de René Simon deixa a Normândia para tentar Paris — Extra aos 15 anos de idade — Léonide Moguy, seu descobridor — A «partenaire» de Gabin premiada no Festival de Cannes — Sua carreira no cinema norte-americano.

Reportagem de NEWTON COUTO | **Fotos FRANÇA FILMES**

COM apenas 15 anos de idade, Simone Roussel, ou melhor Michèle Morgan, deixa sua residência na Normândia, vindo tentar a chance em Paris, estudando arte dramática com René Simon, ao mesmo tempo que aparecia como extra em diversos filmes cinematográficos. Com a idade de 17 anos, Michèle Morgan teve a sua primeira oportunidade no cinema. Foi o diretor francês Léonide Moguy quem teve a honra de lançá-la no filme «Le Mioche», filmado em 1934, re

comendando-a em seguida ao realizador Marc Allegret, que estava à procura de uma «estrêla» para a sua película, pois havia ficado muito satisfeito com o trabalho da extraordinária atriz cinematográfica, que iniciava com rara felicidade a sua brilhante carreira. Depois de alguns ensaios, Marc Allegret resolve lhe entregar o grande papel de «Mulher Fatal» (Gribouille), ao lado do magnífico ator Raimu, hoje falecido, que obteve da crítica mundial os maiores encômios pelo seu notável desempenho, onde pôs a prova todo o seu temperamento artístico. Consagrado pelo público e pela crítica, Michèle Morgan consegue outro extraordinário papel em «Veneno» (Orage), uma adaptação da obra «Venin» de Bernstein, tendo ocasião de mostrar os seus dotes físicos, assim como seu talento, pois agora já possuía uma certa experiência artística, que começava a pôr em prática. A seu lado figurava o ator Charles Boyer.

—//—

Já de posse de grande prestígio, foi a escolhida pelo cineasta Marcel Carné para figurar ao lado de Jean Gabin num dos principais papéis de «Cais das Sombras» (Quai Des Brumes), aparecendo depois em «L'Entrai neuse», «Recife do Coral» (Recif de Corail), novamente ao lado de Jean Gabin. Em 1940 fêz «A Lei do Norte» (La Piste Du Nord), baseado no romance de Constantin-Wyer, sob a direção de Jacques Feyder, ao lado de grandes atores como Charles Vanel e Pierre Blanchar, e Pierre Richard Wilm, celulóide que sofreu durante a segunda guerra diversas mutilações, mas ainda conseguiu estrear, principalmente no Brasil, e «França Eterna», que foi estreado nos Estados Unidos com o título de «O Coração de uma Nação», sendo exibido na França sòmente em 1945, isto é, depois do conflito mundial. Foram, portanto, duas películas que tiveram as suas apresentações retardadas na capital francesa. Em seguida, Jean Grémillon convidou Michèle Morgan para figurar outra vez ao lado de Jean Gabin em «Águas Tempestuosas» (Remorques), filmando mais dois celulóides: «Mam'zelle Mozart» ou «A Fugitiva» e «Os Músicos do Céu».

—//—

Durante a guerra filma «Untel Pere et Fils», direção de Julien Duvivier, e quando se dá a ocupação da França pelos alemães, parte para os Estados Unidos, onde faz a sua estréia no cinema norte-americano no filme «E as Luzes Brilharão Outra Vez» (Joan of Paris), para os estúdios da RKO Radio Pictures, figurando logo após em «Two Tickets To London», «Highler And Highler» e «Passagem para Marselha» (Passage to Marseille), da Warner Bros., ao lado de Humphrey Bogart. De volta à Europa, filmou na Suíça «A Sinfonia Pastoral» (La Symphonie Pastorale), baseado num conto de André Gide, e onde contracenava com Pierre Blanchar, dirigido por Jean Delannoy, película que lhe deu o prêmio de melhor intérprete feminina no Festival de Cannes de 1946. Contratada, volta aos Estados Unidos para filmar «Chase», sob a direção de Arthur Ripley. Em Londres rodou «Première Desillusion», embarcando para a Itália onde foi filmar sob a direção do grande realizador italiano Alessandre Blassetti, «Fabiola», onde se deu a sua aproximação de Henri Vidal, um dos intérpretes do mencionado filme, apaixonando-se por êle e com quem contraiu núpcias. Aliás, Henri Vidal estêve de passagem pelo Brasil, depois de comparecer a Buenos Aires, onde foi realizada a semana do cinema italiano. Retornando à França, Michèle Morgan apareceu em «Aux Yeux Du Souvenir», sob a batuta de Jean Delannoy, «Maria Chapdelaine» e «La Belle Que Voila».

—//—

Descrever a figura de Michèle Morgan é uma das coisas mais difíceis que podem existir, porque não há palavras que possam exprimir com fidelidade a sua beleza. Sinceramente, confessamos que desde que apareceu a espôsa de Henri Vidal no cinema, tornamo-nos imediatamente seus escravos. Michèle é um verdadeiro poema, possuindo um rosto expressivo e dos mais perfeitos que temos visto ùltimamente. Seus olhos verdes seduzem com a maior facilidade, sendo de grande poder interpretativo, pois completam a sua excelente máscara, que usa com grande sentido artístico, na composição de suas personagens. Seus cabelos ruivos, são um convite à poesia, pelo lirismo que dão à sua linda figura. Seus lábios irradiam calor. Seu corpo demonstra que a natureza não poupou esforços em lhe proporcionar todos os requintes de beleza, acentuando tôdas as suas partes com ligeiros toques de sensualidade, que muito poucas têm a felicidade de possuir. Enfim, Michèle Morgan é um dos exemplos mais frizantes de uma «estrêla» cinematográfica dotada de todos os predicados exigidos pela sétima arte, gozando também de um grande conceito junto ao público, à crítica e aos produtores e realizadores do mundo inteiro.

—//—

Apesar de ter obtido apenas um grande prêmio, Michèle Morgan conseguirá ainda grandes lauréis. Tem uma personalidade marcante e esplêndidas qualidades artísticas, sendo que enriquecerá ainda muitas vêzes a sua carreira com interpretações realmente notáveis, que deverão ser prestigiadas com prêmios, que apenas servirão de pálidas justificativas aos seus trabalhos. Ainda não souberam fazer justiça ao seu talento, mas não demorará o dia em que ela será recompensada pelos seus grandes desempenhos legados ao cinema, obtendo a consagração que tôda artista espera na vida: o de ver perpetuado para sempre o seu nome na galeria dos artistas imortais.



Henri Vidal, marido de Michèle, conseguiu chegar a tempo, de volta da América do Sul, para abraçar sua espôsa um dia antes dela viajar para o México, via New York, onde e aguardada para novas filmagens.



Uns dias antes de sua viagem ao México, Michèle Morgan fêz uma visita a «Unifrance-Filme», onde a vemos olhando no mapa, o local onde pouco depois filmaria a película de Yves Allégret, «Os orgulhosos», da F. Gibé



Paris... não seria Paris, se não existissem os «guardas» que, amiudadas vêzes são vítimas da ironia parisiense, conservam, sem embargo, o sorriso nos lábios... sobretudo quando uma «estrêla» lhes dirige a palavra...



FLAMENGO, O ABSOLUTO!



INVICTO NO TERCEIRO TURNO, O QUADRO RUBRO-NEGRO É NOVAMENTE O CAMPEÃO DA CIDADE

NOVE PEQUENAS PARA UM RAPAZ

Tradução de SÍLVIA JAMBEIRO

Por MICHEL DUCHEMIM

AQUELA visão através de grades lembrou aos dois uma cena de confessionário do último filme dela. Afobados e com risco de terem os dedos presos na grade conseguiram deter a porta.

— Vai subir, madame? (perguntou o menos tímido, isto é, o que não se dizia engenheiro-eletricista).

— Mas vamos ficar terrìvelmente apertados...! (respondeu ela com aquela voz adorável já célebre no mundo inteiro).

Tinham mesmo feito uma campanha contrária pela imprensa no sentido de provar que havia doublagem e o cronista dissera que uma doublagem seria como que um colar de pérolas caindo na sargeta. Mas, enfim, ela havia dito só para êles dois e não para milhões de espectadores nas salas obscuras, ela dissera: «Mas vamos ficar terrìvelmente apertados!»

Na verdade, três pessoas naquele pequeno elevador e mais as malas dos rapazes, e ainda sem contar com o minúsculo cão pequinês da «estrêla», chegava a ser uma aventura. E os andares começaram a desfilar preguiçosamente. Os dois rapazes inebriados pelo perfume e deliciosamente mal acomodados juntos com a deusa enquanto o elevador começava a gemer e a estalar. De vez em quando, como que por brincadeira, parava um pouco no espaço e depois continuava a se arrastar. Evidentemente estava dando o máximo de suas fôrças e a inquietação se revelou no olhar da bela. Quando um ascensor começa a gemer, a estalar, a vibrar e roncar com pequenas paradas bruscas trazendo uma certa sensação fria ao estômago de seus ocupantes todo ser normal começa logo a fazer uma prece rogando aos céus por um final feliz. Mas ao contrário, os meus dois amigos rezavam com fervor para que a gaiolinha parasse entre dois pavimentos. Desejavam até que se partisse um cabo e viesse uma morte dramática para que se lêsse nos jornais que «ela» havia encontrado a morte num acidente de elevador em companhia de dois rapazes cujos nomes viriam a seguir. Seria a glória póstuma e talvez até o Liceu onde estudavam fôsse rebatizado com seus nomes heróicos. É, mas deram azar e chegaram muito bem. Nós no momento nos poderíamos comparar a um grupo de pessoas engaioladas num pequeno elevador, numa cabine telefônica, no corredor de um ônibus, numa caixa postal enfim em qualquer espaço acanhado... e estávamos apenas num vapor que nos transportava pela côrte dalmática. Devo aqui fazer um pequeno retrospecto e contar o início dessa penosa travessia.

Partimos da Casa de Estudantes com apreciável atraso porque Léna se esqueceu de bater à minha porta para me acordar. Acho bastante difícil que me tenham esquecido, eu — o único rapaz do grupo — mas foi verdade. E tive que me vestir a tôda pressa com as nove pequenas esmurrando a porta e reclamando contra um rapaz que demora mais para vestir-se que tôdas elas. E meti a roupa na mala afobado e aflito com mêdo de esquecer a metade. Cinco minutos mais tarde corríamos em direção ao pôrto. O «vapor» apareceu afinal; uma multidão incalculável se acotovelava no cais como se um personagem muito importante estivesse para chegar.

— Por que tanta gente deixa seus afazeres a uma horas dessas só para ver um barco partir? (perguntei ingênuamente).

— Acontece que não estão aqui só para ver o barco partir mas para embarcar no mesmo (responde Léna com paciência).

Quase desmaio ao ouvir isso.

Na verdade era alarmante ver a intenção daquela quantidade de gente, que dava para lotar a Praça da Concórdia, de entrar no pequeno vapor e por aquela pranchazinha de sessenta centímetros de largura. Não estou querendo exagerar nem dramatizar, pois ninguém caiu nágua nem morreu por falta de ar, que eu saiba; só sei é que entrei comprimido pela pressão de quinhentos quilos por todos os lados e empurrando os obstáculos como um tanque de guerra. É verdade que eu tinha o privilégio de estar protegido pela «malinha» de Nicole que na porta da Casa de Estudantes ficara parada olhando para mim e suspirando significativamente, e lamentou-se:

RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA

● O jovem arquiteto Michel resolve gozar as férias na Iugoslávia e só no dia da partida sabe que viajará em companhia de nove moças. Partem e êle se vê às voltas com Catherine, Denise, Nicole, Andrea, Colette ... outras embarcam nas estações seguintes e surgem os apuros com os atrasos dos trens, as baldeações, as bagagens. Em Rijeka o guia que os espera é também uma moça. Ficam hospedados numa Casa de Estudantes. Antes do almôço vão à praia e Michel quer tirar fotografias, mas não o deixam. Depois vão comer num restaurante socialista e voltam de trem subterrâneo para a Casa de Estudantes, onde Michel pensa dormir um pouco, mas não consegue, pois fica alojado no quarto de uma rapaziada barulhenta e brincalhona. Êle resolve levantar-se e sair para caminhar um pouco. No corredor encontra Andrea que, como êle, não conseguiu dormir por causa do barulho que fazem as companheiras de quarto. E saem os dois para dar uma volta a pé pela cidade. Quando voltam, horas depois, pensando em dormir, encontram a turma pronta para ir jantar na «boite». Êle protesta, mas acaba por concordar. Chegando lá êle se anima, dançando com as pequenas e executando com Colette um «swing» alucinante. Tôdas aplaudem entusiasmadas. Na manhã seguinte, muito cedo, embarcam num vaporzinho superlotado e sob protestos viajam mal acomodados e cobertos de fuligem, comprimidos pela multidão pouco cortês. Michel sonha com um banco ou uma cadeira para descansar, mas não há lugar. Esperam, aflitos, o próximo pôrto, temendo que a embarcação afunde.

— Passei uma noite horrível... Léna nem se deitou e vinha nos perguntar as horas a todo instante, logo ela...

E eu, automàticamente, como cavalheiro educado e ciente de seus deveres sociais, tomei das mãos de Nicole a tal mala e ela então partiu ligeira e alegre como um passarinho. Por dentro eu a acusei naquele momento porém agora bendizia os pares de sapatos, os capotes, escovas, caixas, enfim tôdas as inutilidades que compunham o miolo da pesada mala que me protegia. E ninguém se atrevia a opor resistência ao volume e pêso da monstruosa mala. Quando o vapor atracou eu fui atirado não sei como até o tombadilho aterrissando com estrondo junto com a mala e fazendo tinir as vigias.

O vapor estava todo inclinado para um dos lados e o céu pálido assistia impassível àquela confusão.

E uma a uma vi afinal chegarem as minhas meninas desgrenhadas, cheias de equimoses como se tivessem tomado parte num jôgo amistoso de Rugby entre duas universidades americanas.

— Apenas dois dias do mês são destinados ao embarque desta multidão que vai gozar descanso e nós temos o azar de escolher logo um dêsses dois dias (lamentou-se Léna cansada).

Fiz sinal com a cabeça de que era solidário com o seu desânimo mas, por cima do seu ombro, eu observava que a última corda fôra desamarrada ao partirmos e que o vaporzinho arrastava pela água marcando um sulco como um peixe espada. A pequena e superlotada embarcação adernava indecisa ora para um lado ora para o outro por sôbre o mar calmo mas evidentemente não conseguia equilibrar-se e tínhamos, a todo instante, a impressão de que íamos sossobrar.

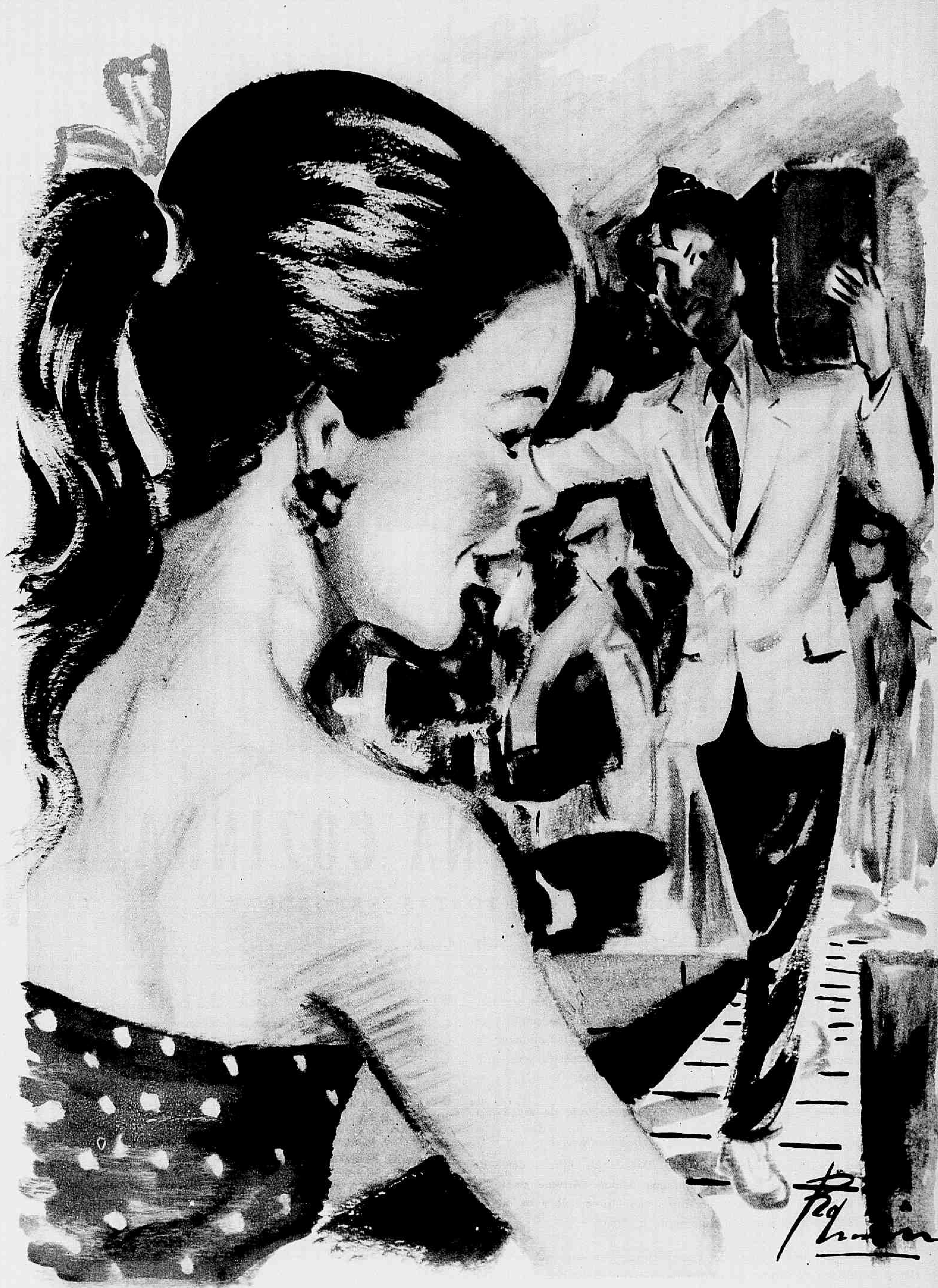
— É verdade (continuou Léna lentamente) que o vapor hoje está mais lotado do que de costume mas em Rab muita gente vai desembarcar.

Esta informação ela obtivera diretamente do capitão. Está claro que tínhamos que dar fé à mesma pois acima dêle só se recorrêssemos a Deus; portanto o aviso do capitão nos pareceu suficiente e passamos a esperar a passagem por Rab com impaciência e ardorosa esperança.

Quando o Barbudo me havia declarado, confortàvelmente instalado no seu escritório da agência de turismo, que eu percorreria a côrte dalmática em navio, cheguei a ver refletidos em seus olhos grandes navios silenciosos flutuando majestosamente por entre ilhas paradisíacas; e nós, tostados de sol, apreciando a paisagem do tombadilho, estirados em confortáveis cadeiras de lona. Mas a realidade era bem outra. Estávamos bloqueados à retaguarda por uma lona verde que cobria vários caixotes com quinas por todos os lados. Enquanto isso nossas malas esbarravam em nossas pernas a todo instante, nossas malas que encontrávamos a todo minuto durante a viagem como um marido que enfrenta a espôsa rabugenta todo santo dia ao voltar para casa. E suspirei pensando naqueles heróis romanos que partiam para a aventura com apenas uma escôva de dentes por bagagem.

A única vantagem que eu acho é que é muito mais confortável para o viajante na minha situação sentar-se sôbre a mala que sôbre uma escova de dentes. Acontece porém que tôdas as minhas meninas acharam prático trazer elegantes valises, essas que chamamos «mala para avião», e que não servem de jeito nenhum para sentarmos em cima mas apenas para serem carregadas pelas mãos delicadas dos empregados dos grandes hotéis. Sòmente eu, com minha bagagem rústica, a tôda a prova, satisfazia às condições do momento. Mas... que adianta um cavalheiro bem equipado e precavido se êle viaja em companhia de nove meninas inexperientes? E lá vem a mesma história do meu saco de viagem, um resto de galanteria não me permitiu que eu sentasse cômodamente sôbre a minha mala e deixasse as moças tôdas à minha volta como carpideiras velando um túmulo. Tive pois de contentar-me em olhar a pirâmide da nossa bagagem e suspirar como o pobre que confere o bilhete de um milhão e sente que aquela oportunidade está perdida para sempre.

A organização iugoslava, que tinha a responsabilidade da nossa viagem, nos julgou, por certo, dignos de especiais deferências; de privilégios reservados às classes superiores e daí o fato de virem diretamente em cima de nós tôda a fumaça e tôda a poeira que o vaporzinho pôde acumular. Nunca provoquei confidências de pessoas que tenham feito travessias na parte de trás de um vapor; talvez seja costume em tais casos tomar-se um chuveiro de minuto em minuto ou então estas localidades são reservadas especialmente aos limpadores de chaminés e aos trapeiros, não sei... não entendo bem do assunto, só sei que em menos de meia hora estávamos completamente cobertos por uma camada de poeira de carvão. Estávamos todos negros como carvoeiros e sentimos em nossos lábios um estranho gôsto de cinza, que nos levou a pensar no dia final. **(Continua no próximo número)**





WEEK-END NA COZINHA

COMO FAZER TORTAS SABOROSAS

TIA DULCE

A torta é uma sobremesa deliciosa, pelo menos do modo que a entendemos. Na Suíça, como na Inglaterra, encontramos os pudins; na Itália as nozes com creme batido; na Alemanha o que êles chamam de torta é de massa folhada; na Nova Zelândia é que consegui encontrar uma torta de maçã com creme azêdo, muito saborosa.

Entretanto, darei aqui a receita mais gostosa de **torta de maçã** que conheço:

Forre uma fôrma de torta com a massa. Descasque e pique cêrca de um quilo, ou um pouco menos, de maçãs ácidas. Arrume as fatias dentro da massa de torta, de modo que umas fiquem sôbre as outras, formando fileiras, e encham completamente a fôrma.

Misture, então, três quartos de xícara de açúcar com um têrço de xícara de farinha de trigo e um quarto de colher, das de chá, de canela. Peneire sôbre as maçãs e derrame por cima meia xícara de creme de leite azêdo. Asse em forno quente, cêrca de 10 minutos. Reduza o fogo e deixe ainda mais algum tempo até as maçãs ficarem macias e a crosta bem tostada.

● Quando eu era criança, minha avó costumava fazer uma torta muito simples, com um nome também muito simples: chamava-se **torta de açúcar**. Eu adorava comê-la inteirinha, escondido, mas, por muitos anos, fui incapaz de descobrir a receita. Outro dia encontrei uma, e aqui está:

Misture três ovos, ligeiramente batidos, com meia xícara de creme de leite, duas xícaras de açúcar, um quarto de xícara de manteiga derretida, uma e meia colheres, das de sopa, de casca de limão ralada, e 4 colheres, das de sopa, de caldo de limão. Mexa bem, e derrame dentro da massa de torta já preparada, levando para assar até que a crosta esteja dourada. É apenas isso, mas vale a pena!



● Também dos meus tempos de criança vem a lembrança da **torta em xadrez** que, uma vez provada, nunca mais se esquece:

Bata ligeiramente 4 gemas de ovos e junte uma xícara de açúcar, duas colheres, das de chá, de farinha de milho, uma colher, das de chá, de farinha de trigo e um quarto de colher, das de chá, de sal.

Misture tudo muito bem e acrescente meia xícara de manteiga derretida, mas fria. Mexa mais um pouco, e adicione uma xícara de creme de leite batido. Bata tudo com um batedor de ovos e derrame dentro da massa de torta antes de assá-la. Salpique por cima com noz-moscada, e asse em forno moderado, cêrca de uma hora.

● Entre as tortas favoritas de todos, está, em primeiro lugar, a **torta de côco**, principalmente entre os homens. Nenhuma mulher pode se considerar especialista em tortas se não souber fazer uma torta de côco apresentável. O recheio deve ser cremoso e rico em sabor, o merengue bem firme, mas não duro e por cima uma camada fina, bem tostada, como o corado das donzelas de antigamente.

Misture três quartos de xícara de açúcar com um quarto de colher, das de chá, de sal, sete colheres, das de sopa, de farinha de trigo e uma xícara de côco ralado.

Misture, também, três gemas de ôvo, ligeiramente batidas, com duas xícaras de leite e uma colher, das de chá, de baunilha. Adicione uma mistura à outra, cozinhe em banho-maria, até começar a engrossar e perder a goma.

Depois de frio derrame dentro de uma fôrma de torta já assada. Bata as claras dos ovos em ponto de neve, tempere generosamente com açúcar, e salpique por cima com um pouco de côco ralado. Ponha em forno brando, cêrca de 20 minutos. Garanto que você ganhará um beijo de prêmio!



● Pergunte a qualquer brotinho de hoje em dia, se sabe fazer uma **torta de cerejas** e ela olhará muito espantada para você. No entanto as tortas de frutas constituem a espinha dorsal da arte de fazer tortas. Uma boa torta de cerejas pode nos convencer de que vale a pena viver.

Depois que a massa já estiver pronta e colocada na fôrma, faça o recheio do seguinte modo: misture meia xícara da calda da cereja com uma xícara e um têrço de açúcar, três colheres, das de sopa, de maizena e um oitavo de colher, das de chá, de sal.

Derrame tudo sôbre duas e meia xícaras de cerejas bem escorridas, e colocadas no fundo da massa de torta. Salpique por cima manteiga em pedacinhos, e leve para assar em forno bem quente, cêrca de 10 minutos. Depois, diminua o fogo e deixe mais uma meia hora até a crosta ficar tostadinha. Enfeite em volta com creme de leite batido.

● Gosto de qualquer espécie de tortas de frutas e isso, conseqüentemente, incluí a **torta de damasco:** cozinhe, e depois escorra, cêrca de 250 gramas de damascos. Misture com uma xícara de açúcar. Dissolva um pacotinho de gelatina de laranja em duas xícaras dágua fervendo. Junte meia colher, das de chá, de sal e misture tudo com os damascos. Deixe gelar, e, quando começar a ficar duro, derrame dentro da massa de torta já assada e cubra com uma camada grossa de creme batido.



● Falta ainda a **torta de abóbora**, tradicional nos Estados Unidos e que é deliciosa quando feita em casa:

Misture seis colheres, das de sopa, de açúcar prêto, com três colheres, das de sopa, de açúcar branco, meia colher, das de chá, de sal, uma colher, das de chá, de canela, meia colher, das de chá, de gengibre, um oitavo de colher, das de chá, de cravos, três ovos, uma xícara e meia de leite, meia xícara de glicose de milho (escura) e uma xícara e meia de abóbora.

Misture muito bem, e derrame dentro de uma massa de torta já assada, tornando a colocar no forno, até que uma faca mergulhada no recheio saia completamente limpa. Cubra com creme batido. (APLA)

Semana ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 23 E 29 DE JANEIRO DE 1954 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Uma semana intensa, movimentada e de bons resultados, terá o leitor, nos próximos sete dias. A conjunção de Marte com o Sol, no dia 28, lhe dará uma excelente oportunidade para conseguir do govêrno o que estiver sendo pleiteado.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — Com exceção do dia 27, dia extremamente perigoso, a nova semana lhe será propícia às iniciativas e às realizações. Os negócios correrão fàcilmente, havendo, mesmo, a possibilidade de pingues lucros numa operação imprevista.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Se tiver alguma coisa de importância para fazer, resolver ou empreender, escolha, de preferência, o dia 25. Apesar de pouco beneficiado, o leitor terá, em tal dia, uma boa soma de chance. O dia pior será o 27.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — Dois dias, apenas, na semana, serão de chance para o leitor: 23 e 29. Poderá até, especular com êxito, em tais dias. No dia 27 não tente algo, pois as menores coisas redundarão em grandes aborrecimentos.

★ LEAO (21/1 — 20/2) — Não lhe faltarão elementos, na semana entrante, para honrar suas obrigações. O leitor conseguirá sair-se bem das situações em que se envolver e terá êxito nos negócios. A vida sentimental também estará bem amparada.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Não se aconselhe sôbre assuntos relacionados à profissão, nos próximos sete dias. Siga os ditames da sua própria razão e da sua consciência, certo de que não errará. Seu poder intuitivo será grande.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Envide todos os esforços para se manter calmo, discreto, no contrôle absoluto dos atos e das atitudes. Qualquer ato intempestivo, da sua parte, provocará verdadeiro tumulto, principalmente no lar. Contenha-se como possível.

★ ESCORPIAO (21/4 — 20/5) — O seu ambiente, na semana que se aproxima, será de confiança e de amizade. As coisas lhe correrão bem em todos os seus interêsses e aspirações. No terreno sentimental a situação não será benéfica apenas no dia 27. Nos dias restantes estará de bem com Cupido.

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — É preciso agir de modo impecável, na próxima semana, principalmente nos casos de responsabilidade funcional. Há perigos graves de delação. Seu nome poderá ser arrastado pela rua das amarguras. Cuidado.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Limite suas atividades à própria profissão. Não saia do ordinário, mesmo na vida sentimental. As inovações não darão resultado e as aventuras poderão conduzi-lo a uma situação complicada. Guarde-se bem no dia 25.

★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — Não tome qualquer iniciativa de importância, nos dias 25 e 27. Nos outros dias poderá agir com inteira liberdade, pois o ambiente dos astros lhe será muito favorável. Nos negócios terá tôdas facilidades.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Grande movimentação terá o leitor na semana próxima. Além de agitado por uma incontrolável exitação nervosa, os fatos, mesmo, o constrangirão a agir de modo particularmente intenso.

OS NOMES DA SEMANA

Janeiro,	23	—	Bernardo	—	Maria
"	24	—	Timóteo	—	Marcília
"	25	—	Paulo	—	Aldevina
"	26	—	Elmiro	—	Vitorina
"	27	—	Dácio	—	Juliana
"	28	—	Cirilo	—	Palmira
"	29	—	Severo	—	Valéria

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

				(SIGNO DO:)
Janeiro,	23	—	2º - 57' - 29"	(Aquário)
"	24	—	3º - 58' - 30"	(")
"	25	—	4º - 59' - 29"	(")
"	26	—	6º - 0' - 29"	(")
"	27	—	7º - 1' - 28"	(")
"	28	—	8º - 2' - 25"	(")
"	29	—	9º - 3' - 22"	(")

Desânimo
Abatimento



Desânimo, abatimento, mau humor, palpitações, ansiedade, excitações nervosas, dôres de cabeça e outros distúrbios mais sérios da saúde podem ser causados pelas inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Quando êstes órgãos não funcionam normalmente, o gênio da mulher altera-se quase sempre, e ela pensa, não raro, que está sofrendo de muitas doenças, sem desconfiar, nem se lembrar, que os seus males podem ser provenientes de congestões e inflamações útero-ovarianas.

Em semelhantes casos, uma bôa medicação descongestionante exercerá efeito salutar sôbre todo o organismo, e a mulher sentir-se-á outra: reanimada, bem mais disposta e contente com a vida, que lhe parecia, antes do tratamento, um pesado fardo.

Trate-se

Use *Regulador* Gesteira

***Regulador* Gesteira** é o remédio de confiança para tratar as congestões e inflamações dos órgãos útero-ovarianos, que tão desfavorável repercussão costumam ter no sistema nervoso.

Comece hoje mesmo

a usar *Regulador* Gesteira

★ ★

REVISTA DA SEMANA
agradece aos amigos

Recebemos e retribuímos felicitações de Ano Novo enviadas por: Franchin. Netto, Casa Fernandes, Agência Sul Brasileira de Editores Reunidos, SENAC, Serviço de Documentação do Ministério da Justiça, Oscar Flues & Cia. Ltda., Grande Hotel Prata, Distribuidora de Publicações Reinaldo Ltda., National Paper & Type Company, Editors Press, Rádio Mauá, Polícia do Cais do Pôrto, Casa Bruno, Transporte "Expresso Rio", Ltda., Varig, Companhia Lanston do Brasil S.A., Cia. Importadora Gráfica Arthur Sievers, Transporte Zoroastro Ltda., Hélio Arôxa, Gráfica Mar Ltda., Record Propaganda, Companhia Paulista de Papéis e Artes Gráficas, Deodato Cypriano Pinto, Estevam Carraro, Frühwald & Jäger, Siemens do Brasil, Carlos M. Pedrosa, Companhia Nacional Cine-Filmes, Sociedade Anônima Magalhães e Comércio e Indústria, R.F. Besnard, Gerard de La Villesbrunne, S.A. Philips do Brasil, Eno Scott & Browne, Perfumes Seletos S.A., J. Rasina, Cia. de Papéis, F. Johnsson, Cia. T. Janer, Esso Standar do Brasil, Escola Superior de Guerra, Casa do Policial, Medical & Pharmaceutical Information Service, Inc., McCann-Erockson, Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Gráficas do Rio de Janeiro, Sindicato dos Publicitários do Rio de Janeiro, Thais Bellini, Herculano Craveiro Júnior e Família, Clube de Regatas Vasco da Gama, Parsons & Wittemore, Claridade Emprêsa de Publicidade, Produtos Minerais Ltda., Publicidade Cruzeiro Ltda., Keistone, Arnaldo Garai, Banco Português do Brasil, Otávio Sagebin, Tintas Supercolor Ltda., Banco Francês e Italiano, Pan American Airwais Ltda., Rio Publicidade, KLM, Robert Charles Vaché, Livraria Agir Editôra, Ballet da Juventude, Agência Johnson Ltda., Schilling-Hiller, Minnesota Manufatureira e Mercantil Ltda., Linotypo do Brasil, S.A., Shell Brazil Limited, Instituto Argentino-Brasileño de Cultura, Armazéns Gerais Mauá, S.A., Grant Advertising, Senac, Ribamar Coelho, Banco Aliança do Rio de Janeiro S.A., Ruy Lowndes, Associação Brasileira de Rádio, Gustav Fuechsel, General Motors do Brasil, Vitor do Espírito Santo e Família, Curso de Polícia Feminina Auxiliar do Rio de Janeiro, Cofram, Voga Publicidade, Casa São Luís para a Velhice, Banco Mineiro de Produção S.A., Companhia Importadora Sueca Ltda., Livraria Renascença Ltda., Vemag, Oscarito e Família, Bank of Boston, União Brasileira de Compositores, J. M. Huber Corporation, Bauersche Giesserei Frankfurt/Main, Colégio Pan-Americano, "Nemaza" Ltda., Gráfica Cruzeiro Ltda., Pro Matre, Expresso Estrêla de Prata Ltda., Grande Hotel OK, Emáss, Emissoras Associadas Ltda., L. Esteves & Cia., Ltda., Tec, J.R. Stockler Passos.

Puxe pelo CÉREBRO



NOSSA COLUNA DE TESTES



1 Que quer dizer «Nicanor»:

— Órfão?
— Vitorioso?
— Filho bastardo?

2 Quem disse isto: «Amar é achar na felicidade alheia a sua própria felicidade»:

— Leibnitz?
— O Pe. Vieira?
— Salomão?

3 De que veio a morrer a famosa Lucrécia Bórgia:

— Assassinada pelo irmão César?
— De parto?
— De uma queda de cavalo?

4 Esta gravura representa a estátua de:

— Moisés, de Miguel Angelo?
— Colosso de Rodes?
— Júpiter Olímpico?

5 Qual o rio que banha a capital dos Estados Unidos:

— O Hudson?
— O Mississipi?
— O Potomac?

6 Esta árvore, a de maior circunferência do mundo, é:

— Mangueira?
— Baobá?
— Jequitibá?

7 Em que Estado nasce o rio São Francisco:

— São Paulo?
— Goiás?
— Minas Gerais?

8 Qual destas lagoas do Estado do Rio é a maior:

— A Feia?
— A de Araruama?
— A Carapebus?

9 Qual a palmeira do Brasil cujo nome científico é «copernicia cerifera»:

— A carnaúba?
— A Jarina?
— O babaçu?

10 Qual destas cidades é a primeira do Estado do Espírito Santo, depois da capital:

— Colatina?
— Muqui?
— Cachoeiro do Itapemirim?

11 Onde fica o ponto culminante do Estado de São Paulo:

— Na serra de Cubatão?
— Na Mantiqueira?
— Na Bocaina?

12 Quem era o Barão do Amazonas:

— O almirante Barroso?
— Sílvio Romero?
— Joaquim Nabuco?

13 Com que nome nasce o rio Negro, principal afluente da margem esquerda do Amazonas:

— Cucuí?
— Guainia?
— Andes?

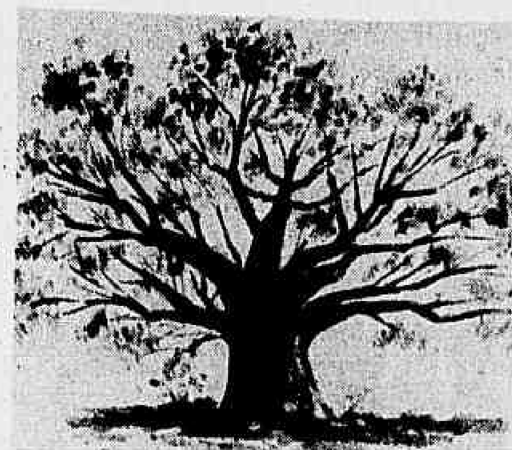
14 Onde se situou o primeiro núcleo colonial português do Brasil:

— Na Bahia?
— Em Pernambuco?
— Em São Paulo?

15 Em que parte do território paulista foi erguida a primeira povoação colonizadora:

— Em Piratininga?
— Em Santo André?
— Em Santo Amaro?

(Respostas na página 55)



Resposta 0: estado primitivo — Homem-macaco.
De 1 a 3: cultura inferior — Selvagem.
De 4 a 6: cultura média — Estudante ginasial.
De 7 a 11: cultura superior — Universitário.
De 12 a 14: um sábio.
Tôdas as 15: Um gênio em pessoa.

GRANDE HOTEL PRATA



Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as ÁGUAS DA PRATA são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar de clima ameno em tôdas as estações do ano, ÁGUAS DO PRATA oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de «Piscina do Bois», «Cascatinha dos Amôres», «Fonte Antiga», «Fazenda das Carpas», «Fazenda Retiro», «Fonte do Paiol», **«Fonte Vilena»**, «Pedra Balão» e muitas outras de riqueza paisagística sem igual. A natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista. Fonte Vilela — poderosa água radioativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.

★

O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos. Para divertimento e comodidade de seus hóspedes dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas; Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker; Barbearia e Manicure.

★

COZINHA DE 1ª ORDEM e REGIMENS DIETÉTICOS

★

RESERVA DE APOSENTOS

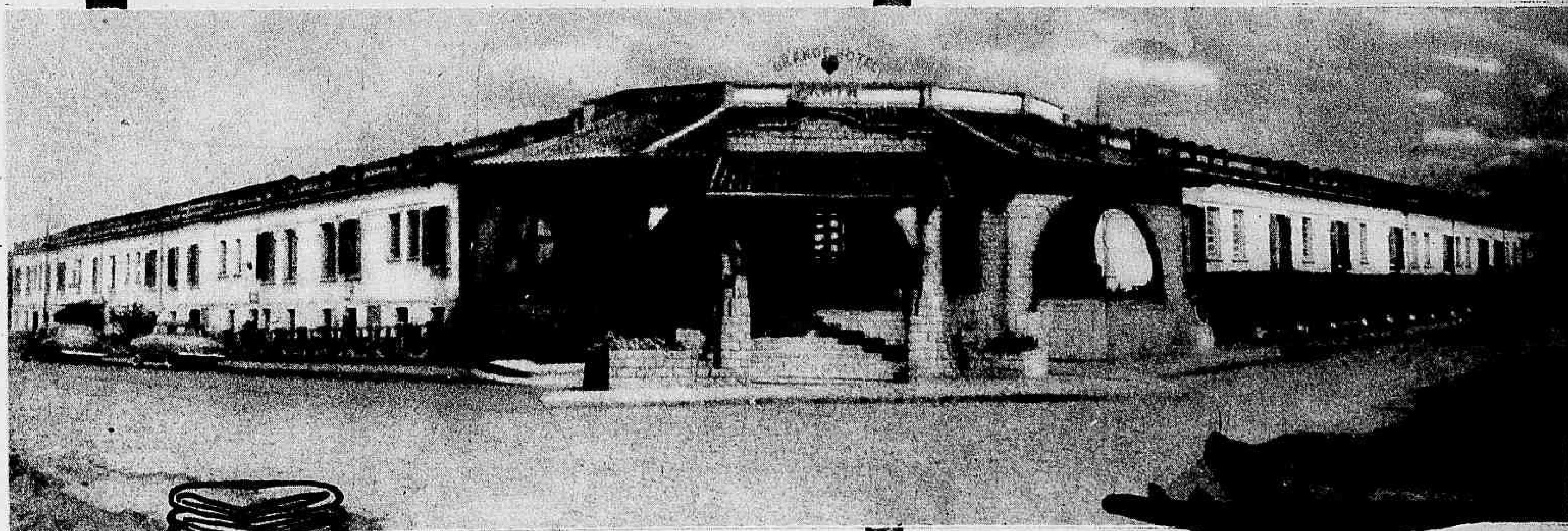
Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Águas da Prata, Estado de São Paulo por carta, telegrama ou pelo telefone nº 20. Até 30 de dezembro 20% de desconto nos preços da tabela. ÁGUAS DA PRATA é servida pela magnífica Emprêsa de ônibus VIAÇÃO COMETA S. A., que circula por centenas de cidades do país e que mantém 10 ônibus diários para São Paulo.

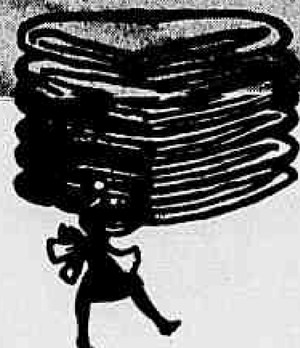


EXCELENTE BAR


AMPLA VARANDA


SALÃO DE REFEIÇÕES





ÁGUAS DA PRATA
(ESTADO DE SÃO PAULO)

«A VICHY BRASILEIRA»

AVIÕES

★ Rio de Janeiro para Poços de Calda — via São Paulo
★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via B. Horizonte
(do aeroporto a Águas da Prata 30 minutos de automóvel)

UM POUCO DE Beleza



CUIDE DE SUA PERMANENTE...

Para que seus cabelos tenham uma bonita ondulação, não basta uma permanente bem feita, pelo melhor dos profissionais. Necessário é, também, que você cuide dêles com muito carinho.

Antes de fazer a permanente — principalmente se seus cabelos são muito secos — unte-os com azeite de oliveira, pelo menos durante uma noite tôda, para que os cabelos absorvam um pouco dêsse óleo.

Depois, lave a cabeça freqüentemente. Ao contrário do que muita gente acredita, lavar a cabeça não contribui para que a permanente se acabe, mas, os cabelos ficam mais soltos depois de limpos, e as ondas voltam a se acentuar.

De vez em quando mande cortar as pontas de seus cabelos. Os cachos se enrolarão com maior facilidade, e você poderá, assim, compor melhor o penteado que desejar.

Um último conselho. Escove sempre os seus cabelos, diàriamente. A escova tira a poeira que se acumula na cabeleira, estimula a circulação do couro cabeludo, amacia os cabelos. Não é verdade o que dizem que a escova aliza os cabelos! — JÚLIA DE MILO

COXA GROSSA?

O melhor sistema para se corrigir coxas muito grossas é a ginástica bem orientada. Os exercícios de contração e distenção dos músculos da perna são os mais aconselhados para êsse caso. Devem ser executados com energia, como demonstra Virginia Gibson, da Warner, na foto.

Às vêzes a causa de coxas muito grossas é a celulite, ou o acúmulo de substâncias gordas, em certas partes do corpo. Para isso a ginástica, ainda, é um bom recurso. No entanto, podem ser aconselhados, também, a massagem, aplicações de parafina, os banhos de luz, ou certos tratamentos elétricos especiais. Todos êles devem ser aplicados por profissionais competentes.

O SAL NO SEU ROSTO

O sal tem o poder de descansar os músculos. Por isso mesmo os banhos de mar são tão recomendados para as pessoas cansadas ou em estado de esgotamento nervoso.

No tratamento dos músculos do rosto o sal produz maravilhas, já que um rosto descansado é, normalmente, um rosto bonito. Eis como aplicá-lo: misture um pouco de sal com o seu creme de beleza, na palma das mãos. Será melhor ainda se o creme estiver gelado. Aplique sôbre o rosto, e deixe por algum tempo, antes de remover.

O PESCOÇO

Quando estiver tratando de seu rosto, cuide também de seu pescoço. Passe primeiro um creme de limpeza, para tirar qualquer impureza. Depois retire o excesso com um adstringente. A seguir, passe água e sabão, formando bastante espuma, e esfregando com uma escovinha macia ou um pano felpudo; ativará a circulação, evitando a formação de rugas, que denunciam idade, e impedem que você use com graça um bonito decote.



LÁPIS DE SOBRANCELHA...

O lápis para sobrancelha, quando de côr castanha, muitas vêzes produz uma tonalidade avermelhada, não muito bonita. Para evitar que isso aconteça, escolha o seu lápis num castanho «muito escuro».

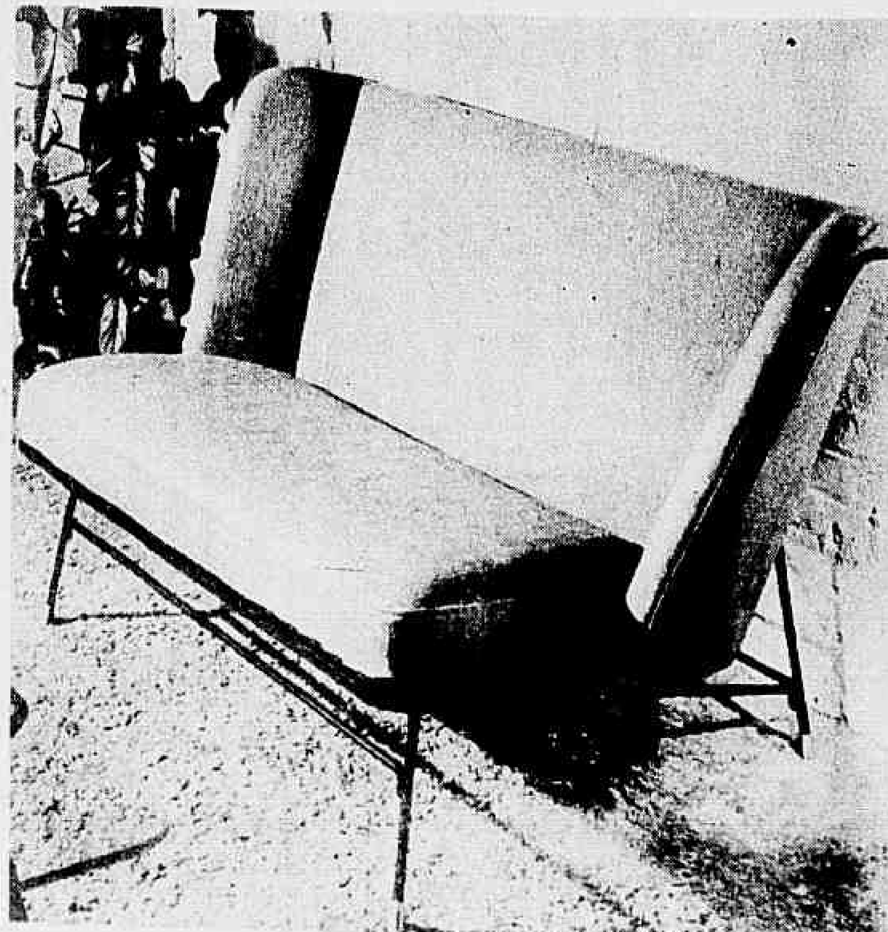
SUGESTÃO PARA O LAR

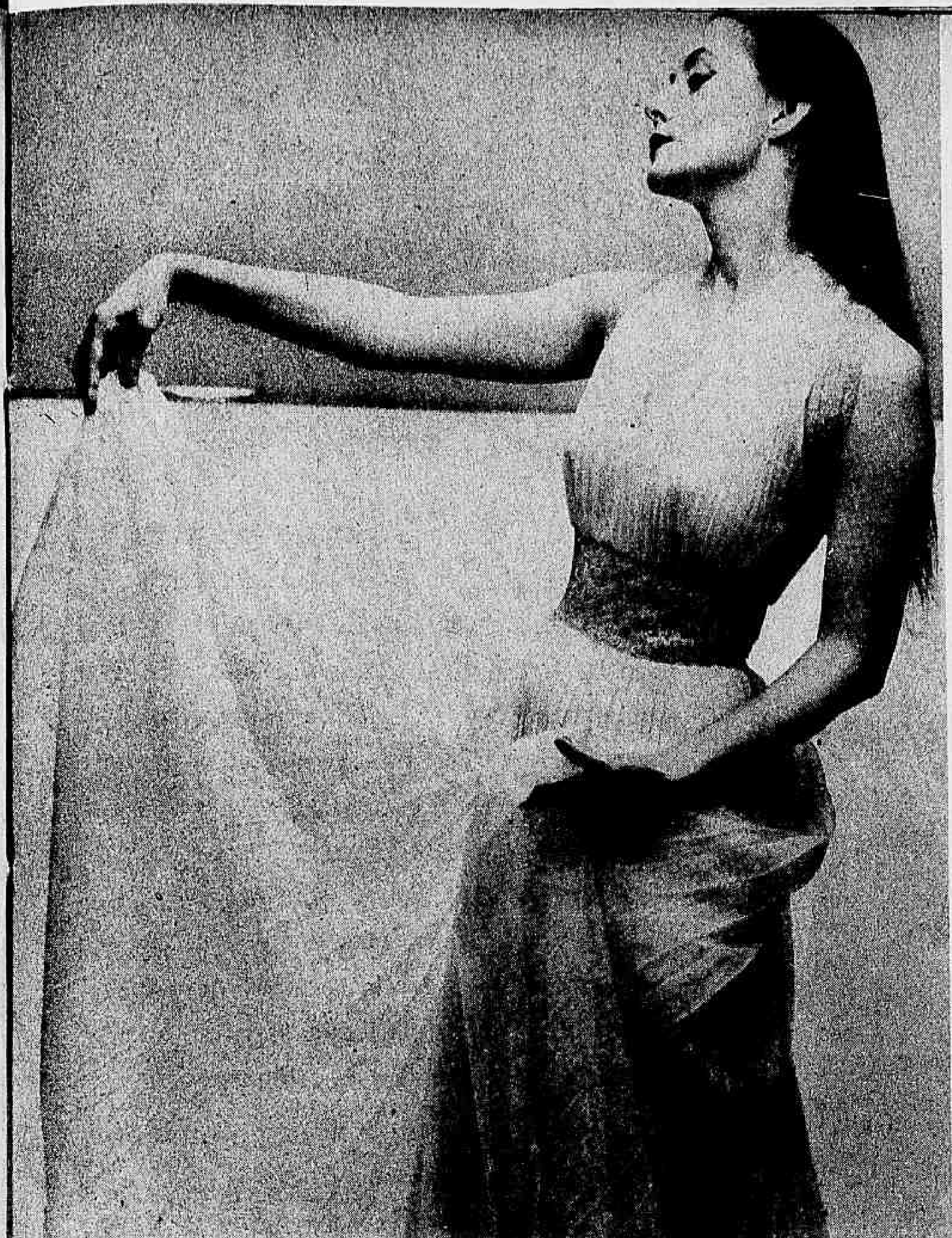
Os sofás tradicionais diminuiram de tamanho, mas, em compensação, tornaram-se muito mais confortáveis. Éste, é inspirado nos modelos antigos, porém adaptado à época moderna pelo decorador Salterini.

Tanto o assento, como o encôsto, são acolchoados com macia espuma de borracha e recobertos por tecido gratiné forte, em côr neutra. Armação tôda em ferro roliço, sendo que a parte sob o assento é em molas simples de aço.

O que, porém, torna êste sofá ultra confortável, é a propriedade que tem o encôsto de se curvar mais ou menos, segundo a vontade de quem está sentado, por um dispositivo especial na sua parte posterior.

Observe os outros detalhes da decoração: as folhagens no canto, as duas máscaras africanas prêsas à parede, e o porta-frutas em forma de tijela, de madeira que aparece em parte no primeiro plano. Tudo isso sôbre um tapête levemente esverdeado.







YOLANDE — Um modêlo delicadíssimo, em plissado. Uma fina renda contorna a pala, a cintura e o decote, de frente única

I. S. A. — Em fino voile de algodão, esta camisola rodada, arrematada com cordãozinho negro, que acentua sua linha "Império"



A. H. — A anágua arma muito bem. Completa-a uma camisinha de malha amarrada na cintura, para ser usada com os vestidos transparentes

TANTO para dormir, quanto para usar sob os vestidos de verão, a lingerie, nessa época do ano, deve ser leve, fresca, fácil de lavar e passar. Evitam-se os babados de rendas, os adornos muito complicados, para se dar preferência aos modelos que deixam o corpo mais livre, mais à vontade.

Preferem-se os tecidos em algodão ou sêda muito fina. As roupas de «nylon», por estas horas, já estarão acondicionadas, bem lavadinhas e perfumadas, nas caixas com naftalina, pois, sòmente depois de abril voltarão a ser agradáveis sôbre a pele, fazem transpirar muito com o calor.

Se você ainda não completou sua coleção de lingerie para êste verão, olhe um pouco os modelos apresentados. São graciosos e o que existe de mais prático em matéria de lingerie de verão. **FLAMA**



VANITY FAIR — Camisola em jersei de sêda fino, acompanhada de uma "liseuse" no mesmo tecido, estampado

FUGIU

PICASSO tem setenta e dois anos e sua mulher, Françoise Gillot, apenas trinta. Mas qual dos dois é mais jovem e mais forte? Quando se conheceram em Paris, em 1947, Françoise tinha vinte e dois anos e Picasso sessenta e cinco. Françoise tinha os cabelos castanhos soltos sôbre as espáduas e Picasso tinha as têmporas grisalhas e metade do crânio calvo. Era natural pensar que o tempo trouxesse vantagem à mulher, acrescentando sua fôrça e enfraquecendo o artista. Mas aconteceu o contrário.

Os amôres de Picasso começam sempre da mesma maneira. No início tem uma agressividade fulminante, irresistível. Fernande Olivier, a primeira da série, foi conquistada no vão de um portão da Rua Ravignan, em Montmartre, enquanto caía um temporal que parecia desabar o céu. Picasso, que já a havia encontrado umas duas ou três vêzes, olhando-a insistenmente com seus olhos redondos e negros, levou-a quase a fôrça para o seu estúdio do Bateau Lavoir, a alguns passos de distância.

A segunda, Eva Marcoussis, tirou do marido, um pintor polaco cubista, du-

Considerando a grande diferença de idade que havia entre os dois, tudo levava a crer que o tempo agisse em favor de Françoise. Mas parece que as coisas correram de modo contrário ao previsto.

Ele a tratava como se fôsse um simples objeto ou um móvel de luxo. Ela o abandonou por estar cansada de viver com um monumento histórico.



A POMBA DE PICASSO

A JOVEM E BELA FRANÇOISE GILLOT ABANDONA O MARIDO FAMOSO E DESABAFA: "CANSEI DE VIVER COM UM MONUMENTO HISTÓRICO" ★ MAS JÁ NO DIA SEGUINTE, IMPERTURBÁVEL, PABLO PICASSO ESTAVA, DE PINCEL EM PUNHO, DIANTE DE UMA TELA BRANCA.

Texto de MARITA LIMA

rante o carnaval. Marcoussis, que era ciumento, vigiava muitíssimo a mulher, mas estava convencido que o rival contra quem devia precaver-se não fôsse Picasso e sim um pintor italiano recém-chegado a Paris. Assim, enquanto Marcoussis vigiava atentamente os movimentos do pintor italiano, Picasso e Eva fugiram, mesmo debaixo de suas vistas.

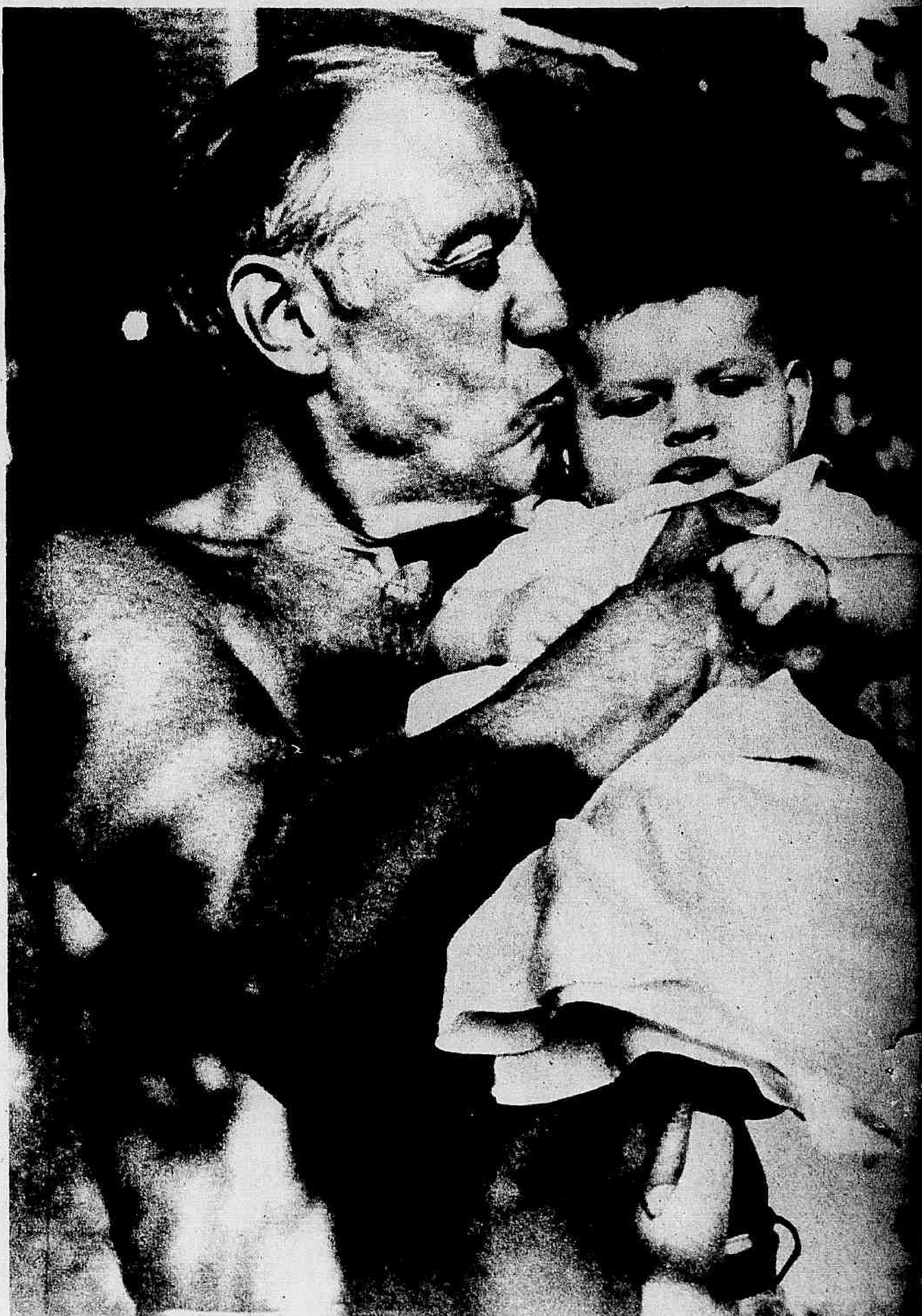
O encontro com Françoise teve lugar no estúdio de André Marchand, um pintor que no tempo era considerado a cabeça da nova geração. Françoise era sua aluna predileta. Picasso olhou os quadros, disse que eram "Chèques sans provision" (vazios), depois partiu para Vallauris, com a moça.

DEPOIS DO VENDAVAL

Depois da conquista, porém, Picasso muda de humor. Torna-se fechado, irracível, ciumento. Manteve pràticamente prêsa a sua prima-dona Fernande, no estúdio da Rua Ravignan, e para que não fôsse vista, ia êle mesmo, de manhã, fazer compras no mercado. Durante o inverno, no vasto aposento não aquecido congelava-se e Fernande, a quem era proibido sair, para não morrer de frio passava o dia quase todo no leito. Enquanto isto, Picasso trabalhava em seus quadros, sem dirigir-lhe uma palavra.

Com Françoise o artista não se comportou de modo diferente. Êle a considerava, como às outras que a precederam, uma espécie de objeto, ou um belo móvel. Sua atenção se voltava para outras coisas. Aos setenta e dois anos de idade Picasso é ainda um jovem que parte para a descoberta do mundo: não tem tempo para se ocupar com aquilo que já está feito. As pessoas que o cercam não podem fazer mais do que servi-lo e submeter-se a êle.

Françoise e Picasso conviveram durante oito anos. Durante êste período, sempre Françoise esperou que o tempo abrandasse o caráter do homem. Man-



Pablo Picasso com o filho Claude, nascido de Françoise, a quem o pintor se uniu em 1947, depois de ter-se separado de sua mulher, a bailarina russa Olga Kiklova. Picasso teve de Françoise também uma filha, que se chama Paloma.

O ESTÚDIO DO MESTRE ESTÁ SEMPRE CHEIO DE MULHERES

tinha-se de parte, cuidando da casa e das crianças, e deixava as coisas correrem. Os amigos pintores vinham visitá-los e Françoise mantinha-se calada. De tôdas as localidades vinham mulheres de tôdas as idades, que entravam no estúdio do mestre e ali permaneciam por horas; Françoise fingia não ver.

O FIM

O tempo passava. As têmporas de Picasso tornaram-se brancas. Mas sua vontade e seu gôsto pela vida, como num desafio ao mundo, não mudavam

Então, Françoise começou a perturbar-se. Os mesmos olhos negros e redondos que a haviam atraído no estúdio de André Marchand pareciam-lhe os de um polvo. Françoise Gillot disse que abandonou Picasso porque estava cansada de viver ao lado de um monumento histórico. Na realidade tinha mêdo.

A um estudante da Martinica, que quis saber porque havia abandonado Picasso, Françoise respondeu com um gesto de fastídio, acrescentando: "Era impossível continuar assim. Copiava todos os quadros que eu fazia".

A um jornalista ela disse: "Não quero que meus filhos cresçam, sem uma educação adequada".



Françoise diz que oito anos ao lado de um monumento histórico é mais do que suficiente para uma mulher que acaba de chegar aos trinta anos.

Françoise Gillot, que tem apenas trinta anos, abandonou recentemente o pintor, que tem setenta e dois. Picasso, durante uma viagem que fêz a Côte d'Azur, enamorou-se de uma outra jovem, que tem vinte anos e de quem ainda não se sabe o nome.

Aqui ainda está acompanhado por Françoise.



Sempre melhorando...

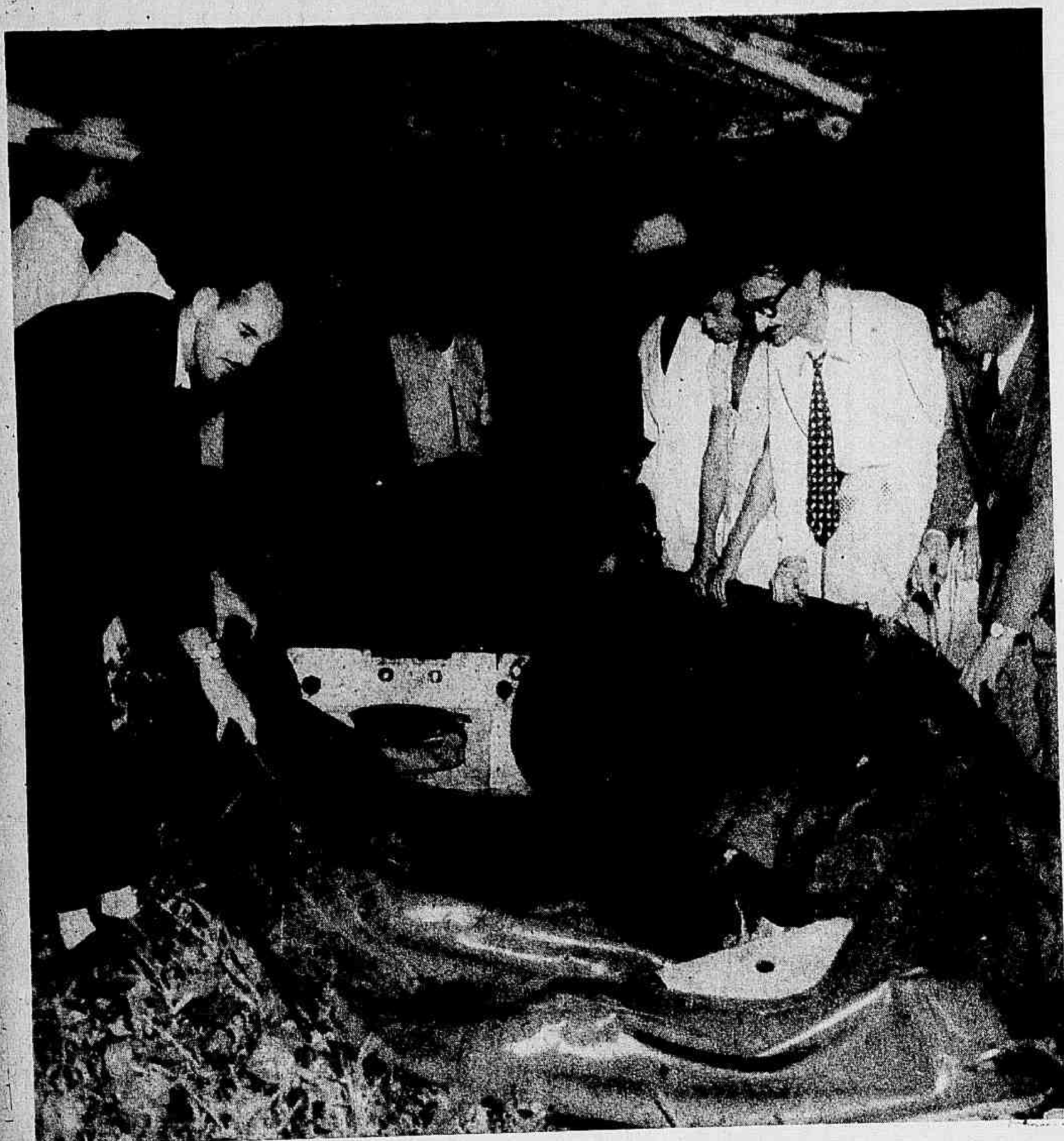
a BANDEIRANTES anuncia:



RÁDIO BANDEIRANTES

a mais popular emissora paulista





NUMA CABANA na Restinga da Marambaia, os policiais examinam o barco de borracha (a motor) do qual desembarcaram dois marujos franceses do «El Moujaid», presos na praia após o alarme dado por um casal na praia de Guaratiba.

SÓ FALTAVA RADAR NA QUADRILHA DOS PIRATAS DO WHISKY

UM «NEGÓCIO» COMERCIAL QUE SE TRANSFORMOU NUMA EXCITANTE E SENSACIONAL AVENTURA ★ O CRUZEIRO DO «EL MOUJAID»: CASABLANCA — POLÍCIA CARIOCA.

Reportagem de WILSON MACHADO
(Fotos «O Globo»)

DESDE algumas semanas atrás moradores de Sepetiba e Barra de Guaratiba, Estado do Rio, vinham notando a presença de estranhos personagens naquelas localidades. Um dêles envergava indumentária de marinheiro e foram vistos, segundo uma testemunha, trocando dólares num café da Barra. O movimento dos homens, estrangeiros segundo se verificou desde o início, começara a atrair a curiosidade dos pescadores do lugar. Isso por que a estranha gente era vista passeando cautelosa, de preferência à noite, em tôda a estensão da Restinga da Marambaia, ao longo da praia, como que na expectativa de qualquer movimento sôbre o mar. Terroristas? Agitadores? todos se perguntavam.

Finalmente, no começo da quinzena passada a primeira ponta do véu do mistério foi levantada por um casal que passeava romànticamente na praia. Repentinamente, em plena noite, dois homens vindos do mar aproximaram-se do casal. Haviam desembarcado de um barco de borracha e um tanto esquivos disseram ao par que se encontravam perdidos. Vestiam uniformes da marinha francesa. Após o rápido diálogo, os estranhos sumiram e o casal, preocupado, rumou para o Campo de Provas da Marambaia, dando conta do fato. Minutos depois um oficial e dois praças, destacados, prendiam na praia dois marujos franceses, August Drenam e Pierre Rubin, e um paisano, Marcel Chevalier. Interroga,do, Marcel procurou mentir, mas acabou confessando que pertenciam à guarnição de um iate, que naquele instante se encontrava nas proximidades da barra, aguardando sinais da praia, para desembarcar vultoso contrabando de uísque.

Perguntado quem eram os receptadores do uísque, Marcel apontou os nomes de Claud e Marie Cristine Paschaud, um casal de milionários suíços, hospedados no Hotel Copacabana Palace. Diante de todos êsses detalhes, a guarnição do Campo de Provas comunicou imediatamente o fato à Polícia Marítima e à Delegacia de Ordem Política e Social. Quem seriam aquêles elementos todos? Contrabandistas ou agentes subversivos com quartel-general em Guaratiba?

A polícia já tinha, detidos, Marcel, os dois marujos e o casal de suíços milionários. Também fôra apreendido um automóvel «Nash», contendo quantidades de víveres destinados ao iate misterioso, de nome «El Moujaid», segundo informou Marcel.

EM AÇÃO MARINHA E AERONÁUTICA

Enquanto a polícia continuava no interrogatório dos detidos, foi solicitado um barco da marinha e um avião da FAB, para sair no encalço da embarcação dos contrabandistas. Tôda a barra de Guaratiba foi vasculhada inùtilmente e o aparelho voltou sem haver encontrado o barco dos piratas. Teria escapado? Finalmente, no dia 5 último, dois dias depois, o comando da Marinha, solicitado, ordenou que o contratorpedeiro «Bracuí» rumasse para a zona suspeita da Marambaia, a fim de tentar aprisionar o iate «El Moujaid». Cêrca de meia-noite, em feliz surtida, a belonave encontrava e prendia a embarcação dos contrabandistas.

Estava, assim, prestes a ser desvendado o mistério que movimentava a Polícia e a Marinha durante quatro dias. Dez homens encontravam-se no interior do «El Moujaid», quando êste foi apreendido e rebocado para o cais da Marinha, na Baía de Guanabara, e ancorado junto ao cruzador «Barroso». É um barco de 36 metros de comprimento. No seu interior foram encontradas perto de duas mil e quinhentas caixas de uísque das marcas mais famosas.

O CAPITÃO TYLLI FALA POUCO

O capitão Henry Tilly, comandante do «El Moujaid», apresentou-se elegantemente trajado. Aparência jovem e robusta. Êle e seus nove marujos franceses foram encaminhados à Polícia Central. Interrogado, falou pouco, dizendo apenas que não sabia estar fazendo carregamento ilegal, pois se cingira a estritas ordens do armador Marcel Chevalier, o cavalheiro detido na praia de Guaratiba.

Por sua vez, Marcel, que é um tipo bem falante e maneiroso, ao ser interrogado justamente com seu companheiro, o suíço Paschoud, afirmou que pretendiam introduzir legalmente a partida de uísque no Brasil. Recorreram, mesmo, acrescentou, a um mandado de segurança. Mas como a medida tardava, haviam decidido desembarcar a bebida clandestinamente.

Quanto ao casal Paschoud, os receptadores, residiam no Copacabana Palace, apartamento 421. Muita coisa comprometedora foi encontrada ali pela polícia. Além de volumosa correspondência comprometedora, as autoridades depararam ainda com um rádio-receptor, com que os Paschoud se comunicavam diretamente com o iate «El Moujaid». O casal Paschoud freqüentava o Copacabana desde o ano de 1946, segundo se verificou nos livros do hotel. O registro da última entrada marcava 16 de novembro de 1953, tendo Claud Paschoud se identificado como violinista. Segundo a administração do hotel o casal levava vida calma, recebiam poucas visitas. Nas últimas semanas, entretanto, eram vistos seguidamente em companhia de pessoas de nacionalidade francesa.



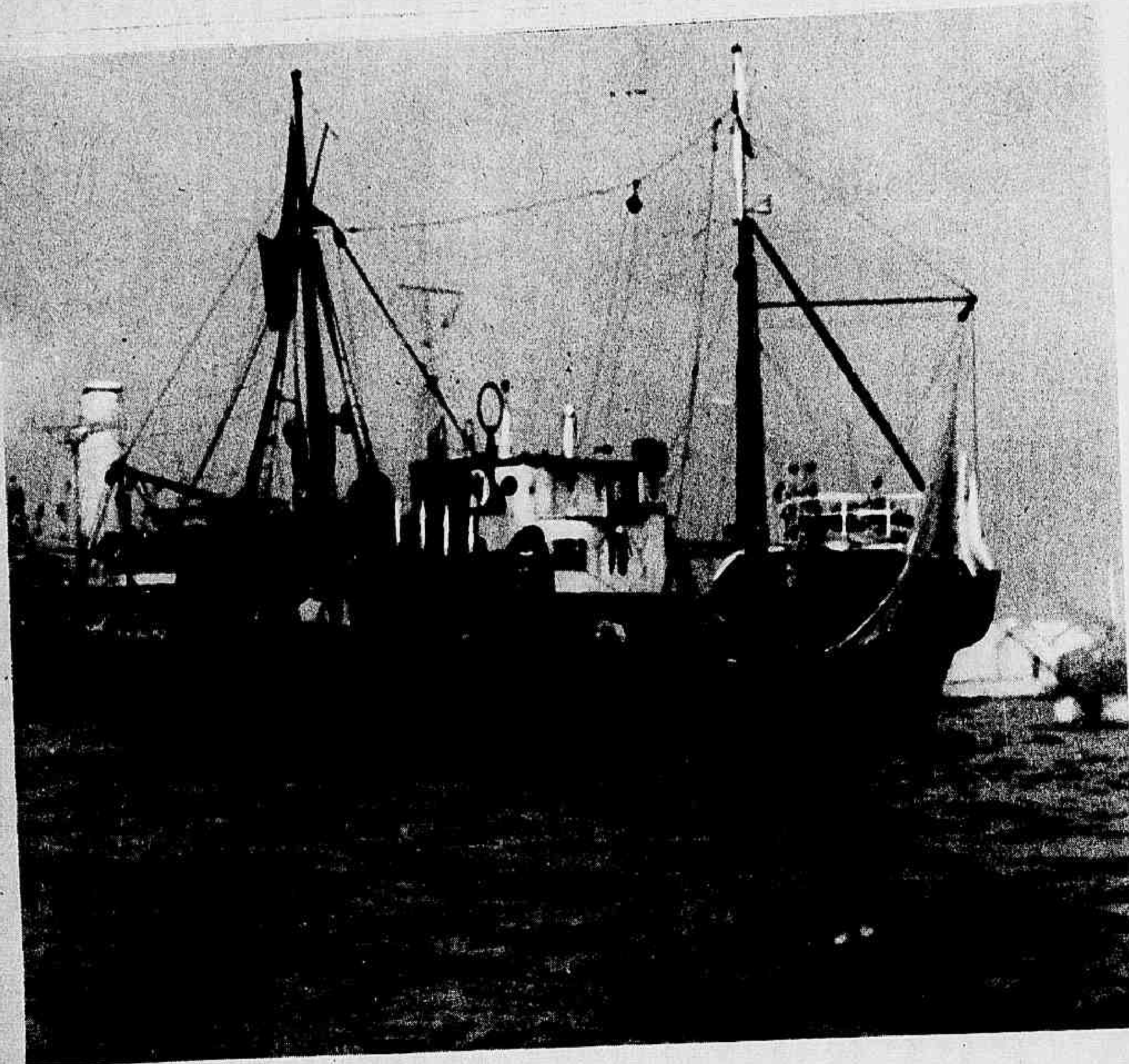
O MARUJO francês François Robin, prêso na praia de Sepetiba, foi o primeiro detido nas movimentadas diligências...

A «CASA ROSADA» ERA O Q.G.

Os contrabandistas possuíam uma organização completa em seus mínimos detalhes. Como quartel-general e depósito do uísque, os piratas contavam com uma ampla mansão, a «casa rosada», como a chamam agora, localizada na Restinga da Marambaia. Foi alugada pelo sr. João Carlos, administrador do Jardim Sul-América, em 20 de dezembro último, por 60.000 cruzeiros, pelo espaço de três meses. As chaves foram entregues, a seguir, a Marcel e Claud Paschaud. Os moradores vizinhos da «casa rosada», passaram, então, a notar que de quando em quando um carro estacionava à porta da mansão retornando pouco depois. Mais tarde outra pessoa notou dois indivíduos

Alguns dos contrabandistas quando davam entrada no Departamento Federal de Segurança Pública. Ao lado aparecem alguns dos 2.500 caixotes de uísque, apreendidos a bordo do «El Moujaid».





AI ESTÁ o famoso iate marroquino dos contrabandistas: «El Moujaid», ancorado na Guanabara ao lado do cruzador «Barroso». O iate foi aprisionado pelo contra-torpedeiro «Bracuí» após movimentada caça ao largo da Barra de Guaratiba...

lheram o Brasil para campo de seus negócios. Uma quadrilha fortemente organizada e apoiada com barcos, rádios, em missão de larga envergadura e com bases instaladas no litoral brasileiro. Tudo transcorrido entre episódios e lances que fariam inveja aos produtores de películas de pirataria. Para as autoridades aduaneiras do Brasil constituiu, o sensacional caso, a primeira grande apreensão de contrabando do ano de 1954. Com o uísque do «El Moujaid» os contrabandistas pretendiam levantar nada menos que alguns milhões de cruzeiros em nosso país.

retirando caixotes através de uma janela lateral da casa. A observação em tôrno dos estranhos moradores tornou-se, então, mais cerrada, até que a prisão dos marujos franceses na praia levou a polícia ao esconderijo dos contrabandistas.

A AVENTURA COMEÇOU EM CASABLANCA

Um dos tripulantes do «El Moujaid», Jamido Bensaid, interrogado, contou sua odisséia. É marroquino e foi contratado para cozinheiro de bordo. É natural de Safid, Marrocos francês, e o contrato de serviço era de 40.000 francos aproximadamente Cr$ 4.500,00. A aventura teve início em Casablanca, de onde «El Moujaid» partiu a 4 de novembro. Dias mais tarde atracava no porto de Londres, para receber a partida de uísque, tendo o barco recebido a visita de Marcel Chevalier. A seguir o destino foi Lisboa, onde nova carga de bebida aguardava o barco pirata. Seguindo rumo, fizeram escalas em Las Palmas, Canárias e Dakar, com destino ao Rio. Revelou o cozinheiro que não sabia de plano nenhum, pois nunca subira até a cabine de comando do iate. Disse mais que quando o barco chegou próximo à Restinga da Marambaia, um dos cabeças do contrabando, Lucien Mas, obrigou, empunhando um revólver, a que os tripulantes baixassem um escaler para levar parte da mercadoria para terra.

Os restantes marujos também falaram afirmando desconhecerem estar sendo levados a uma aventura de contrabandistas.

FIM DE UMA HISTÓRIA DE PIRATAS

E assim terminou, no dia 6 último, uma aventuresca história de piratas modernos, que esco-



ACOMODADO numa poltrona da DFSP, o capitão Henry Tylli comandante do iate «El Moujaid», responde ao interrogatório. De pé, o diretor de P. P. e Social, senhor Brandão Filho, examina a pistola de gás do capitão.



Abertura do maravilhoso desfile das várias colônias estrangeiras, que constituiu um espetáculo de surpreendente beleza, com o seu vivo colorido, seus tipos e bailados característicos.



Após a sua chegada a Curitiba, o Presidente Vargas é recepcionado no Palácio S. Francisco.

O PARANÁ FESTEJA, COM GRANDE POMPA,

100 ANOS DE VIDA POLÍTICA AUTÔNOMA

IMPONENTES SOLENIDADES ASSINALARAM A PASSAGEM DO 19 DE DEZEMBRO ★ O CHEFE DA NAÇÃO PRESIDIU AS CERIMÔNIAS ★ PRESENTES VÁRIOS GOVERNADORES E MINISTROS DE ESTADO.

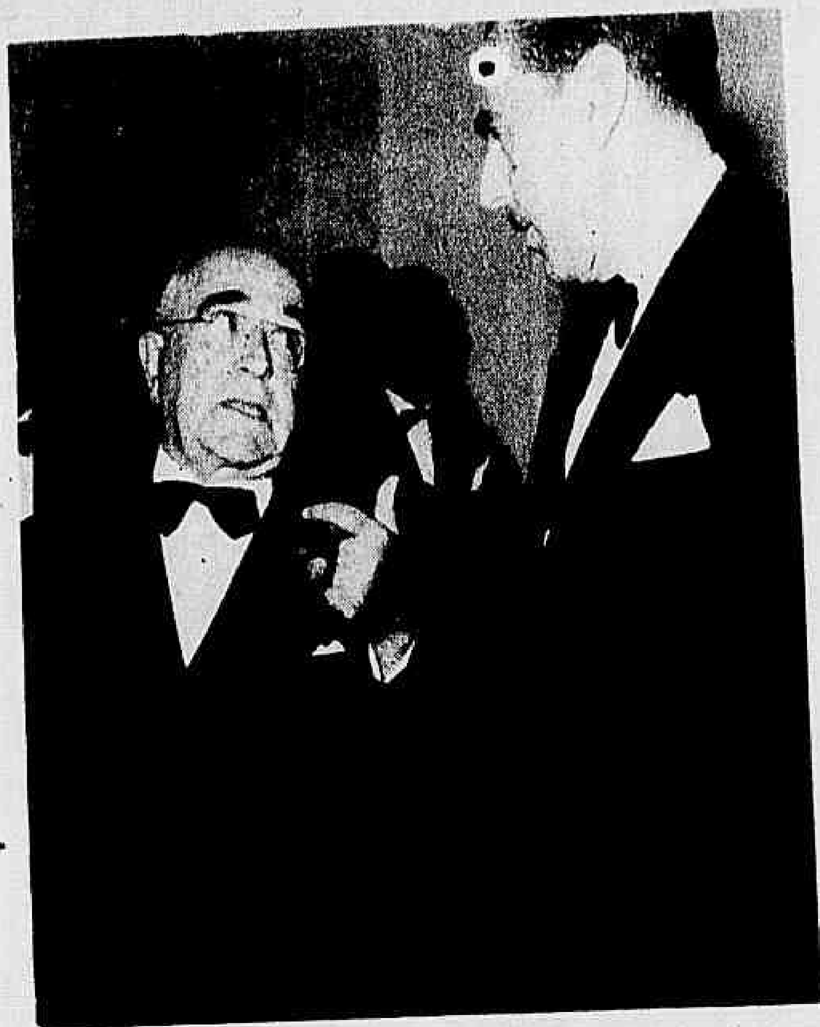
Reportagem de **ADALBERTO MENDES**

Em baixo — 0 hora do dia 19 de dezembro de 1953. O raiar da grande data é saudado pela palavra eloqüente do governador do Estado do Paraná, senhor Munhoz da Rochà e do Presidente Getúlio Dorneles Vargas, na magnífica recepção de gala do aristocrático Clube Curitibano.





A senhora do governador Bento Munhoz da Rocha Neto, cercada de ilustres damas da sociedade paranaense, no banquete em honra do Presidente da República, no Clube Curitibano.



O Presidente Getúlio Vargas em palestra com o professor Flávio Supplicy de Lacerda, Magnífico Reitor da Universidade do Paraná e um dos expoentes do ensino do grande Estado.



Banquete oficial em honra do Chefe da Nação. O professor Laerte Munhoz, presidente da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná, tendo à esquerda o governador Ernesto Dorneles.

MARCADAS por um brilhantismo invulgar, realizaram-se nos dias 18, 19 e 20 de dezembro último as grandiosas festividades comemorativas do primeiro centenário da emancipação política do Paraná, que atraíram para Curitiba as atenções do país inteiro. Desde o começo de 1953 — o ano do Centenário — que o poderoso Estado sulino se preparava carinhosamente para celebrar a sua grande data. Através de numerosos conclaves, a capital paranaense abrigou no decorrer daquele ano, as maiores expressões culturais da nossa terra, até que foi chegado o dia em que 100 anos eram completados desde aquêle episódio, encontrando para consagrá-lo, todo o povo de pé, unidos governantes e governados, mibilizadas tôdas as classes sociais, numa confortante demonstração de civismo e amor à terra do berço.

Para o grande dia, Curitiba apinhou-se de visitantes, que de todos os pontos do Brasil

Em baixo — À esquerda, o Presidente da República agradece a saudação do governador Munhoz da Rocha no banquete que lhe foi oferecido. Ao centro, os dois eminentes homens públicos trocam brindes. À direita, o govêrno paranaense fazendo o oferecimento da homenagem ao sr. Vargas.





Na manhã festiva do dia 19, Curitiba estava engalanada. Suas ruas e casas apresentavam bela ornamentação, como se vê acima, e o povo encheu ruas e praças, alegre e entusiasmado.

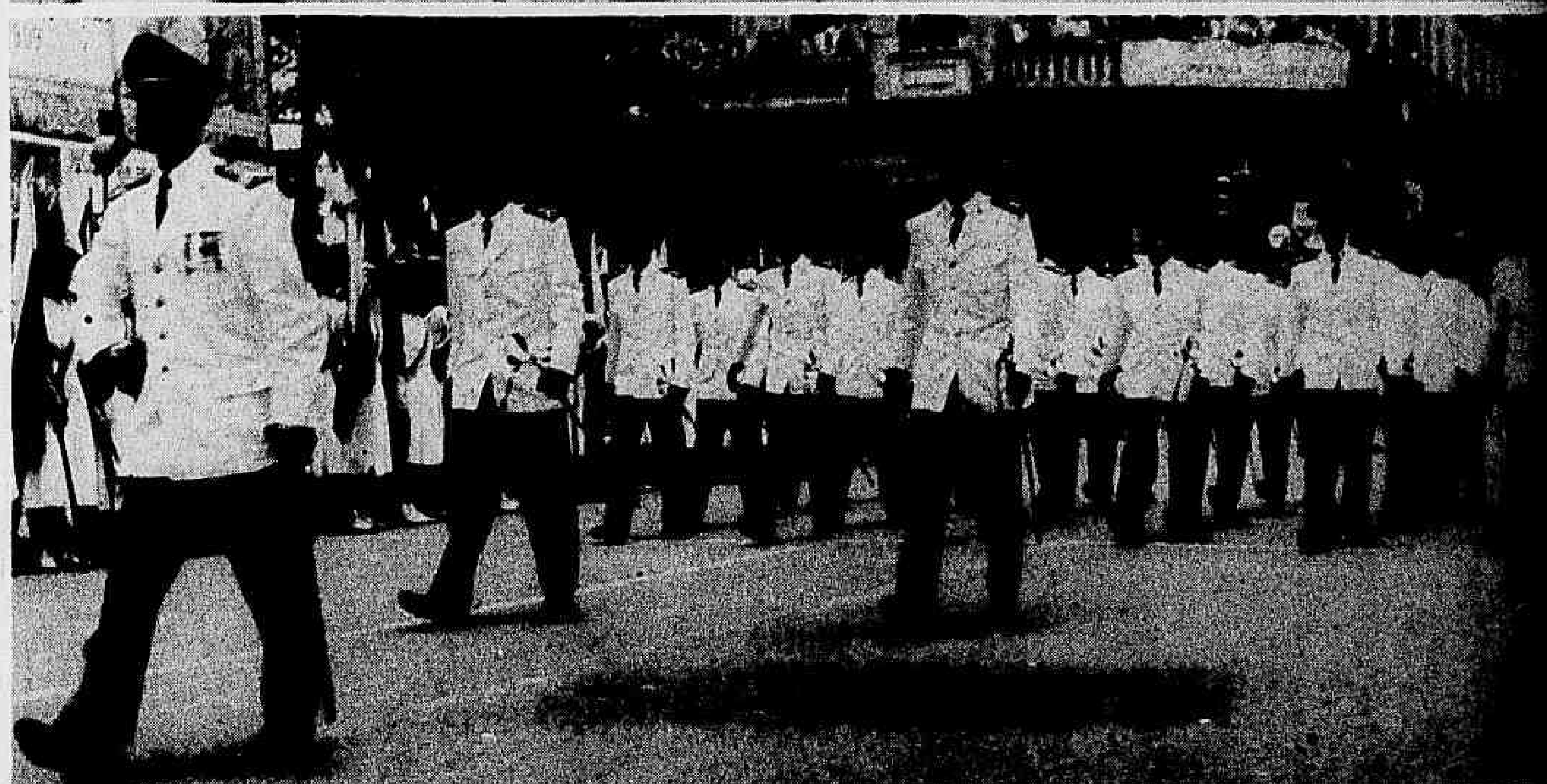
acorreram a prestar sua fraternal homenagem aos irmãos do sul. Cheia de ponta a ponta, a bela capital do Paraná acolheu a todos, grandes e pequenos, com o mesmo sorriso e a mesma fidalguia de trato. Ali se viam o Chefe da Nação, presidente de honra das festividades, os governadores de S. Paulo, de Minas Gerais, de Mato Grosso, do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, o vice-presidente da República, os ministros da Guerra, do Trabalho e da Agricultura, o presidente da Câmara dos Deputados, numerosos parlamentares e autoridades militares diversas, bem como delegações de vários Estados da Federação, cercados do carinho e das atenções do governador Munhoz da Rocha e seus auxiliares de administração, como também se via gente de tôda parte comungando com os paranaenses suas alegrias e sua glória.

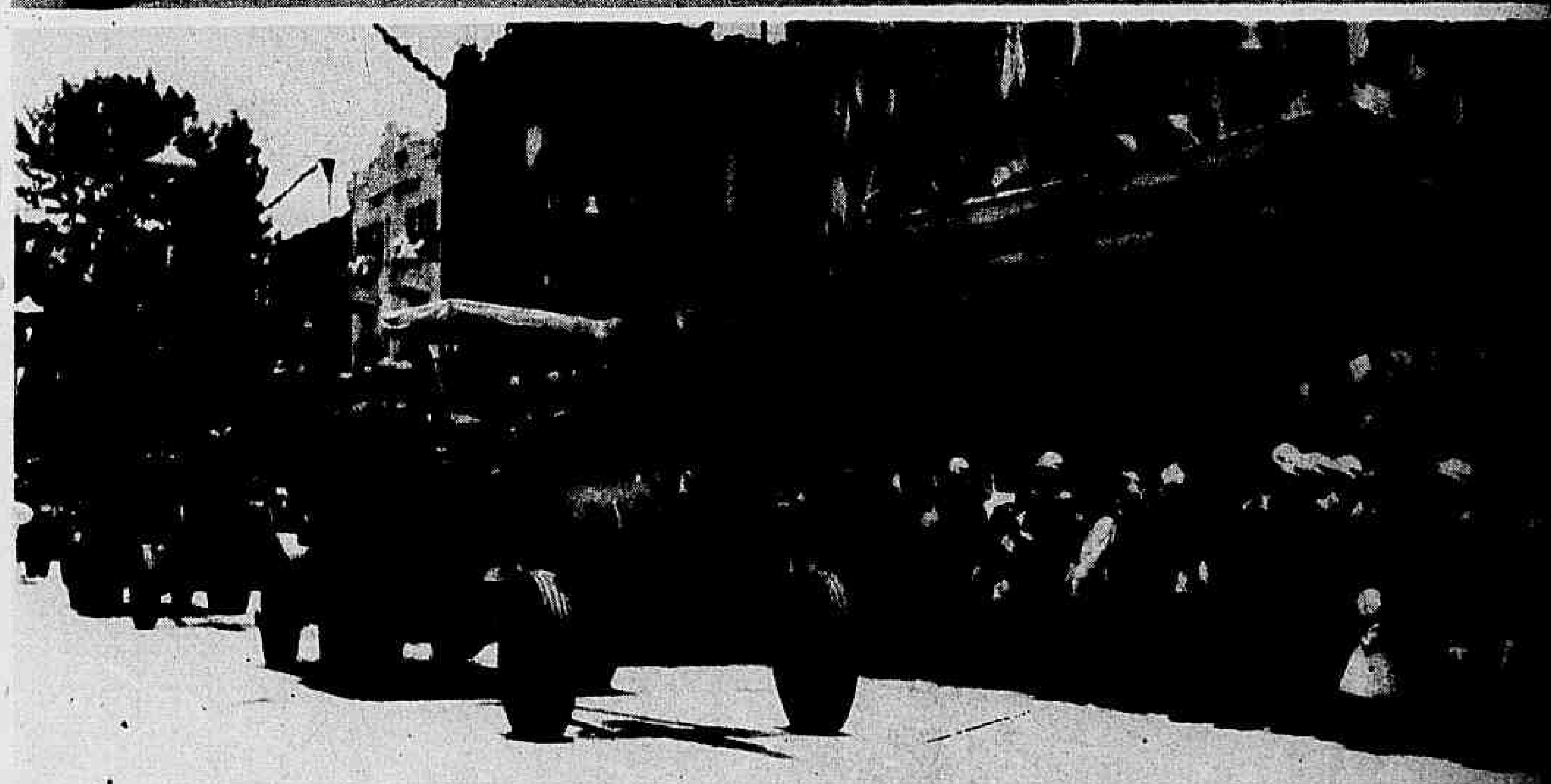
Uma gentil holandesa oferece ao Presidente Getúlio Vargas, bela e farta cêsta de frutas.



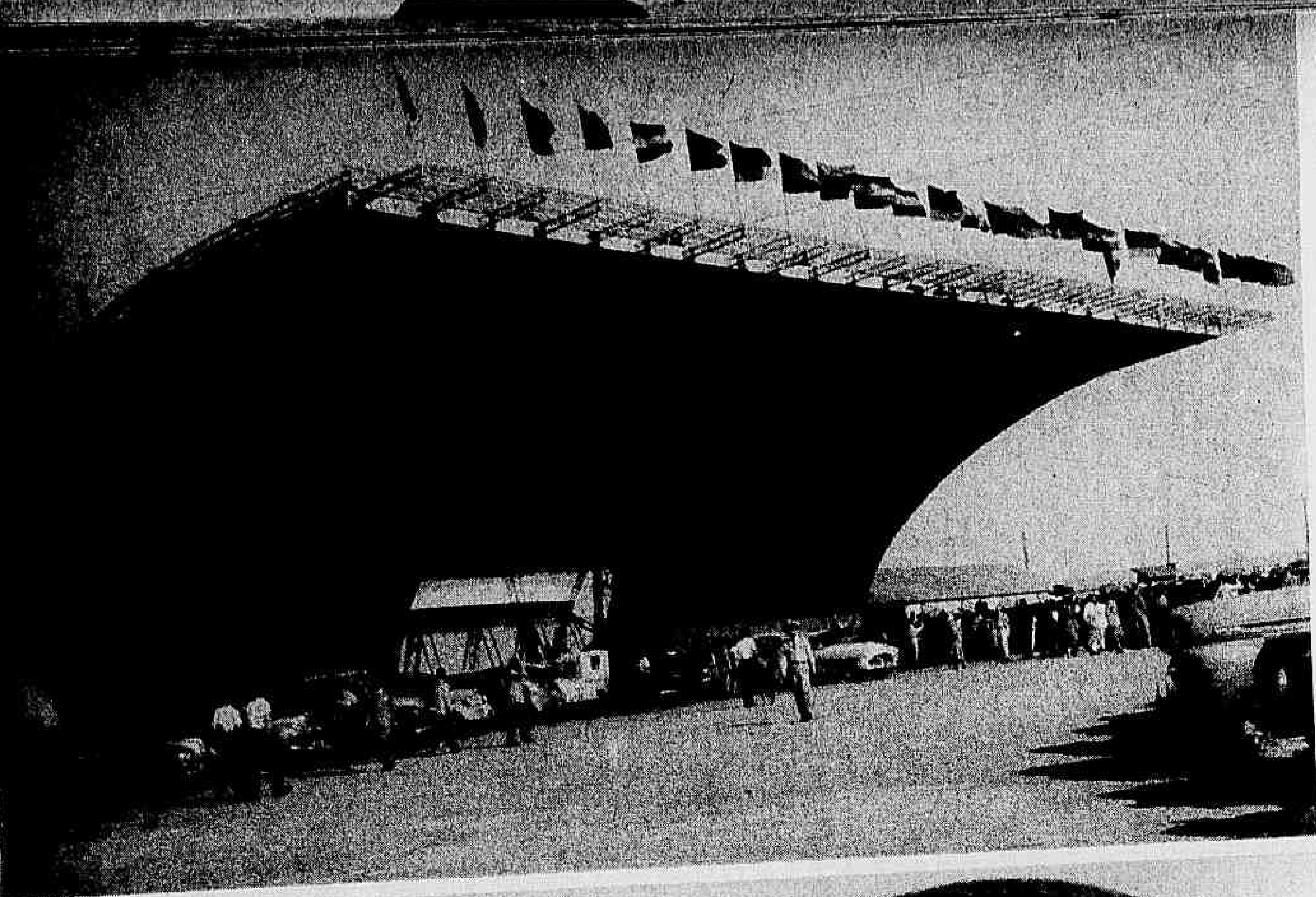








A parada militar foi um dos episódios mais bonitos do programa de festejos, pela irrepreensível apresentação das tropas como pelas suas proporções. Na foto de cima o vice-presidente Café Filho, o Presidente Getúlio Vargas, o governador Munhoz da Rocha, o ministro Cyro Cardoso, entre outros, assistindo o desfile. Na gravura seguinte, a senhora Munhoz da Rocha entre ilustres damas, aprecia a parada das fôrças da 5ª R.M., da qual são os dois aspectos de baixo.





O Chefe da Nação, sorridente, mostra a medalha de ouro comemorativa da inauguração da Exposição Internacional do Café, que acabava de receber do governador do Paraná.





Ao alto — Porta monumental da Exposição Internacional do Café e Feira de Curitiba. Na foto do centro — O Presidente da República corta a fita simbólica, inaugurando aquêles dois importantes certames. Em baixo — O «bicho mineiro», praga do café, grandemente ampliado, é apreciado pelo ministro João Cleófas, Presidente Getúlio Vargas e governador Munhoz da Rocha.

Do programa cumprido, muito se teria que falar. E' bastante, porém, mencionar a beleza e a imponência de algumas das suas mais brilhantes passagens, como a recepção de gala nos salões do Clube Curitibano, inexcedível em esplendor, na qual, a meia-noite em ponto, foi saudado o raiar da Magna Data pela palavra do Chefe do Govêrno paranaense e do Presidente da República; como a parada militar de irrepreensível apresentação e consideráveis proporções; como o surpreendente desfile dos grupos étnicos alienígenas, (*) que compuseram, com o seu trabalho e o seu idealismo, uma parcela da grandeza do Paraná dos nossos dias, e que constituiu um espetáculo dos mais belos a que já assistimos, desde a parada dos 4 séculos ocorrida nas comemorações do 4º Centenário da Cidade do Salvador; como o banquete oficial, a tarde turfística, o baile do Jóquei Clube Paranaense, a inauguração da Exposição Internacional do Café e Feira de Curitiba com a monumental recepção que aí o govêrno do Paraná proporcionou ao povo; como o conclave dos governadores dos Estados componentes da bacia Paraná-Uruguai, na qual o presidente Getúlio Vargas fêz declarações de ressonância internacional. E mais inaugurações de importantes obras públicas, e mais festas aqui e ali, num rosário infindável de comemorações as mais justas, tão relevante era o acontecimento que o Paraná e o Brasil inteiro exaltavam, com a participa-



A reunião dos governadores dos Estados componentes da bacia Paraná-Uruguai foi realizada com a presença dos mandatários de São Paulo (que se vê na fotografia, falando), Minas, R.G. do Sul, M. Grosso, S. Catarina e Goiás. Estiveram presente o sr. Getúlio Vargas, ministros e personalidades.

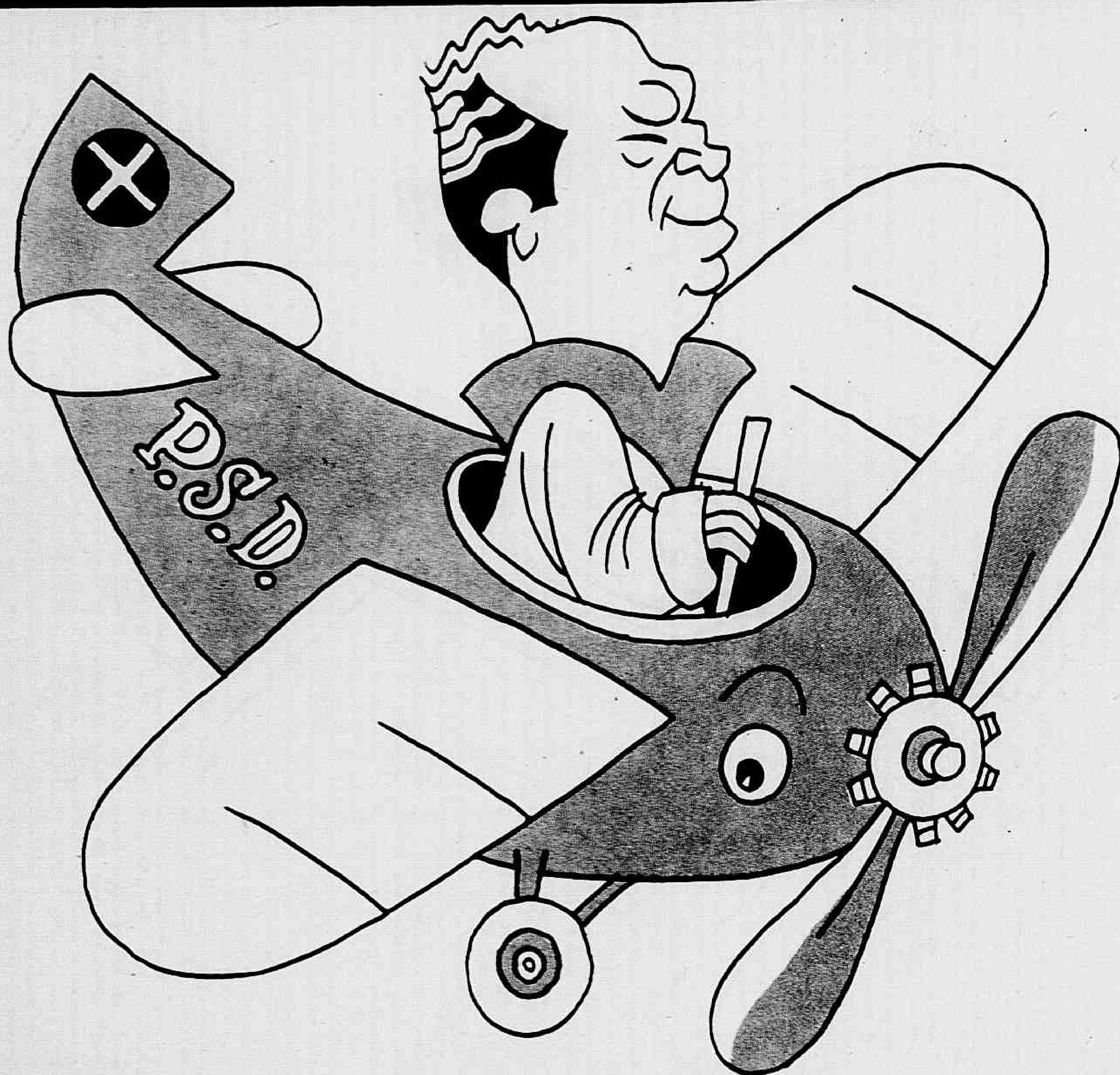
ção e irrestrito apoio das suas fôrças vivas e atuantes.

O Paraná de hoje, soberbo de progresso, próspero e feliz, caminhando sereno e forte para um futuro de grandeza imprevisíveis, soube compreender a magnitude do acontecimento maior da sua história, e melhor ainda soube festejá-lo condignamente, quando decorridos cem anos da sua ocorrência, mostrando que é com o culto do passado — dos seus homens e dos seus episódios marcantes — que se revigora a fé nos dias porvindouros.

(*) O desfile dos grupos étnicos, que tanto sucesso alcançou, será objeto de capa e de uma reportagem a côres no próximo número desta Revista.

À direita — Na foto de cima, aspecto da tribuna de honra do Hipódromo de Curitiba, vendo-se o governador do Paraná e senhora Munhoz da Rocha, o vice-presidente da República, sr. Café Filho, e o presidente da Câmara dos Deputados, sr. Nereu Ramos. Na foto de baixo — Crèche «Dona Darcy», inagurada durante os grandes festejos comemorativos do Primeiro Centenário.







KUBITSCHEK

CASTELLO

DIZ-SE em Minas que Juscelino Kubitschek é o filho do governador. O governador mesmo, com a tradicional sisudez que se atribui ali aos ocupantes do Palácio da Liberdade, não pode pôr a mão no rapaz travêsso que goza as alegrias do poder.

Convenhamos que não será tanto assim. Que é a fisionomia jovial, a gargalhada sempre pronta, o prazer da dança, uma certa falta de jeito para os formalismos que roubam a densidade dêsse político ainda jovem. Em compensação êsses mesmos atributos lhe permitem uma mobilidade adequada a quem lançou um programa administrativo tão ousado e dinâmico como o do Binômio.

Juscelino Kubitschek sempre teve, no seu êxito político, o dom de despertar sentimentos contrários bastante profundos. Basta dizer que, nas vésperas do 29 de outubro, como prefeito de Belo Horizonte, quase conseguiu deixar em plano secundário, na revolta dos que queriam acabar com a situação ditatorial, o próprio Benedito Valadares, um político que era então

não apenas combatido mas odiado. Êle tem a suprema habilidade de ferir o adversário em pontos vitais.

Benedito escolheu-o para Prefeito já pensando nas eleições, confiante na sua sedução pessoal. E o moço entrou de peito no cargo. Seu primeiro ato foi, em plena guerra, abrir enormes valas na principal avenida de Belo Horizonte, iniciando as obras de asfaltamento. O barro acumulado à margem das valas atingia quase dois metros. Era a chamada «linha Kubitschek».

Em pouco, começava êle a inaugurar restaurantes populares, postos de assistência e outras perfumarias com as quais preparava o ambiente para aceitação daquilo que, apesar de tudo, é ainda a sua grande obra: o conjunto arquitetônico da Pampulha. Abriu Minas Gerais aos artistas novos, fazendo da capital mineira o mais importante centro de renovação da arquitetura brasileira.

Entretanto, quase tôda a sua atividade administrativa, afora a Pampulha, era alguma coisa a que faltava seriedade: eram pequenos melhoramentos, pequenos serviços com os quais se atendia menos a um plano geral de necessidades do que a um plano geral de conquista do eleitorado.

O êxito dêsse plano e sua participação inesperada nos acontecimentos que precederam o 29 de outubro, se não justificam, explicam pelo menos a torrente de ódio que, nos primeiros comícios de 1945, desabava sôbre êle. Era um inimigo que se procurava ferir fundo e que reagiu em atos equivalentes.

Era eu naquele tempo secretário de um jornal mineiro que se pôs ao lado do movimento democrático. Apesar disso, o Prefeito preparou lá dentro as injunções a seu favor. O jornal lhe era simpático.

O volume e o ardor da primeira investida esmagava literalmente os homens de govêrno, muitos em pânico. Ou haveria uma reação imediata ou não sobreveriam. Os comícios exibiam em praça pública um Juscelino irresponsável e criminoso. Criou-se a convicção de que êle não passava de uma espécie de bailarino devasso.



Nisso surgem as primeiras manifestações queremistas, uma molecada sôlta nas ruas batendo caixa, rasgando cartazes, agressiva, numa espécie de contra-revolução que no momento servia muito menos a Getúlio do que àqueles que se sentiam desarmados e inseguros diante da indignação pública. Ligando a reação à ação, logo se identificaram os arruaceiros como gente da Prefeitura, garis e operários, que, feito o «serviço», iam às caladas receber o soldo no erário municipal. Os cabras do «queremos» — nessa época o movimento não era ainda popular, mas visivelmente organizado e estimulado, recrutando gente notòriamente perigosa — eram apontados como cabras de Juscelino.

Trabalhávamos uma noite quando essa gente se aproximou do jornal em posição de combate. Ia haver o assalto. Fecharam-se os portões e nossa guarda pretoriana — nove homens de fuzil na mão —, de arma engatilhada, ficou preparada para a primeira salva. O portão gemia ao impacto da multidão que se atirava contra êle. Lá dentro, sabíamos que íamos ser atacados por Juscelino. Ninguém duvidava disso. A Polícia, ausente, não dava o menor sinal de socorro.

Depois de algumas tentativas, a multidão recuou. Exigimos, os que trabalhávamos no jornal, uma resposta cabal a Juscelino. Ela saiu na primeira página, no dia seguinte, e as ameaças cessaram.

Guardo talvez dessa noite uma certa prevenção que o contato pessoal, sempre ameno, jamais apagou de todo. Não sei se Juscelino era o responsável pelo ataque a um local de trabalho, a uma redação de jornal. É possível que não. Mas o resaibo ficou e me sobe ao peito tôda vez que há um movimento para apresentá-lo como bom moço.

Bom moço que é, alegre, franco, boa conversa, correto no trato pessoal. Um moço que, pelas aparências, não justifica nunca, a quem não conhece Minas, a resistência da oposição em se compor com êle, para levá-lo ao Catete. Vai ser difícil, dentro do Estado, superar essa coisa. Mas se êle o conseguir, não se iludam — trata-se de um candidato forte, de um homem capaz de se insinuar perante o eleitorado, senão por outras coisas, pela alegria e o saudável convívio.

A política conservadora não vê com bons olhos as maneiras airosas de Juscelino Kubitschek. Mas o fato de ser êle governador de Minas Gerais (o Estado de maior quociente eleitoral de todo o país) o torna candidato potencial à disputada Presidência da República.

a SEMANA em REVISTA

DISCOS



Isaura Garcia

SIVUCA — «Só esta valsa» e «Sincopado» — Sivuca é um dos que não vieram do norte. Isto é, um dos que criaram fama, mas não vieram «fazer o Rio». Sua valsa é daquelas, bem cheia de voltinhas, como são, de resto, as nossas valsas. A face «B» é um chôro, um bom chôro. (Continental).

SEVERINO ARAÚJO — «Não tem solução» e «Tema lógico» — O samba de Dorival Caymmi e Carlinhos Guinle (letra e música de Caymmi e uísque e soda de Guinle) tocado no que os entendidos chamam de «moderno» e nós de «americanização» do samba, que aliás é talvez o pior samba de Caymmi, o menos Caymmi, pelo menos. O outro é uma daquelas coisas de Severino para fazer brilhar o sax-tenor de Zé Bodega. (Continental).

INEZITA BARROSO — «O canto do mar» e «Maria do Mar» — Esta é uma excelente cantora, mais afeita aos números folclóricos e que nos parece melhor quando canta acompanhada pelo seu próprio violão. Nestas gravações Inezita canta com orquestra, mas, mesmo assim deixa patente seus excelentes dotes de cantora popular. (Victor).

ISAURA GARCIA — «Passarinho vai» e «Sei que você volta» — A número 1 de São Paulo muito bem no samba «Sei que você volta». Um pouco deslocada no baião da face «A». (Victor).

BLACK-OUT — «Escravo da obrigação» e «Papagaio falador» — Dois sambas na voz fanhosa do Black-Out, cheios de uma bossa que está um pouquinho forçada. (Victor).

TRIO DE OURO — «Luzes da Ribalta» e «Maria Louca» — Herivelto, Herivelto, você é tão bom sambista como é que grava um negócio como «Luzes da Ribalta». Deixe essas coisas pro pessoal das «versões brasileiras» e mete os peitos no samba de raça. (Victor).

LAURINDO ALMEIDA — «Delicado» e «Varadero» — Laurindo não acrescenta nada ao «Delicado» de Waldir Azevedo, que foi o primeiro e é ainda o melhor. Quanto ao segundo número é um dêsses negócios que americano faz pensando que ficou muito latino, cheio de «south america», «sombreros» e outras bossas. (Decca).

BALLET



Beatriz Consuelo

Êste ano de 1954, tudo faz crer, será auspicioso para os apreciadores do «ballet». Já em maio anuncia-se uma grande temporada internacional com o «Grand Ballet du Marquês de Cuevas», trazendo, além de suas «estrêlas», uma convidada especial: possìvelmente Alícia Markova.

Dançando atualmente no Theatre de l'Empire, em Paris, o «Ballet do Marquês» foi considerado o mais cosmopolita das companhias de bailado, pois tôdas as noites reunia em cena bailarinas de 17 nacionalidades.

CARTAZES

VIDA DURA

A vida, nesta cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro anda mais dura do que nunca. A lei é que não anda lá essas coisas. Pelo contrário até; há muito «gavião da candelária» por aí fazendo pouco dela, o que vem provar que os tempos mudaram. Já não se justifica mais a frase célebre do juiz romano, frase cujos direitos autorais foram vendidos, mais tarde, a uma fábrica de gomalina «Dura lex sed lex».

A lei, pelo menos por aqui, já foi dura e já foi lei, agora é brinquedo nas mãos de certas figurinhas de prestígio junto às chamadas classes dirigentes que lhes facilitam os golpes e falcatruas.

Mas êsses, acima de fazerem dura a vida do próximo, fazem dura a vida do país. São os que criam os grandes casos, as grandes crises. Para êles, portanto, nós, simples componentes da classe dirigida, na impossibilidade de darmos o nosso bofetão, damos o nosso profundo desprêzo.

Deixemos os que, de maneira indireta, nos fazem dura a vida e tratemos dos outros, os que atingem diretamente, porque, segundo parece, existem uns cavalheiros nesta terra que se especializaram em chatear a população.

Antigamente a gente ainda encontrava um tipo que sofria de utilidade pública; sujeito que tirava casca de banana da calçada, portava tezourinha de unhas para o caso de alguém precisar, tinha sempre trôco para duzentos, etc. Hoje não; hoje ou o camarada é neutro, absolutamente neutro, ou então atrapalha os semelhantes.

E nisso de atrapalhar existem verdadeiros campeões nestas plagas. Vejam, por exemplo, o sr. Yedo Fiuza. Êsse camarada, que é o responsável pelo não fornecimento de água ao carioca, dá a gente a impressão de que, de noite, sai por aí com um prego e um martelo furando tudo que é adutora.

Outro bom exemplo também é o Barreto Pinto que atrapalha uma determinada casta, ou seja, a casta que ainda pode freqüentar o Teatro Municipal. Ainda poderia, ficaria melhor dito, se o trêfego Barreto não distribuisse as entradas com a turma da sua predileção.

Há ainda o simpático sr. Luís Severiano Ribeiro que — ninguém sabe por que — teima em fazer a população assistir fita ruim. Ainda na semana passada foi assim. «Brinquedo Proibido», filme mundialmente consagrado como um dos melhores dos últimos tempos, foi exibido em uns poucos cinemas. E como milhares de pessoas não conseguiram entrar nos ditos, veio uma segunda semana, mas em quatro dos maiores poeiras da praça: Alaska, Império e Iguaçu. São coisas que só os Severianos entendem.

E para finalizar a lista dos que atrapalham, nada mais ilustrativa do que a figura do sr. Edgar Estrêla, a sempre altaneira figura do sr. Edgar Estrêla, que nos faz logo pensar em jabaculê para o guarda, «trânsito impedido», «é proibido neste local», «mão única» e outras misérias.

Muito bom para entrevistas, o Chefe do Serviço de Trânsito, faz pouco, falou aos jornais, dizendo que iria iniciar uma campanha pelo tráfego silencioso, sem businas. Naturalmente êle quis dizer engarrafamento silencioso.

STANISLAU PONTE PRETA

1.º CONGRESSO DE BIBLIOTECAS DO DISTRITO FEDERAL



INSTALOU-SE, com uma sessão solene realizada no auditório do IPASE, o primeiro grande conclave dos bibliotecários cariocas, realizado em ambiente de invulgar entusiasmo e espírito de cooperação entre as instituições biblioteconômicas e culturais participantes. De cima para baixo, vemos, no clichê, os membros da Comissão Permanente de Incentivo e Assistência às Bibliotecas, logo após tomar posse no gabinete do Ministro da Educação e Cultura; o professor Mourão Filho, titular da Secretaria Geral de Educação e Cultura da Prefeitura do Distrito Federal, quando discursava na solenidade de abertura do congresso; o professor Francisco Maciel Pinheiro, diretor da Biblioteca Municipal, quando falava, por ocasião da entrega dos diplomas aos alunos dos cursos de extensão cultural organizados por aquela instituição; e aspecto da II Exposição Municipal de "Ex Libris", promovida pela Biblioteca Municipal, em colaboração com o Clube Internacional de "Ex Libris" e Câmara do Distrito Federal e instalada no salão nobre daquela casa legislativa, vendo-se, no grupo, o professor Mourão Filho, vereador Pascoal Carlos Magno e outras figuras de destaque nos círculos educacionais, artísticos e culturais desta capital.

"BOITES"

«Quem inventou a mulata?» estreou finalmente, no segundo dia do ano, na «boite» do Night & Day. Trata-se de um «show» imaginado por Fernando Lôbo e Ari Barroso, com coreografia de Juliana Yanakieva e direção de Floriano Faissal.

Entre outros méritos, «Quem inventou a mulata?» traz de volta a excelente sambista Horacina Correia, há muitos anos afastada dos nossos palcos, devida a uma excursão iniciada com o saudoso maestro Fon-Fon, em Londres, e terminada recentemente (quase 5 anos depois), no Cairo.

Horacina, mesmo pouco solicitada nesta oportunidade, demonstra que não perdeu nada dos seus dotes de cantora. Ao seu lado o versátil Chocolate, cheio de malandragens, consegue, com facilidade, superar os outros cômicos do elenco, principalmente, no seu diálogo com a bela Dorinha Duval, ou naquele outro momento, em que apresenta o camarada que toca sambas numa folhinha de «ficus».

As Escolas de Samba que vêm a seguir fazem algumas evoluções na pista, lideradas pelo porta estandarte da Escola de Portela e, em seguida, as pastorinhas de Jupira, dirigidas por Herivelto Martins, dão a nota culminante do espetáculo, ao saírem, uma por uma, para sapatear no estrado.

Mas aqui é que se descobre o grande segrêdo de Carlos Machado: o guarda-roupa. Mesmo atuando com muito mais realce que as pastoras de Ataúlfo Alves, estas, que Herivelto dirige, não conseguem impressionar tanto, tal a pobreza de suas fantasias de mal gôsto e deselegantes.

Vale, porém, o «show» pelas piadas de Chocolate, pelo samba de Horacina, pelo trombone de Leonel, que acompanha o batuque no final do espetáculo.

★

No mesmo dia em que estreava «Quem inventou a mulata?» no Night & Day, uma outra «boite» — o Beguin — estreava também o seu espetáculo carnavalesco: «Quem roubou meu samba?», dirigido por Silveira Sampaio.

Faremos a sua apreciação, se Deus quiser, na próxima semana.



Fernando Lôbo

Semana POLÍTICA

FRACASSO DOS PARTIDOS

C. C. B.

A arregimentação de fôrças políticas em São Paulo em tôrno de três nomes que valem eleitoralmente pelo seu prestígio pessoal e pelos instrumentos de catequese de que dispõem poderá ser tomada como o reconhecimento definitivo da falência dos partidos tal como a lei os organizou. Há qualquer coisa de visceralmente errado ou contraditório no sistema partidário nacional, pois até hoje, nove anos depois de instituído, não conseguiu êle um mínimo de funcionamento.

Em São Paulo, os grandes partidos que conseguiram, bem ou mal, se organizar nos outros Estados, não vingaram, sendo ali fôrças secundárias de arregimentação, com poder de influência sôbre as massas muito reduzido. PSD, UDN e PR, unidos, não dão ali para fazer um candidato que possa se opor com possibilidades a um Ademar, a um Borghi ou a um Jânio Quadros. O PTB pulverizou-se num sem número de correntes, que nada valem e que só adquirem expressão se unidas em tôrno de um demagogo em evidência.

Por outro lado, o ademarismo, que é um movimento sem forma política, que é uma aventura pessoal, e nada mais, para legalizar sua situação registrou uma legenda, na qual entram e da qual saem aquêles que por conveniência política se aproximam ou se afastam de Ademar. O pseudo partido funciona como um comité de propaganda financiado pelo seu dono, que exige de todos submissão e fidelidade.

Jânio Quadros, oriundo de uma pequena organização partidária, excedeu-lhe os quadros e as possibilidades com seu êxito de 22 de março último, a tal ponto que o PDC, para sobreviver e espandir-se, terá de ficar prêso à experiência também tìpicamente personalista, a essa aventura pessoal do poder, que é a vertiginosa carreira do prefeito de São Paulo.

Em face dessas duas potências da demagogia aventurista, cada qual explorando um dos filões que, pela ingenuidade e a ignorância, vai ao coração das massas, todos os demais partidos políticos de S. Paulo — cinco ou seis, numa aliança promovida pelo governador do Estado e prestigiada pelo govêrno da República — procuram se unir para impor nas urnas o que lògicamente deveria ser o princípio do predomínio da organização política, dos programas de partido. E como o fazem? Escolhendo para candidato um político partidário, que fôsse a expressão do movimento? Não. Unem-se e elegem o seu representante, na disputa contra Ademar e contra Jânio, um homem de massas, um apolítico e um técnico que, por atitudes negativas, soube conquistar popularidade. A seu modo, um demagogo também.

COLIGAÇÃO CARIOCA

A coligação carioca para disputar as aleições para o Senado e à Câmara Federal não terá chapa comum para a Câmara Municipal. Cada um dos partidos que a compõem disputará com chapa própria as cadeiras da Gaiola de Ouro, o que é considerado uma boa tática eleitoral.

A coligação é integrada da UDN, do PR, do PL, do PDC e da dissidência do PTB. Os socialistas participaram das conversações inicialmente, mas tiveram seu ingresso na entente barrado pelo PDC. Carlos Lacerda, que vinha sendo disputado pelos udenistas e pedecistas, é a grande atração da chapa de deputados, seguido de Frota Aguiar e Gurgel do Amaral, êste último já possìvelmente integrado no PR. O PR dará outro nome conhecido na chapa: Jurandir Pires Ferreira.

Entretanto, a participação dos republicanos não está assegurada, de vez que êles reivindicam o direito de indicar cinco candidatos, no que poderão não ser atendidos. De qualquer forma, o presidente do partido foi autorizado a prosseguir nas conversações.

O ESQUEMA ETELVINO
FRACASSA EM PERNAMBUCO



O esquema Etelvino, antes de ter sido adotado no plano federal, procurou ser aplicado no seu Estado-fonte, Pernambuco. A experiência, entretanto, não vem dando bons resultados, pois ali o PSD acha que tudo deve partir de uma premissa: a supremacia pessedista no Estado.

Essa preliminar foi rejeitada pela UDN que, entretanto, poderá, no correr das conversações, adotar um candidato pessedista. Para isso, surgem dificuldades: o PSD não se põe de acôrdo em tôrno de um nome só e a UDN se recusa a apontar, entre os pessedistas que disputam a indicação, o da sua preferência. Não quer comprar briga no PSD.

Por outro lado, o ministro João Cleofas, que deu a vitória a Etelvino em 1952, diz que não pretende liqüidar a UDN, apoiando pela segunda vez e para um período longo um candidato do PSD. Para isso, afirma, é melhor perdermos normalmente, nas urnas, com nosso candidato.

Dessa maneira, o governador Etelvino está ameaçado de vir ao Rio em fevereiro pedir ao PSD nacional que aprove uma fórmula que não conseguiu impor à política do seu Estado.

RESPOSTAS DA PÁGINA 36

1 — Vitorioso
2 — Leibnitz
3 — De parto
4 — Júpiter Olímpico
5 — O Potomac
6 — Baobá
7 — Minas Gerais
8 — A Feia
9 — A carnaúba
10 — Cachoeiro do Itapemirim
11 — Na serra da Mantiqueira (2.422 m — pico Marins)
12 — O Almirante Barroso
13 — Guaínia
14 — Em São Paulo
15 — Em Santo Amaro



ADEMAR, GETÚLIO E D. LEONOR — A foto é de 1940. Vargas, ditador, vai a S. Paulo, para inauguração de obras do interventor Ademar de Barros. Foram cinco dias festivos, risonhos, felizes. Na Europa, segundo as previsões do sr. Getúlio Vargas, em discurso pronunciado no couraçado «Minas Gerais», «desmoronava» o mundo democrático e as legiões do hitlerismo avançavam vitoriosamente, na conquista de uma paz totalitária que deveria durar mil anos.



UM NOME E UMA NOTÍCIA

JOÃO ROMA, deputado pernambucano, procurou o ministro João Cleofas para falar sôbre sucessão em Pernambuco. «Você acha, Roma — perguntou-lhe o ministro — que, se eu chegar amanhã no Recife apoiando sua candidatura, eu fico bem?» E o deputado, conciso: «Não».

VIDAL RAMOS (pai de Nereu Ramos), que morreu recentemente aos 88 anos de idade, depois de intensa vida pública, nos últimos cinco anos limitava-se a ler tôdas as manhãs o «Jornal do Comércio». E explicava-se: «tenho aqui tôdas as notícias do mundo e não corro o risco de me emocionar. Não há crônica política».

ARMANDO FALCÃO, que se encontra ainda no Ceará, foi sondar suas possibilidades de reeleição, na capital e no interior. Caso os amigos do sertão tenham fraquejado, o deputado Falcão poderá desistir de disputar o pleito no Ceará, deslocando para o Rio(na coligação Lacerda) suas aspirações políticas.

CASTILHO CABRAL entrou na segunda lista, trazida pelo governador Garcez ao Presidente da República, de nomes para escolha do candidato ao govêrno de São Paulo. O presidente da Comissão Parlamentar de Inquérito, entretanto, não foi considerado pelo sr. Getúlio Vargas.

HUGO BORGHI foi levado a um canto, no Aeroporto Santos Dumont, pelo governador Garcez, que vinha de estar com o ministro Osvaldo Aranha. Um repórter, passando por perto, ouviu a recomendação do governador ao marmiteiro: «qualquer dificuldade procura o Rao».

ANTÔNIO BALBINO, que não é dos políticos mais discretos, desconfia que conversou demais antes da reunião do PSD da Bahia, na qual o governador Régis Pacheco levou a melhor. «Agora — disse Balbino — vou ver se aprendo a ficar calado. Falar não dá mesmo resultado».

OSVALDO ARANHA continua desmentindo. Há poucos dias, tendo o governador de São Paulo declarado aos jornais que havia conversado política com o ministro da Fazenda, êste o contestou formalmente pelo «O Globo»: «Não é verdade — disse — não falei de política».



OSVALDO ARANHA



ARMANDO FALCÃO



HUGO BORGHI

DICIONÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO

OUTUBRO

Assim como na lua cheia os loucos ficam mais loucos, no mês de outubro os políticos do Brasil caem no «santo» e cometem terríveis diabruras mais ou menos cívicas. O sr. Getúlio Vargas, sobretudo, sofre uma fatalidade outubrina que lhe tem causado, pela vida em fora, subidas e descidas violentas. Foi num mês de outubro que o atual presidente e outros rapazes afoitos resolveram amarrar o país ao obelisco da avenida Rio Branco, onde o pobre continua até hoje: por isso é que é tão animado o carnaval na avenida Rio Branco. Outubral, também, foi o golpe militar que despejou o relapso inquilino do Catete, em 1945. E é num outubro, finalmente, que o estancieiro Vargas, desta vez pelos contraditórios caminhos da democracia, retorna ao velho galho. O próximo outubro ainda é interrogação: ninguém sabe se será favorável a Vargas, ao Brasil ou à plantação de abacaxis tropicais.



SOCIALISMO

Entrefechada direita, entreaberta esquerda. Um pouco de «Petrobrás» e um pouco de «Standard Oil». Um pouco de «Jeep» e um pouco de «Cadillac». Um pouco de «boite» e um pouco de «boteco». Um pouco de João Mangabeira, o açúcar de Velasco e a pimenta de Osório Borba. Convencidos de que «o mundo marcha para o socialismo», os socialistas brasileiros estão esperando que o mundo chegue ao «Café Vermelhinho». Alguns, entretanto, o esperam no «Vogue».



JANIO QUADROS

No Brasil, o político que não rouba, nem faz a barba, passa à categoria de fenômeno. É o caso do prefeito Jânio Quadros, que hoje é o mais famoso e categorizado gari da limpeza pública nacional. Depois de vassourar a Prefeitura paulista, o tostão Jânio prepara-se para dedetizar os Campos Elíseos, convencido de que o inseticida é o grande remédio para os males nacionais. O perigo do momento é que numerosos políticos, impressionados com a vitória de Jânio, querem, também, passar por mata-mosquitos da moralidade pública, o que, evidentemente, avacalha o mercado.

NACIONALISMO

Substantivo verde-amarelo, com muitos tarachibuns. O nacionalista é antes de tudo uma figura petrolífera. Mas é certo que funciona em outros ramos. Por exemplo: só toma cachaça e, quanto ao «wisky», não passa do Balmoral; só toma ônibus com carroçaria fabricada em São Paulo; não troca Elvira Pagã por Marilyn Monroe; não aceita convite para «jantar americano»; navio, só embarca nos do «Lóide», quando queimam carvão nacional; pronuncia **liquiti ande pover** e escreve **laite ende pauer**; só canta fox-trot em ritmo de baião. Um verdadeiro nacionalista deve chamar-se Peri Tupininquim dos Santos e morar na avenida Sete de Setembro nº 1889.



ÚLTIMO "FLASH"

Aquêles índios Xavantes, outrora ferozes e intratáveis, agora mansos e cordatos, constituíram a nota colorida e diferente da cruenta batalha que foi o último Flamengo e Vasco, o chamado "Fla-Flu do povo". Trazidos de suas malocas, no ínvio Mato Grosso, os Xavantes foram levados ao Maracanã para o grande espetáculo. E acharam grande mesmo... Durante os 90 minutos da pugna, não tiraram os olhos do gramado e não perderam um só lance. E, após a peleja, fizeram questão de ser apresentados a alguns jogadores. Na foto acima dois dêles aparecem ao lado de Índio, o vertiginoso "center-forward" rubro negro, que foi uma das grandes figuras do encontro que comoveu a cidade inteira.

(Foto de Alexandre Miranda)

NÃO
do
tis
nã
de
im

FILÉ MIGNON É A "AVANT-PREMIÈRE" DO PICADINHO



— Que é que devo fazer, doutor. Meu marido cismou que tenho duas caras.

NÃO COMPREENDO...

... porque quando vamos ao dentista e êle diz que não nos pode atender sentimos um imenso alívio.



Ilustrado por

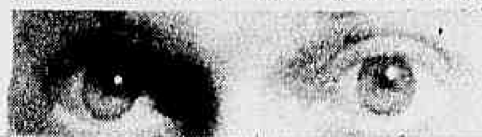
PIQUI



Médico - Seu mal é fome. Tome estas pílulas antes das refeições.

Mendigo - Que refeições?

PONTOS DE VISTA



DACTILÓGRAFA são 2 joelhos escrevendo à máquina.

MISS OBJETIVA é uma aula de anatomia em praça pública.

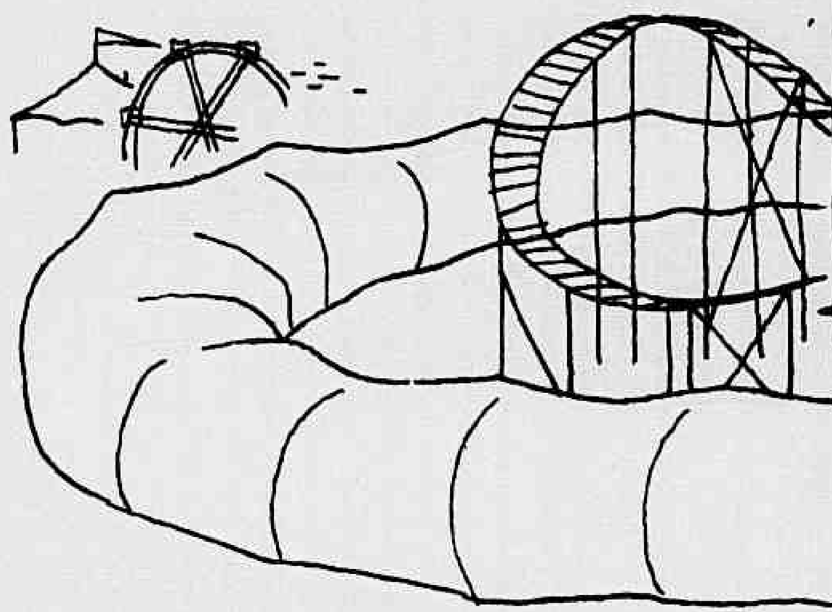
RÉ é uma mulher que movimenta a opinião pública antes de ser absolvida.

Pensamento explosixo:

A VERDADEIRA SABOTAGEM NÃO CONSISTE EM SE IGNORAR QUEM FÊZ ESTOURAR A BOMBA, MAS EM EVITAR QUE SE SAIBA O NOME DO RESPONSÁVEL.

MULHER INFLUENCIÁVEL

- Casou-se com um geômetra, teve uma filha cheia de curvas.
- Casou-se com um leiteiro, nasceram-lhe bolhas dágua.
- Casou-se com um químico, ganhou mais uma experiência.
- Casou-se com um humorista, ficou uma gracinha.
- Casou-se com um arquiteto, andou de cabeça erguida.
- Casou-se com um jornalista, conheceu vários tipos.
- Casou-se com um padeiro, deu-lhe várias bolachas.
- Casou-se com um advogado, era um meio de defesa.
- Casou-se com um meteorologista, fechou o tempo.
- Casou-se com um agente de seguros, foi um desastre.
- Casou-se com um sapateiro, bateu as botas.



Ao saírem do Túnel do Amor, no parque de diversões: Disse o rapaz: Sentiu alguma coisa lhe tocar no rosto? Disse a moça: No rosto não.

ÁLBUM DE RECORDAÇÕES DE UM ESQUARTEJADOR DE MULHERES



Maria Lúcia (Serrote, 1927)



Vera Maria (Machadinha, 1932)



Ana Cecília (Punhal, 1945)



Um "connoisseur"...



...é aquêle que distingue entre os melhores vinhos — o mais fino, o de melhor paladar, o que mais caracteriza o bom gôsto da escolha.

E é também esta particularidade que leva os fumantes a preferir

hollywood

uma tradição de bom gôsto

II-88.245

UM PRODUTO SOUZA CRUZ